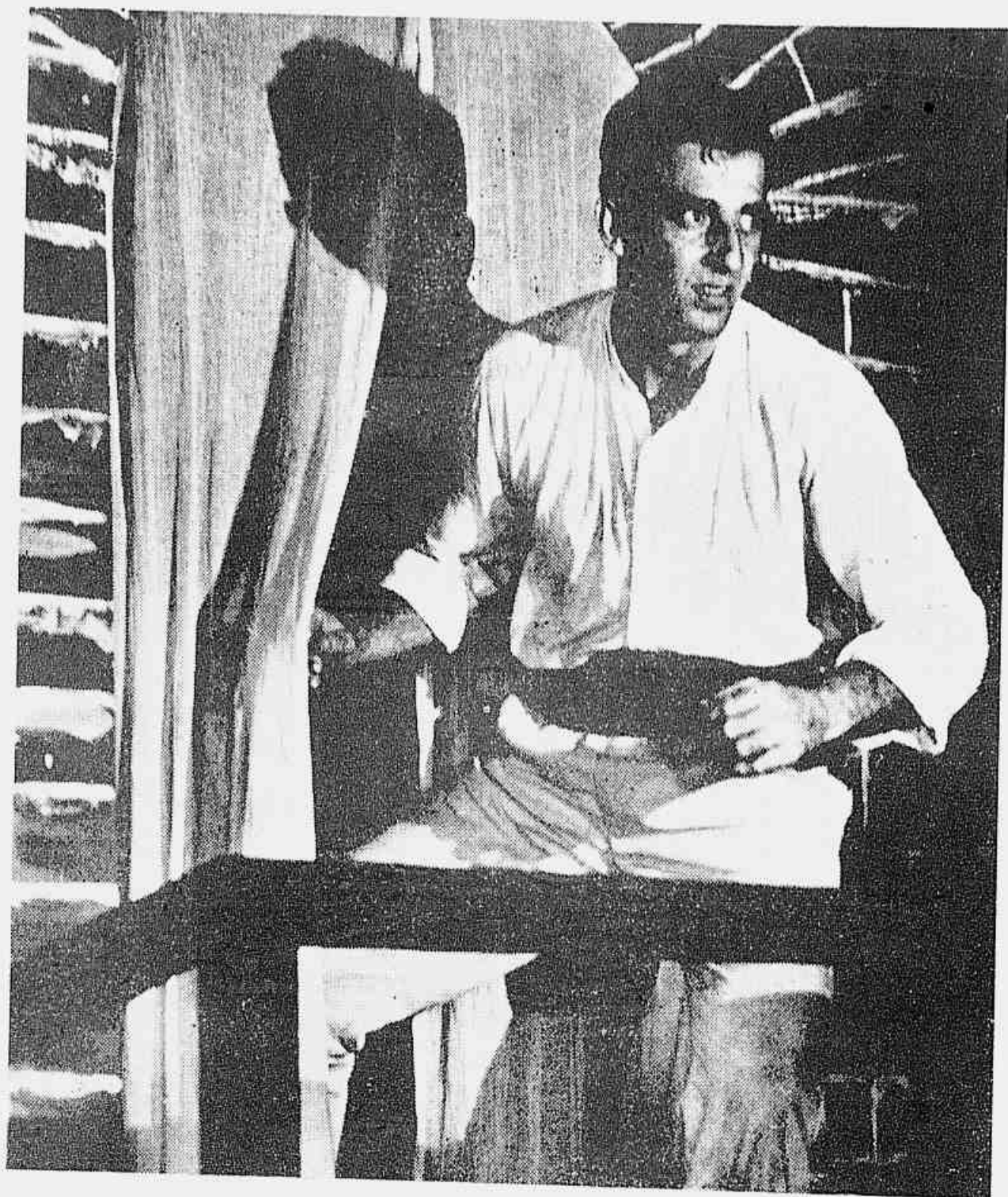


REVISTA DA SEMANA

N. 28 -- 10-7-48

Cr\$ 3,00 em todo o Brasil





A esquerda — Otávio Rosa Borges, no papel de Manelick, da peça "Planície", de Guimara, dada com sucesso no Teatro Santa Isabel, de Recife. A direita: Diná Rosa Borges de Oliveira e a senhorita Lourdira Reinaldo, em uma cena da peça "Planície", de Guimara.



Cena do segundo ato da peça "Planície", de Guimara, tradução e direção de Adauto Filho.



Cena do terceiro ato da peça "Planície".

O TEATRO DE AMADORES DE PERNAMBUCO

O Teatro de Amadores de Pernambuco, com sete anos de existência, realizou, há pouco, mais uma série de brilhantes espetáculos sob a direção de Adauto Filho. Entre esses espetáculos, destacou-se o que foi dado com a peça espanhola "Planície", que teve o concurso dos amadores dr. Walter de Oliveira, senhoritas Bebê Salazar, Vicentina Freitas do Amaral, Maria de Lourdes Reinaldo, senhora Diná Rosa Borges de Oliveira, Algcdco Costa, Deocleciano de Lima, sr. Reinaldo Rosa Borges de Oliveira, dr. Waldemar de Oliveira e senhores Otávio da Rosa Borges, Adalmar de Oliveira e Mario Barros. "Planície" foi montada com grande esmero, tendo os cenários sido desenhados por Laila Cardoso Aires, um dos mais brilhantes artistas pernambucanos. Os amadores de Recife estão cada vez mais prestigiados em sua missão em prol da elevação do nosso teatro pela elite social e cultural de Pernambuco.

Rodrigues Alves e a ingratidão dos cariocas

S E, no dia em que transcorreu o centenário do nascimento de Rodrigues Alves, alguém quisesse colocar, no Rio de Janeiro, uma grinalda ou mesmo simples ramo de flores naturais ao pé de um monumento ao grande benfeitor da cidade, chegaria à conclusão de que não há, na capital da República, um simples busto ou mesmo um singelo medalhão lembrando aos pósteros os serviços do ilustre homem de Estado. Teríamos que ir colocar essa grinalda, em intenção dele, junto aos monumentos erigidos a alguns dos seus colaboradores, — dos poucos que foram lembrados. Tudo quanto existe em sua honra são algumas placas colocadas numa avenida maltratada, que margina o cais do porto. A própria Avenida Central, que mandou abrir, — e podia ter sido a sua, — foi crismada com o nome de um dos seus auxiliares. Outro deles, o prefeito do Rio em seu governo, ganhou a Avenida Passos. Frontin tem uma rua e uma avenida. Podemos encontrar nas praças públicas a estátua de Rio Branco, bustos de Passos e Frontin. Mas o de Rodrigues Alves não existe... Omissão tanto mais injusta quanto é certo que a história da cidade pode ser dividida em três períodos: antes de D. João VI, depois de D. João VI e antes de Rodrigues Alves e, finalmente, depois de Rodrigues Alves.

★

Vindo do Império, Francisco de Paula Rodrigues Alves era, antes de tudo, um homem de caráter. Bravo, resoluto, altivo, fazia-se admirar pela varonilidade de suas atitudes, pela impavidez de sua conduta. Não era desses seres amorfo e acomodaticios, que constituem hoje a maioria vitoriosa da nossa fauna política. Para um homem que pertencia a um partido conservador, suas idéias às vezes causavam espanto. Desconcertavam, pela cusadia e pelo imprevisível. Era, num meio retrógrado e obscurantista, uma espécie de revolucionário do bom senso. Não era um partidário da violência, nem da tirania. Mas ninguém o fazia dobrar-se quando estava carregado de razões. Ministro da Fazenda de Floriano Peixoto, não tardou a entrar em choque com a mentalidade autoritária e o gênio difícil do marechal. Não hesitou. Demitiu-se. Arrumou as malas e voltou para São Paulo. Tornando ao pósto, ao lado de Prudente de Moraes, novamente abespinhou-se na interinidade de Manoel Victorino, — e novamente abandonou a pasta. Se, na primeira renúncia, o povo de São Paulo lhe premiara a altivez com uma cadeira de senador, na segunda lhe ofereceu o governo do Estado. Era desse governo que ele devia sair, mais tarde, afim de substituir Campos Salles na presidência da República, administrando o Brasil modelarmente de 1902 a 1906. Esses quatro anos não foram simplesmente de trabalho pacífico e metódico. Foram também de lutas, de agitações e de incertezas. Sendo um homem de idéias novas, que pareciam revolucionárias ante o espírito tacaño e medíocre da época, Rodrigues Alves encontrou, de um lado, a incompreensão de grande parte da imprensa, preparando a impopularidade do seu governo, e de outro a agitação das ruas e das casernas, estas sob a influência dos preconceitos do positivismo.

Em nome do fanatismo, em nome da incredulidade supersticiosa, fez-se um movimento revolucionário cuja finalidade última seria, quando muito, a conservação da febre amarela no Rio de Janeiro. Apoiando Oswaldo Cruz contra tudo e contra todos, Rodrigues Alves preferia deixar o governo a ter que recuar. Quando lhe declararam que o Palácio do Catete era lugar inseguro e poderia ser bombardeado, sua resposta foi curta e incisiva: — O meu lugar é aqui!

★

Escrevendo sobre Rodrigues Alves, não se pode deixar de ressaltar aquela que foi, talvez, a virtude máxima do grande chefe de Estado: a sábia, a magnífica escolha dos seus colaboradores, todos eles figuras exemplares pela honestidade, pela capacidade de trabalho e pelo devotamento à causa pública. Esses colaboradores foram homens como Rio Branco, na pasta do Exterior; como Lauro Muller, na Viação, estendendo vias férreas, realizando as obras do porto e completando-as com a abertura da Avenida, sob a direção de Paulo de Frontin; como Pereira Passos, na Prefeitura do Distrito Federal; como Oswaldo Cruz, na Saúde Pública. Era um homem que sabia escolher e sabia prestigiar os seus auxiliares. Jamais as obras públicas brasileiras se desenvolveram em ritmo tão intenso, tão célere, como no tempo de Rodrigues Alves — e jamais foram realizadas tamanha economia. A Avenida, — que foi Central e hoje é Rio Branco, — foi rasgada e aberta ao tráfego em menos de um ano, custando ao Tesouro pouco mais de dez mil contos, graças aos preços que alcançaram as sobras dos terrenos desapropriados. O homem que foi o responsável supremo pelo saneamento e pela remodelação do Rio de Janeiro não alcançou da gratidão do povo carioca outra homenagem que não fôsse a de batizarem com o seu nome a avenida marginal do cais do porto. Entre tantos monumentos que o Rio possui, a figura de Rodrigues Alves não está lembrada. Há, conforme já dissemos, uma estátua a Rio Branco, um busto de Passos, outro de Frontin, projeta-se um monumento a Oswaldo Cruz, — mas o presidente que reuniu em torno de si essa bela equipe é um esquecido...

★

Rodrigues Alves, contudo, teve em vida uma consagração que não logrou até hoje qualquer outro homem público em nosso país: a de ter sido eleito, pela segunda vez, para a suprema magistratura da Nação. Fôra, repetidamente, chefe do governo de São Paulo, a primeira vez ainda no regime imperial. Republicanos intransigentes o acusaram de haver levado longe de mais seu excesso de zelo monarquista, mandando, como presidente da província de São Paulo, já às vésperas da República, processar a Câmara Municipal de São Simão, por ter aprovado uma indicação de colorido republicano do vereador Rodolfo Miranda. Esses mesmos acusadores dizem que Rodrigues Alves não aderiu à República, mas sim que a República aderiu a ele, dando-lhe todas as honras, — deputação, senatória, ministérios, governo do Estado, presidência da República, — e esta por duas vezes. Bem haja essa adesão, que nos valeu uma grande presidência. Da segunda vez, doente, alquebrado, envelhecido, sob o peso dos seus setenta anos, Rodrigues Alves não chegou a tomar posse. Dois meses depois de iniciar-se o quadriênio, morreu em Guaratinguetá, sua terra natal, que lhe guardou os despojos, tendo assumido o poder, a 15 de novembro de 1918, em seu lugar, a figura apagada de Delfim Moreira. Um homem que desempenhou tantos mandatos e que morreu sem ter caído no ostracismo, sem ter desmerecido a confiança geral, mas, ao contrário, chamado ainda ao supremo pósto pelos que dele exigiam novos serviços, teria de ser, por força, uma figura de excepcional merecimento e de integridade incomparável. Nesse caso, ao menos, os contemporâneos não foram ingratos com um dos seus grandes benfeitores... Mas, os pósteros estão sendo... Sobretudo os cariocas.

R. MAGALHÃES JUNIOR (Especial para REVISTA DA SEMANA)

REVISTA DA SEMANA

COLABORAÇÃO

Rodrigues Alves e a ingratidão dos cariocas (R. Magalhães Junior)	3
Sangrenta tragi-comédia (Otto Schneider)	18

BIOGRAFIA

A vida de Zoroastro (Henry Thomas e Dana Lee Thomas)	23
--	----

CARICATURA

Bom humor	26/27
-----------------	-------

REPORTAGENS

Bilhar, clube do pobre (Ney Machado)	6/10
Escola de cantaria (Ruth Guimarães)	12/13
Uma novidade de 225 anos (Michel B. Kamenka)	14/17
O museu de pintura mais frequentado do mundo (Nelson Vainer)	24/25
Nasce um novo Mozart (Yvonne Jean)	30/33

CONTOS

Maridos (Ferenc Molnar)	19
Louise (H. William Somerset Maughan)	21
Trechos de minha vida (Yula Marques)	22

SEÇÕES PERMANENTES

A Semana em Revista	3
O Mundo Marcha	4
Cine-Revista	28
O Filme da Semana	29
Broadcast	34
Vida Literária	35
Livros Novos (João Luso)	36
Pelas estradas do Céu	49
Música	54

SUPLEMENTO DA MULHER

Nas bastidores femininos (Kitty)	37
O espírito feminino através dos tempos	44
A personalidade da semana (Sarah Marques)	45
Muro das lamentações	46
Mães e filhos (Zóia de Laet)	47
"Week-end" na cozinha (Marie Cook)	48

FOLHETIM

Ninguém escapa (Faith Baldwin e J. Schabelitz)	57/58
--	-------

ILUSTRADORES

Holanorá
Armando Moura
Luis Canabrava

NOSSA CAPA

KRISTINE MILLER, é o nome desta linda figura que apresentamos nesta semana na capa da "REVISTA". Dona de estranha beleza, Kristine é uma grande promessa da Paramount aos fãs de todo o mundo.

Já tivemos ocasião de apreciá-la em "Estranha fascinação" ao lado de Burt Lancaster e Elizabeth Scott. Breve Miss Miller estará de volta às nossas telas em "A Filha da Pecadora".



O ESTRANHO CASO DE ALAGOAS...



geram, fundando um outro, o seu, para não se prender àqueles. A crise de Alagoas nasceu disso. Quem mais se aborreceu com o caso foi o ex-interventor de Alagoas, sr. Isnard Góes Monteiro, atual senador federal, — porque viu ser solapada, por

seu próprio irmão, uma situação que levava anos a criar e a consolidar, nos áureos tempos do Estado Novo, a quem tão bem serviu. No conflito, quando maior era a ternura, o general Góes Monteiro, que é, como seu irmão tenente-coronel, também um senador por Alagoas, fez patético apelo a seus irmãos, afirmando que, em benefício da tranquilidade da família alagoana, todos eles, os Góes Monteiro, renunciariam aos mandatos e demais funções que exercem, retirando-se por completo da vida pública. Existindo, na muito ilustre família, além de dois senadores e de um governador, um ministro plenipotenciário e um presidente de Instituto, — o do Alcool e Açúcar, — desnecessário é dizer que o gesto de abnegação daquele senador-general não teve eco, ou, se teve, não encontrou igual disposição nos círculos fraternos. Agora, o senador Isnard Góes Monteiro assenta baterias contra o irmão governador, a irmão governador xinga a oposição em péso, inclusive os deputados federais do PSD, entre os quais o sacerdote Medeiros Neto, — afirmando que "esse padre está com o diabo no corpo, — o senador Góes Monteiro (general) defende o irmão governador e afirma que querem feri-lo mortalmente. E "cosi va il mondo"... Em Alagoas, este é o fato, ninguém se entende. E quem menos se entende é a ilustre família Góes Monteiro... E' triste ver-se até que ponto a política pode conduzir à conturbação dos espíritos... Enfim, como Alagoas é também a terra do sururu...

A TUBERCULOSE E A ESTREPTOMICINA



para o dia, uma nova espécie de tratamento, um pouco charlatanesco, da tuberculose, por meio de aplicação, pura e simples, da estreptomicina, do que resultou um encarecimento excessivo desse produto, vendido até no câmbio negro, e uma simplificação criminoso na maneira de encarar aquela grave enfermidade por certos

facultativos mal orientados ou de ética duvidosa. Havia médicos que prescreviam tal quantidade de estreptomicina, que os doentes só poderiam atender à prescrição se possuíssem boas economias, para o dispendio imediato de quinze a vinte mil cruzeiros... Os médicos que mais têm lidado no Brasil com a estreptomicina declaram, entretanto, que em nenhum doente é preciso aplicar grandes quantidades, podendo-se limitar a aquisição, para cada doente, a um máximo de três mil cruzeiros. Declaram, igualmente, que se o doente não experimentar melhoras com as pequenas doses, também não as experimentarão com grandes doses, pois é sinal de que o bacilo se tornou resistente ao medicamento, sendo, pois, inútil maior dispendio de dinheiro e de remédio. A estreptomicina age em certos casos, em certas formas, mas não em todos os casos e em todas as formas. Não cura a tuberculose, propriamente, mas desenvolve no organismo condições de resistência ao bacilo, sendo necessário no entanto completar essa medicação com os métodos clássicos de combate ao mal de Koch: o repouso e a super-alimentação. Agora, que já

em nossa imprensa vêm anúncios médicos com a palavra ESTREPTOMICINA em títulos gordos, é mistério que se esclareça o público. Nossa palavra tem pouca ressonância neste assunto, de natureza científica, nós o reconhecemos, mas por isso mesmo queremos nos apoiar neste telegrama da United Press, recentemente transmitido de Nova York: "O dr. Corwin Hinsaw, um dos primeiros pesquisadores do uso da estreptomicina contra a tuberculose, advertiu que essa droga por si só não basta para deter ou curar a tuberculose, devendo ser combinada com curas de repouso e boa alimentação. Disse Hinsaw que a estreptomicina revelou-se eficaz em casos para os quais antigamente não havia tratamento como certas perigosas complicações da tuberculose pulmonar, a tuberculose da laringe e a tuberculose intestinal. Mas declarou temer que alguns médicos estejam desperdiçando a preciosa droga, empregando-a livremente sem ter em conta suas limitações terapêuticas nem suas potencialidades tóxicas."

UMA BELA OPORTUNIDADE AOS NOSSOS ARTISTAS



ticais e conter um número de cores que não exceda de seis. O tamanho será de 18" x 24" (45,5 x 61 cm), incluindo a legenda. Os trabalhos deverão ser entregues impreterivelmente até o dia 1.º de Setembro do corrente ano na sede do Centro de Informações das Nações Unidas, à rua do México n. 11, sala 1401-B, 14º andar, afim de serem submetidos ao júri nacional do Concurso no Brasil. Os trabalhos que não estiverem em conformidade com os requisitos acima mencionados não

serão aceitos A Comissão Julgadora Brasileira escolherá os três melhores dentre os apresentados no Brasil, os quais serão remetidos para Paris, onde o Júri Internacional escolherá os premiados na seguinte base: 1.º prêmio — \$1.500 dólares (cerca de Cr\$ 30.000,00); 2.º prêmio — \$1.000 dólares (cerca de Cr\$ 20.000,00); 3.º prêmio — \$500 dólares (cerca de Cr\$ 10.000,00), conferindo ainda dez menções honrosas, no valor de \$100 dólares cada uma (ou sejam cerca de Cr\$ 2.000,00 cada). Todos os cartazes premiados ou que forem distinguidos com menções honrosas tornar-se-ão propriedade das Nações Unidas, sendo os demais devolvidos aos respectivos autores. Os trabalhos não premiados, mas que forem interessantes para exibição, serão retidos durante algum tempo. Os cartazes devem ser acompanhados de um "slogan" ou lema, que, entretanto, não deverá fazer parte do desenho. A necessidade de traduzi-los em muitas línguas impede que façam parte do desenho. Os cartazes serão julgados pelo seu valor artístico, assim como também pela legenda que os ostentarem. E' necessário evitar qualquer simbolismo regional ou nacional que não seja reconhecido universalmente. A pomba, por exemplo, não representa em todas as partes do mundo o símbolo da paz. E' igualmente necessário que não se reproduzam as idéias expressas nos cartazes do ano de 1947. No verso de cada cartaz, o artista deve fazer constar as seguintes indicações: 1) nome; 2) nacionalidade; 3) endereço permanente; cobrindo-as com uma folha de papel em branco. O nome ou identificação não deve figurar na página de rosto.

ANO XLVII
N.º 28 — 10-7-48

REVISTA DA SEMANA

Diretor-Secretário:
R. MAGALHAES JUNIOR

PUBLICAÇÃO DE ARTE, LITERATURA E MODAS

A decana das Revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1930, e na Feira Internacional de São Paulo em 1933.

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples: Um ano — Cr\$ 140,00; Seis meses Cr\$ 70,00
Registrada: Um ano — Cr\$ 170,00; Seis meses — Cr\$ 85,00

ASSINATURAS PARA O ESTRANGEIRO

Registrada: Um ano — Cr\$ 270,00; Seis meses — Cr\$ 140,00

O número avulso custa 3,00 em todo o Brasil; atrasado, Cr\$ 3,50
Visconde de Maranguape, 15 — Endereço telegráfico: "REVISTA" — Rio de Janeiro
Tels. — Gerência: 22-2550; Secretaria: 22-4447; Publicidade: 22-9570, Fotografia: 22-1013; Portaria: 22-5602

Corres. na Bahia: J. Machado Cunha, Av. 7 de Setembro, 149, Cid. do Salvador, Bahia. EM SÃO PAULO — Vendas na Capital a cargo da "Agência Zambardino", à rua Cap. Salomão, 67 — Tel. 4-1569 — Publicidade a cargo de Jarbas Galvão, à rua Brigadeiro Tobias, 613 — 2.º andar, sala 217. Telefone 6-6718.

TEM AGENTES EM TODAS AS LOCALIDADES DO TERRITÓRIO NACIONAL

REPRESENTANTES — Nos Estados Unidos da América do Norte: Agular Mendonça, 19 West Street, New York City, N. Y. Na África Oriental Portuguesa: D. Spanos — Caixa Postal 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, Av. Fontes Pereira de Melo, 34 dt. Lisboa. No Uruguai: Moratorio & Cia. — Constituyentes, 1746, Montevideu. Na Argentina: "Inter-Prensa" — Florida, 299. Tel. 32. Avenida 9109. Buenos Aires.

Propriedade da CIA. EDITORA AMERICANA — Diretor-Presidente: GRATULIANO BRITO

Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores

ESTE NÚMERO CONSTA DE 60 PAGINAS

O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicamos colaboração solicitada pela redação. Não nos responsabilizamos pela devolução de originais, mesmo quando não publicados.



A nota sensacional da semana foi a expulsão da Jugoslávia do Cominform. Tito foi excomungado pelo Krenlín e acusado de ter criado o "titoísmo", uma espécie de caricatura do hitlerismo. Enquanto isso, Berlim continua sendo um barril de pólvora, pronto a explodir a qualquer momento, devido à intransigência russa em não abrir aos outros países que ocupam a capital da Alemanha o acesso ferroviário e rodoviário de que necessitam para abastecer-se. No leste do Mediterrâneo continuam as hostilidades entre árabes e judeus. Os primeiros rejeitaram a mediação da O. N. U. Na China a luta é seriada e continua todas as semanas. Apesar de tudo não estamos em guerra (!) A paz, já dizia Aristóteles, não é mais do que uma palavra... Enquanto isso os Estados Unidos assinam os acordos bilaterais com os países que receberam os auxílios do Plano Marshall. Com um país de cada vez. Parece que as condições não são idênticas para todos... Foram vítimas de acidente automobilístico no largo da Lapa os deputados Cirilo Junior e Baptista Pereira e o senador Ivo de Aquino. Vinham de uma reunião do PSD... Transcorreu sexta-feira passada o 29.º aniversário do valoroso Corpo de Bombeiros... A candidatura de Thomas Dewey à presidência dos Estados Unidos está tomando tal impulso que o presidente Truman, procurando escapar-se de novo no prestígio de Roosevelt, insinuou que a viúva do grande estadista, senhora Eleanor Roosevelt, seria uma boa candidata democrática à vice-presidência da República dos Estados Unidos... Violento terremoto abalou o Japão, destruindo noventa por cento das casas de Fukuy e causando cinco mil mortos nesta cidade. A metrópole ficou mais arrasada do que se tivesse recebido o impacto de meia dúzia de bombas atômicas... O italiano Enrico Giudice foi condenado em fins do século passado à prisão perpétua. Ficou recluso numa cela, sem rádio, sem ler jornais e revistas durante cinquenta e quatro anos. Agora, o governador de Milão indultou-o e o velho Giudice voltou à liberdade. Suas primeiras perguntas foram: — "Que diabo era isso de fascismo?" — E depois: — "É verdade que já houve duas guerras mundiais?" — Foi feliz ou infeliz este segredo, e o que perguntam os filósofos... Peron es-A. B. I. argentina. Quer pertencer à classe. Belo colega esse, que manda fechar creche uma série de oito artigos jornalísticos e depois disse pediu ingresso na os jornais contrários à sua política semi-fascista... A agricultura do Brasil continua ruízinha. Depois das batatas holandesas, vamos adquirir as do Chile. Parece que ninguém aqui quer plantar batatas e no entanto elas sobram nos discursos, na imprensa e no rádio... Por falar em comidas: diz o senhor Vieira Machado, superintendente da Moeda e do Crédito, que o trigo vai baratear. Peron concordou em reduzir para 45 pesos o preço da saca, que nos custava até agora 60. No Ceará a imprensa descobriu três irmãos que vivem como os símios nas florestas. Comem aranhas, gafanhotos e beizinhos, rosnam em vez de falar, são barbudos, peludos e têm todos os traços de macaco. Será esta a ligação que Darwin procurava? Ou estamos agora retrogradando?... O delegado Dulcídio Gonçalves vai agir contra os cinemas que permitem excesso de lotação. Ficará expressamente proibida a permanência nas escadas e corredores... A Inspetoria de Tráfego também falou em proibir os "cito em pé" nos ônibus. Mas não levou a medida à efeito. Deveria, quando menos, proibir os "quarenta em pé" nos "gostosos"... O Secretário da Segurança Pública do Estado do Rio resolveu vistoriar de improviso as delegacias fluminenses. Em todas elas (Santa Rosa, São Gonçalo e Neves) encontrou investigadores e guardas que dormiam a sono solto. Em Neves, o Secretário da Segurança foi recebido pelo plantão que estava... em cuecas. E dizer que toda essa polícia é paga para vigiar!... Uma senhora internada na "Pró-Matre" que faleceu há dias, depois de longo sofrimento. A autópsia revelou que o médico operador (o parto foi feito com cesariana) esquecera no ventre da paciente uma colher de linha, medindo 40x40. Um verpetino, num erro de imprensa, chama o operador de obstetra. Pensando bem, está certo. Obstetra que faz uma besteira dessas, deve ser um obstetra... A atriz Jane Wyman divorciou-se de seu marido, o ator Ronald Reagan, sob a alegação de divergências políticas. Se a moda pega... O presidente Bustamante, do Perú, resolveu implantar a ditadura no seu país. Resolveu não convocar o Congresso e avocou ao Executivo o poder de legislar. Anunciou — cômico como todos os ditadores — que "manterá a vida democrática usando meios ordinários e extraordinários"... O deputado Eduardo Duviols declarou na Comissão de Justiça da Câmara que o Banco da Borracha está falido. Para solver os seus compromissos esse banco que nada fez terá de lançar mão da verba reservada à valorização da Amazônia... O poeta Murilo Araújo ganhou sentença favorável na ação que propôs contra a Atlântida S. A. por ter essa empresa cinematográfica usado sem pagar o respectivo direito autoral a música "Toda do negro banzo", no filme "E com esse que eu vou"... A Comissão Central de Preço está devendo a locação das salas que ocupa de março de 1947 a junho de 1948. Será isso um protesto pela elevação dos aluguéis?... O povo e parlamento da Itália estão protestando contra o destino ignorado dos prisioneiros italianos na Rússia. Até hoje, não foram repatriados esses prisioneiros... Na Câmara dos Comuns da Inglaterra têm surgido protestos contra a venda do famoso cruzador "Ajax" ao Chile. Winston Churchill declarou em um comício que a situação financeira das Ilhas Britânicas é pessima, mas que não chegou ainda ao ponto de terem de liquidar a esquadra a preços de artigo do dia... Os cinemas de São Paulo fizeram "lock-out", não realizando as sessões costumeiras, por não se conformarem com a tabela da Comissão Estadual de Preços, que os tabelou a sete cruzeiros (sessões noturnas) e seis cruzeiros (sessões diurnas)... O escritório central da "Light", sediado em Toronto, Canadá, anunciou que os lucros da empresa que explora o transporte, a luz, o gás e telefone do Rio, continuam em aumento. Os lucros de maio passado atingiram a 538.000 dólares (dez milhões setecentos e sessenta mil cruzeiros) ou seja, quase vinte mil dólares a mais do que em maio de 1947. O prefeito do Distrito Federal desejava comprar animais para o Jardim Zoológico. A Câmara Municipal negou a verba alegando motivos de economia. Em represália, o general Mendes de Moraes autorizou que fossem feitas listas de subscrição pública para a compra de uma girafa... As despesas com o Exército, Armada e Aeronáutica da França, incluindo despesas militares no alémmar (operações na Indo-China) para o ano de 1949, perfazem trinta por cento do orçamento nacional. No Brasil, sem operações d'além-mar, os ministérios militares consomem mais da metade do orçamento nacional. Voltaram ao trabalho os estivadores de Londres e Liverpool, depois de quinze dias de greve. O retorno foi uma vitória da política do Partido Trabalhista e principalmente do primeiro ministro Atlee... O ministro do Exterior, Raul Fernandes, anunciou que a última guerra custou ao Brasil sete bilhões de cruzeiros. Este é o prejuízo direto, não estando computados a desvalorização do dinheiro, o "câmbio-negro", o desajustamento, etc., etc... Por hoje é só... até sábado...

Os Nervos Pegando Fogo



Em muitos dias as mulheres amanhecem tristes, tão nervosas e desanimadas, tão aborrecidas, inquietas e irritadas que parece que todos os nervos estão pegando fogo!

Estes sofrimentos intoleráveis dos nervos, e outras alterações mais graves da saúde, podem ser causados por perturbações dos importantes órgãos útero-ovarianos.

Para tratar isto, use **Regulador Gesteira** sem demora.

Regulador Gesteira trata os padecimentos nervosos produzidos pelas moléstias do útero, pêso, dores e cólicas no ventre durante o período menstrual, as perturbações da menstruação, debilidade, palidez e tendência a hemorragia, provocadas pelos sofrimentos do útero, fraqueza geral e desânimo, tristezas súbitas, palpitações, tonturas, pêso, calor e dores de cabeça, enjôos, dores nas cadeiras, falta de ânimo para fazer qualquer trabalho, cansaços e todas as perigosas alterações da saúde causadas pelas congestões e inflamações do útero.

Regulador Gesteira trata estas congestões e inflamações internas e as complicações provenientes dessas inflamações.

Comece hoje mesmo a usar **Regulador Gesteira**

GRANDE SWEEPSTAKE DE 1948

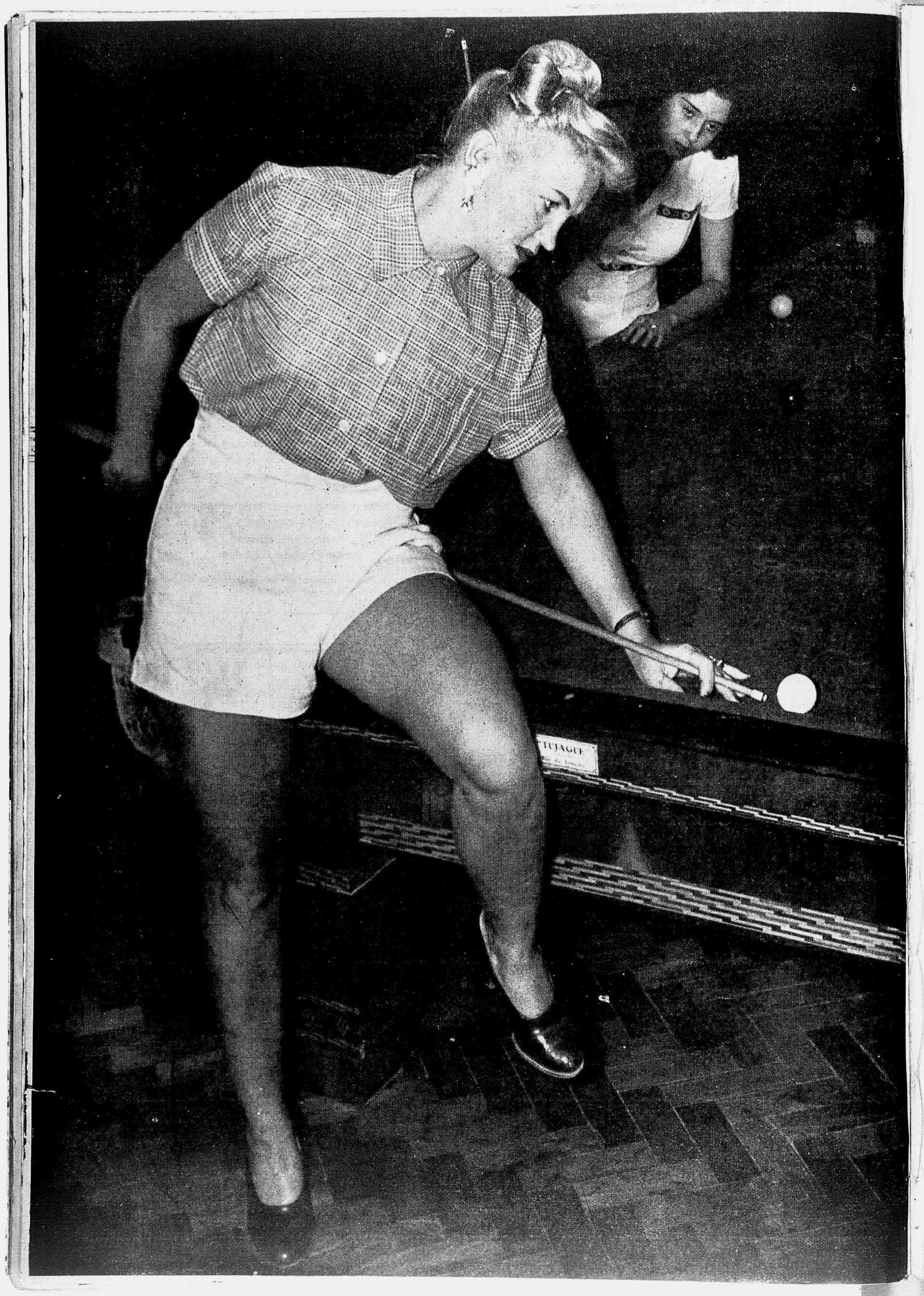
JOCKEY CLUB BRASILEIRO * LOTERIA FEDERAL DO BRASIL

PREMIOS

5 MILHÕES	
1 PREMIO DE --CR\$	500 MIL
1 PREMIO DE --CR\$	300 MIL
1 PREMIO DE --CR\$	200 MIL
1 PREMIO DE --CR\$	100 MIL
1 PREMIO DE --CR\$	50 MIL
1 PREMIO DE --CR\$	300 MIL
1 PREMIO DE --CR\$	200 MIL
2 PREMIOS DE --CR\$ 120 MIL	240 MIL
40 PREMIOS DE --CR\$ 6 MIL	240 MIL
40 PREMIOS DE --CR\$ 5 MIL	200 MIL
40 PREMIOS DE --CR\$ 4 MIL	160 MIL
40 PREMIOS DE --CR\$ 3 MIL	120 MIL
40 PREMIOS DE --CR\$ 1.750,00	70 MIL

E MUITOS OUTROS MENORES,
COMPLETANDO O TOTAL GERAL

DE CR\$ 11.480.000,00





Na página ao lado aparece Polly, uma loura que é um "taco" numa partida de sinuca. Em cima: Joana D'Arc, Polly e Conceição Costa, disputando a saída para uma "guerra". As três jovens que aparecem nesta e em outras fotos desta reportagem pertencem ao corpo de "girls" da companhia de revistas de Chianca de Garcia, atualmente no João Caetano. No Rio, as mulheres estão agora começando a praticar esse esporte, que lhes ajuda a conservar as linhas do corpo e distrai, ao mesmo tempo, o espírito. Dona Thylda Scoralick, esposa de Ranchinho, o companheiro de Alvarenga, é uma jogadora emérita de bilhar e de sinuca.

BILHAR, CLUBE DOS POBRES

UM PASSATEMPO QUE NÃO SUBIU COM A INFLAÇÃO ★ A SINUCA CHEGOU E DESBANCOU O BILHAR FRANCÊS ★ AUMENTAM AS DIFICULDADES PARA QUE O PARCEIRO NÃO DURMA ★ OS GRANDES BILHARISTAS DO RIO ★ OS DONOS DE CAFÉ SÃO CONTRA A CARAMBOLA...

Reportagem de NEY MACHADO



Fotos de ARNALDO VIEIRA

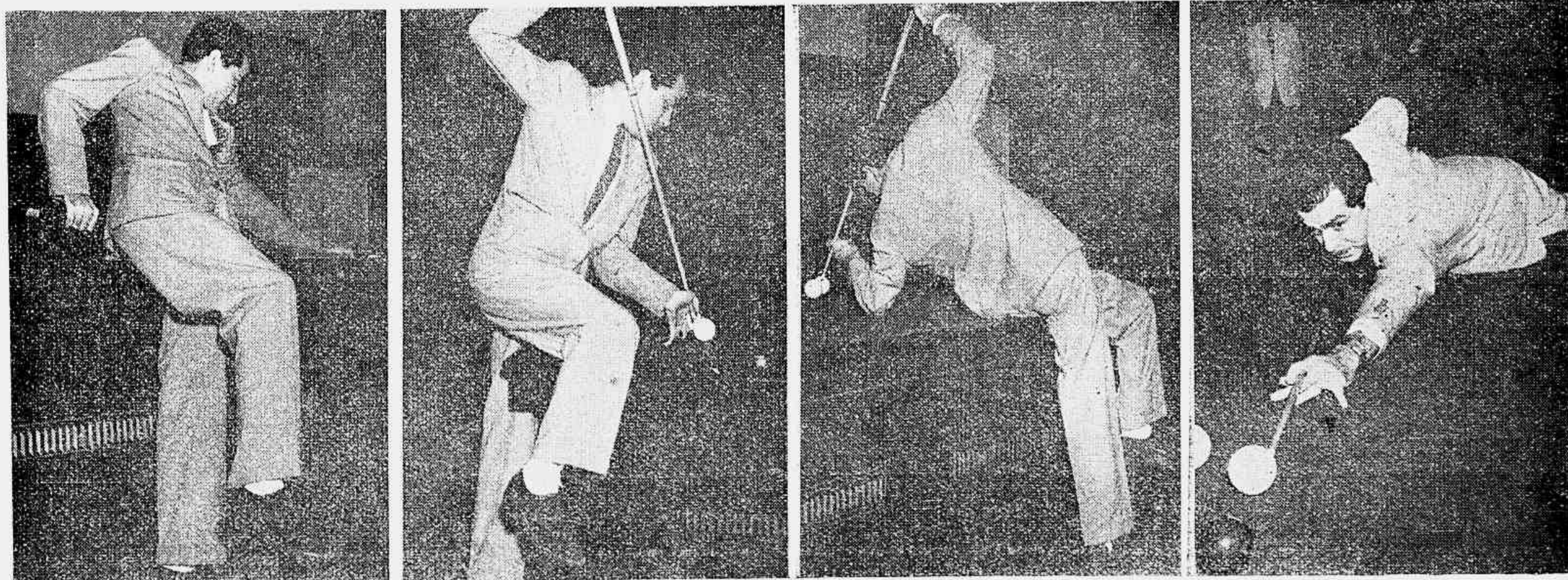
O bilhar, nas suas duas modalidades mais conhecidas, a sinuca e a carambola francesa, é um dos divertimentos populares mais divulgados. No Brasil, não fugimos à regra. Em qualquer cidade do interior nós encontramos a mesa de bilhar. Em muitos lugares não existe mesmo o cinema, mas não falta o salão de bilhar. Ainda nos lembramos da primeira vez que visitamos uma dessas cidades do interior que estão morrendo aos poucos. Foi um dia de semana qualquer. Andamos pelas ruas mal calçadas, com todas as casas fechadas, sem um restaurante, sem qualquer coisa que denotasse vida. Depois de muito subir e descer ladeiras, verificamos que apenas duas casas tinham suas portas abertas: uma igreja e uma tendinha de cachaca, que tinha no

O bilhar, no Rio de Janeiro, se converteu no clube dos pobres, por uma necessidade do espírito associativo, que impele os homens a se reunirem, amistosamente, com um pretexto qualquer, — seja para conspirar e atirar bombas, seja para bater carambolas ou encestar esferas de marfim. O bilhar, desceu, assim, às camadas populares, depois de ter sido um divertimento de aristocratas. Desde a segunda metade do século XV, era praticado na França, com as mesmas bolas de marfim e o mesmo pano verde dos nossos dias. Só os tacos eram muito diferentes, então. Um dos grandes apaixonados do bilhar, na França, foi nada mais nada menos do que o rei Louis XIV. Alguns bilharistas ficaram famosos pelas suas invenções, um deles, Mingot, um francês, que foi o descobridor do efeito retroativo. Foi abrindo o catálogo telefônico de Rio, em uma página inteiramente cheia de endereços de "cafés-bilhares", que nos ocorreu a idéia de fazer esta reportagem sob o popular esporte, — que ocupa os fundos de tantos botecos e faz as vezes de clube para pobres que não podem frequentar o Itanhangá, o Country, o Gávea Golf ou o Fluminense Yacht Club...

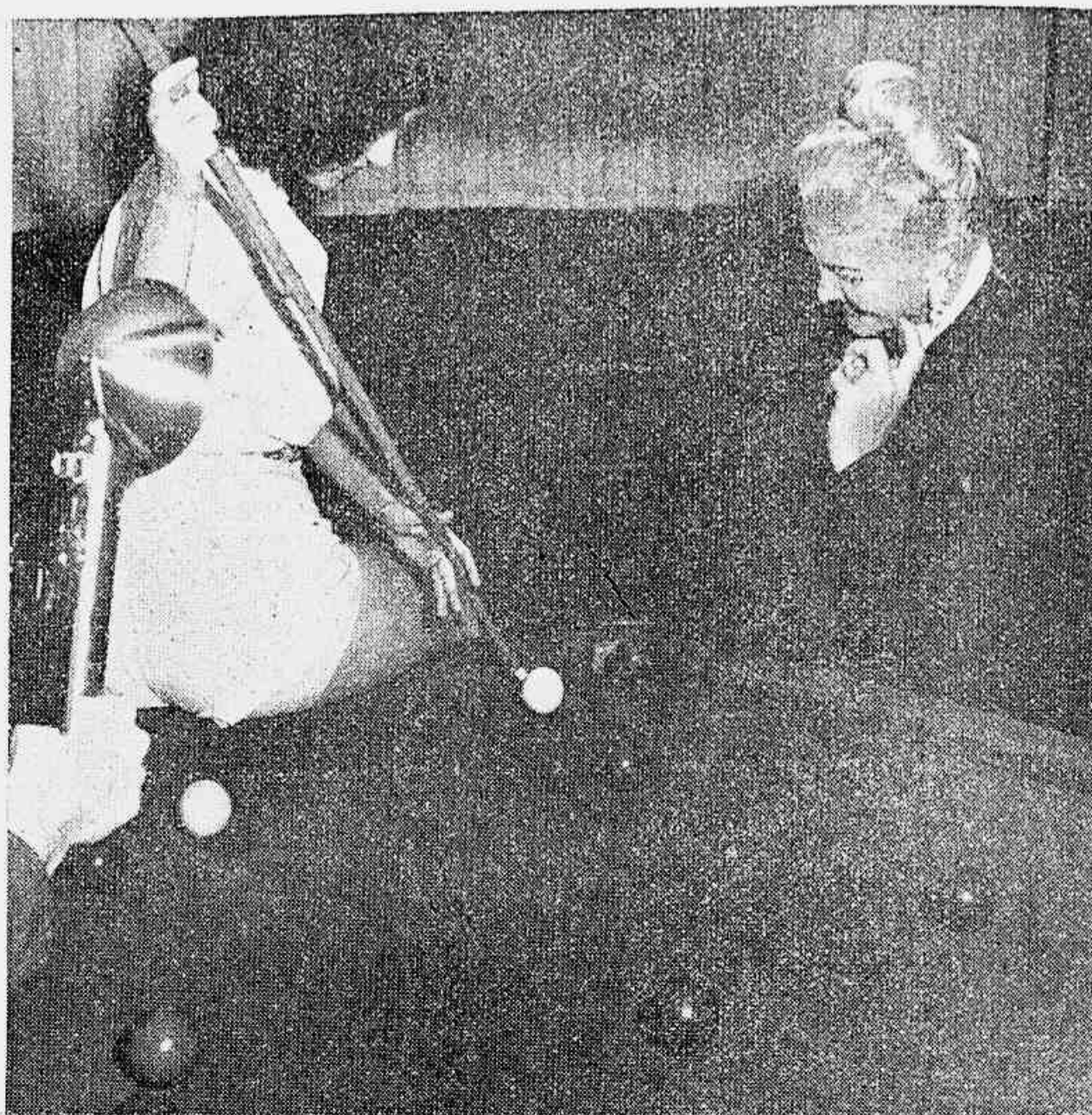
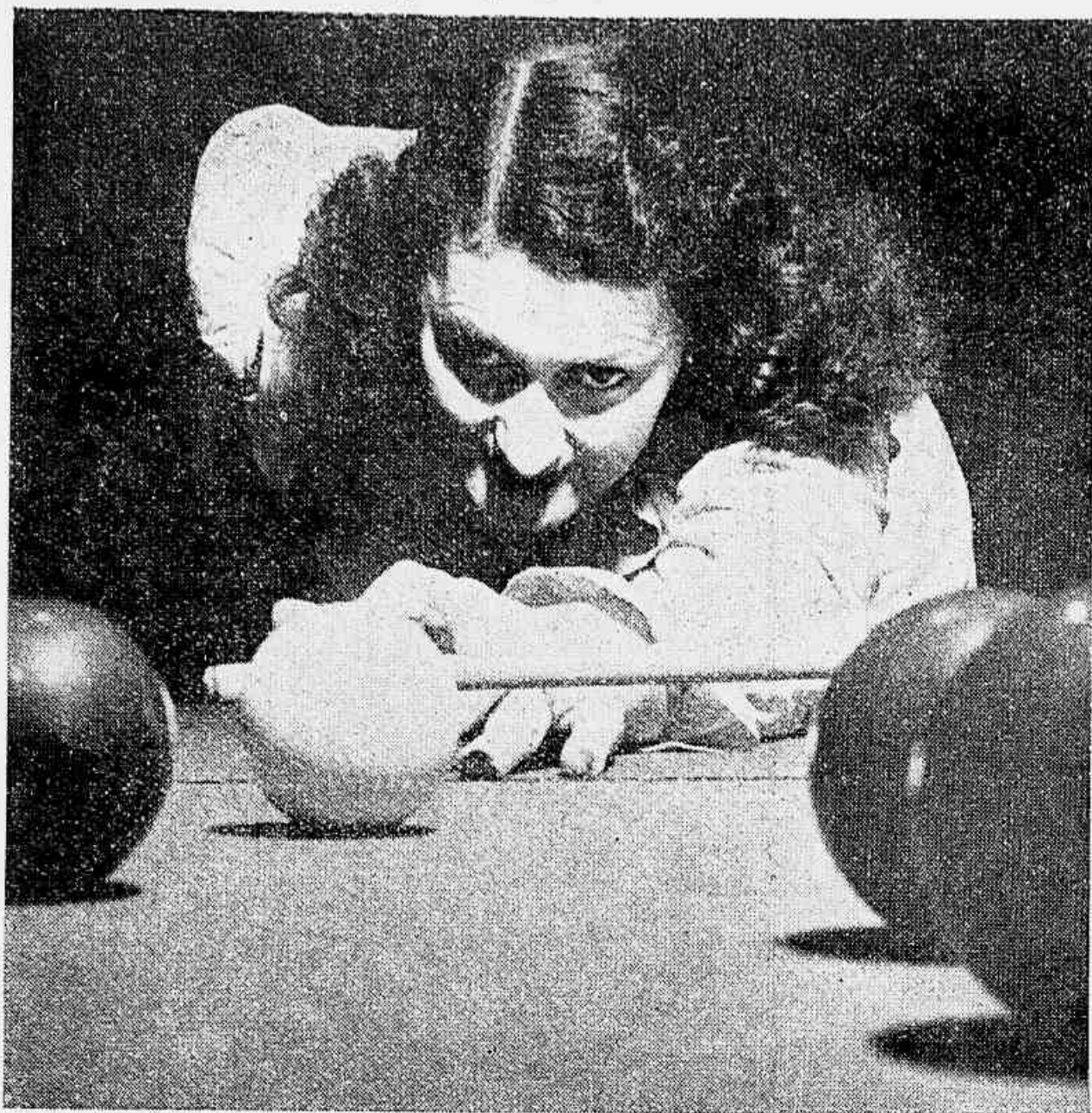
fundo uma mesa de sinuca. Imaginamos que a mesma coisa deve acontecer em outras cidades e vilas do interior do País. Ninguém até hoje estudou a influência do ambiente das rodas de bilhar na vida social dos rapazes. Debate-se a americanização trazida pelos filmes de Hollywood, como se falava antes de 1930 da influência da literatura francesa na formação dos espíritos moços. E a influência das rodas de bilhar? Será benéfica ou maléfica?

O BILHAR NO RIO DE JANEIRO

Na cidade existem mais de mil cafés, bares e salões com mesas de bilhar, — de sinuca, principalmente. Salões exclusivamente para jogos de sinuca e do bilhar francês são relativamente pouco numerosos.



O BILHAR SUBSTITUE A GINÁSTICA — Observem estas quatro posições do esportista Alberto Honce, da Sociedade Sui Rio Grandense. Os músculos das pernas, dos braços, do tórax, enfim de toda o corpo, intervêm durante a disputa de uma partida de bilhar. E o jogador faz a ginástica suavemente, sem se aperceber do esforço empregado. Além da ginástica lateralizada, a direita, a notem que ótimo exercício para reduzir o excesso de gordura.



A esquerda: Joana D'Arc debruça-se sobre a mesa para alcançar a bola branca que está distante. Notem a distorsão dos músculos dos braços. A direita: Conceição tenta encaixar uma "vermelhinha", puxando ao mesmo tempo a bola branca. No canto da fotografia aparece u'a máquina, pronta para o "flash" da jogada sensacional.

Não chegam a cem. Entretanto os cafés-bilhares existem em cada esquina. E' um dos poucos esportes que não se tem deixado influenciar pela inflação. Enquanto o futebol e o cinema tiveram os pregos das cadeiras majoradas de cem e até duzentos por cento, o preço da hora do bilhar continua estável há muitos anos. Raro é o salão ou o café que cobra mais de quatro cruzeiros a hora. E' um comércio de enchentes periódicas. Na parte da manhã os salões estão desertos. O movimento começa depois do meio-dia e aumenta depois das cinco horas, com o fechamento do comércio. Aos sábados à tarde só se consegue mesa mediante umas luvazinhas por fora, ou uma cavação com o garçon.

A SINUCA VAI MATAR O BILHAR

Uma concorrência curiosa travou-se desde há alguns anos entre o clássico bilhar de carambola e a inovadora sinuca. Há uns quarenta anos pouquíssimos eram os que conheciam o jogo das caçapas. Naquela

tempo dizia-se "snoocker"; só mais tarde veio o aportuguesamento da palavra. Em poucos anos o jogo das bolas numeradas tomou conta dos salões de bilhares. O público achou aquilo mais divertido e menos monótono que o desfiar das carambolas. Surgiram depois modalidades de sinuca, como o "trinta-e-um", no qual todas as bolas eram numeradas. A polícia proibiu o "trinta-e-um" porque era um jogo que se fazia com apostas em dinheiro. Os "virtuosi" do bilhar francês acusam a sinuca de não ser esporte mas apenas jogo de azar. Talvez seja por isto que o seu avanço foi rápido. As mesas de sinuca esborçaram dos salões de café as mesas do bilhar francês em quase todos os estabelecimentos da cidade. A decadência do bilhar de carambola é demonstrada perfeitamente pela vida que teve a Associação Metropolitana de Amadores de Bilhar. Nesta associação não se admite a prática da sinuca. Foi fundada em 1928 com um bilhar francês no antigo Edifício Trianon. Passou depois para a Associação Cristã de

Mogos, com dois bilhares; mais tarde transferiu-se para a praça Tiradentes nº 46, onde possuía dez mesas; veio depois o apogeu do bilhar francês no Rio (há uns quinze anos). A Associação adquiriu um grande salão em cima do Café Nice e instalou ali quarenta mesas de bilhar francês. Nesse tempo a sinuca iniciou a luta. Luta que durou pouco. Em breve tempo o jogo de carambola estava nocaute. E se hoje a Associação Metropolitana de Amadores de Bilhar ainda vive é porque está sob a proteção da Sociedade Sul-Riograndense, que a mantém e que patrocina todos os campeonatos do Rio. Está novamente com duas mesas apenas, pertencentes, ainda assim, àquele clube, segundo cremos. Os proprietários de cafés e de salões de bilhares não acreditam na volta do jogo de carambola. "A sinuca matou e enterrou o bilhar francês" — disse-nos o dono do Café Municipal.

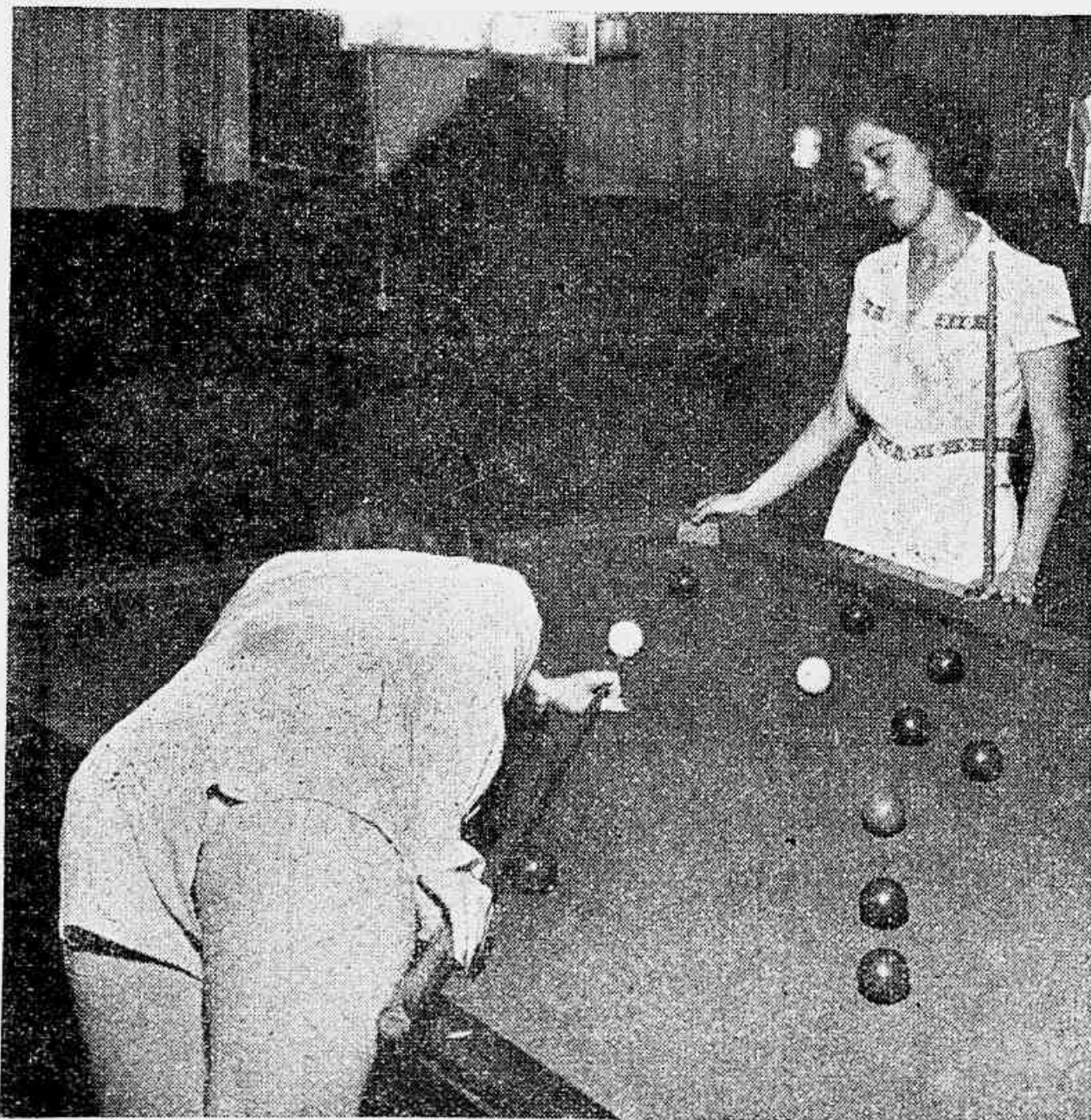
A DEFESA DO BILHAR FRANCÊS

O reduto do bilhar francês no Rio é,

inegavelmente, a Sociedade Sul-Riograndense. Embora possua somente duas mesas, está à frente de todos os movimentos em prol da incrementação desse esporte. Promoveu, no mês passado, a vinda ao Rio do campeão argentino Juan Navarra, e realiza anualmente os campeonatos de carambola. Uma das satisfações dos adeptos do bilhar francês é ser essa modalidade considerada esporte puro. Tanto assim que a Associação está filiada ao Conselho Nacional de Desportos. O verdadeiro jogador de bilhar detesta a sinuca. Imputa-lhe todos os defeitos possíveis, e o maior deles é que a sinuca é um jogo onde ganhar o dinheiro apostado é o principal objetivo do jogador. O bilhar francês é um teste de habilidade, de perícia, de técnica, e somente como divertimento pode ser praticado.

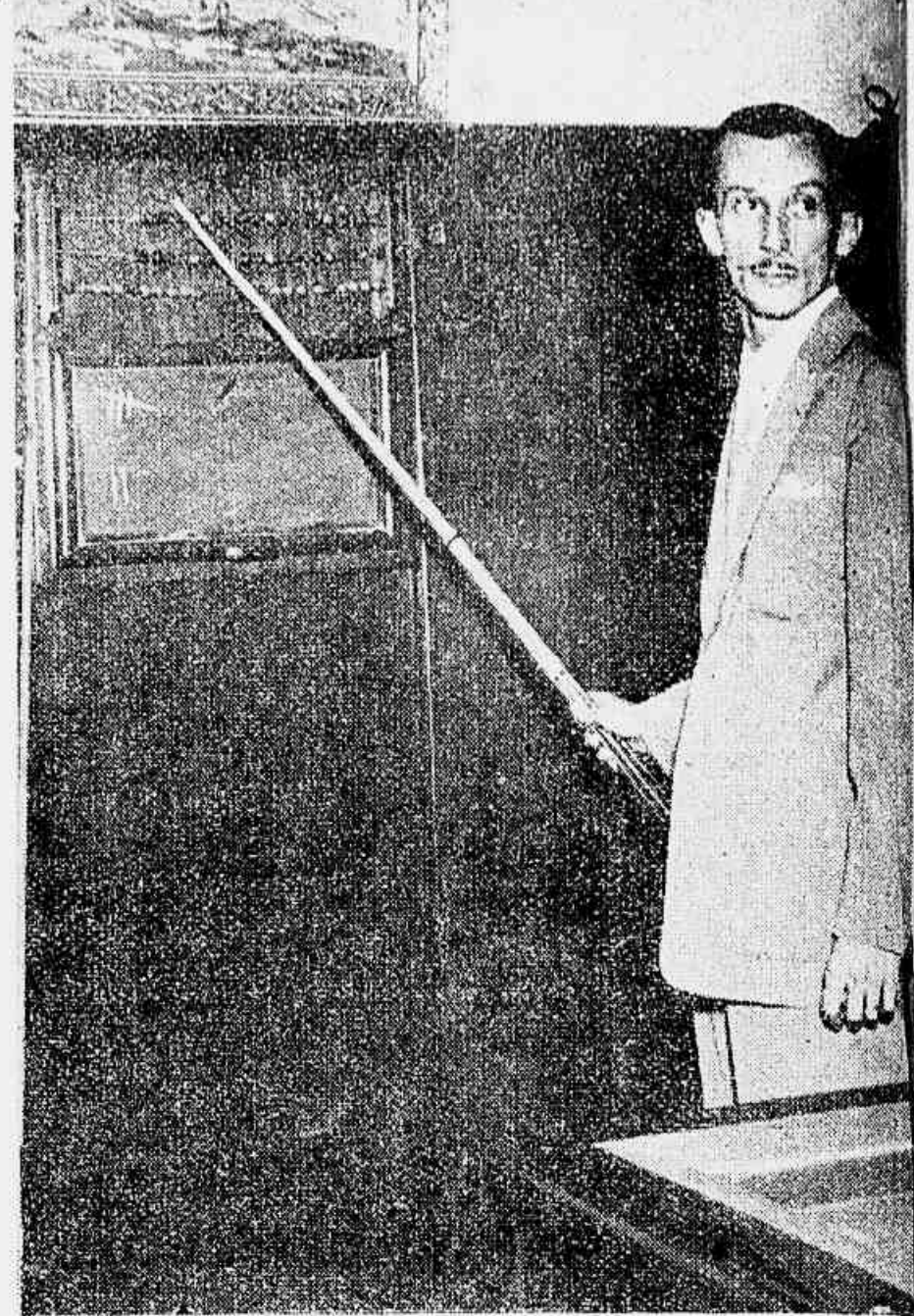
A VELHA GERAÇÃO E' A MAIS NUMEROSA

Talvez tenha sido coincidência, mas nas três vezes que fomos à Sociedade Sul-Rio-

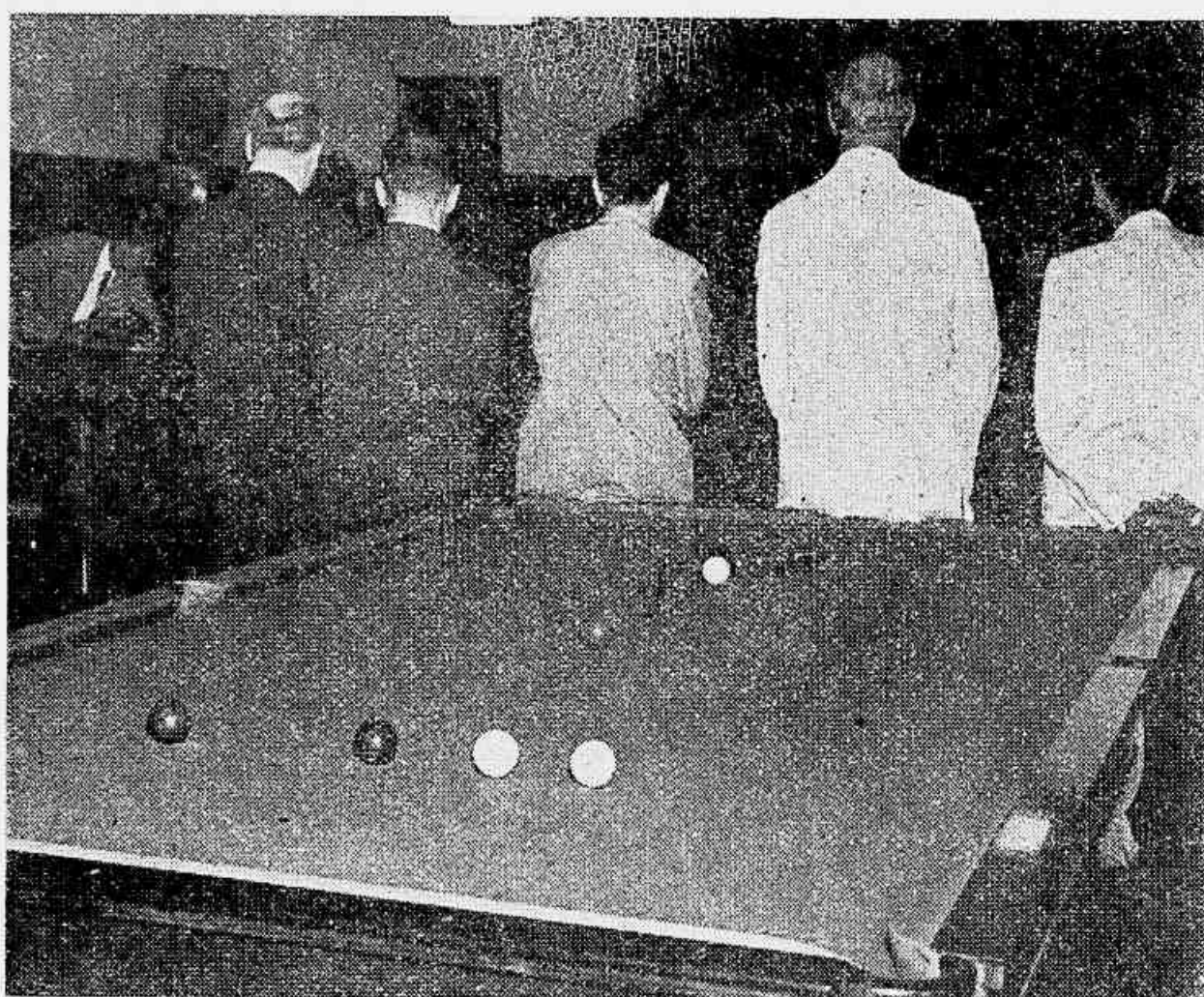


A esquerda: a mesma jogada de Joana D'Arc da foto acima, apanhada sob outro ângulo. Observem como entram também em função os músculos das coxas. Várias jogadas como esta reduzem de alguns centímetros o diâmetro do abdômen. A direita: Conceição parece que prepara uma sinuca de bico para a sua adversária. Na página à direita: Polly e Conceição preparam-se para uma nova partida. Joana D'Arc foi derrotada na melhor de três pela sua companheira de teatro.





As fotos desta página foram colhidas na Sociedade Sul Rio Grandense, a maior incentivadora do bilhar na cidade. Em cima à esquerda, o professor Henrique Passos que se dedica a esse esporte há sessenta anos. Ao centro: um flagrante da caminhada do jogador. Em uma partida de duzentos pontos cada parceiro anda, em média, cinco quilômetros ao redor da mesa. À direita: o advogado e escritor Raul Maranhão, outro entusiasta do esporte. Joga bilhar há quarenta anos. Nem uma só vez jogou uma partida de sinuca.



grandense notamos que entre os jogadores do bilhar francês predominam os homens de mais de quarenta anos. Todos são ardorosos defensores dessa modalidade de esporte. O advogado Raul Maranhão nos garantiu que uma partida de bilhar substitui perfeitamente uma aula de ginástica sueca. Este associado joga bilhar há quarenta anos e, a julgar pela sua idade atual (que é de sessenta) e pela agilidade dos seus movimentos, tem toda razão em proclamar essa equivalência. Com a exclusão quase total do bilhar dos cafés e bares e o seu afastamento para determinados clubes, os jogadores foram sendo automaticamente selecionados. Atualmente a maior parte dos amantes e praticantes desse esporte compõe-se de uma aristocracia da qual eles justamente se orgulham.

A TRANSFORMAÇÃO AUMENTOU AS DIFICULDADES

No próprio jogo de carambola existem diversas modalidades, sendo as mais usuais o jogo das "três tabelas" e a do "bilhar riscado". No tempo do jogo livre era muito comum se defrontarem jogadores que faziam tacadas de quinhentos a mil pontos de cada vez. Enquanto o campeão ia con-

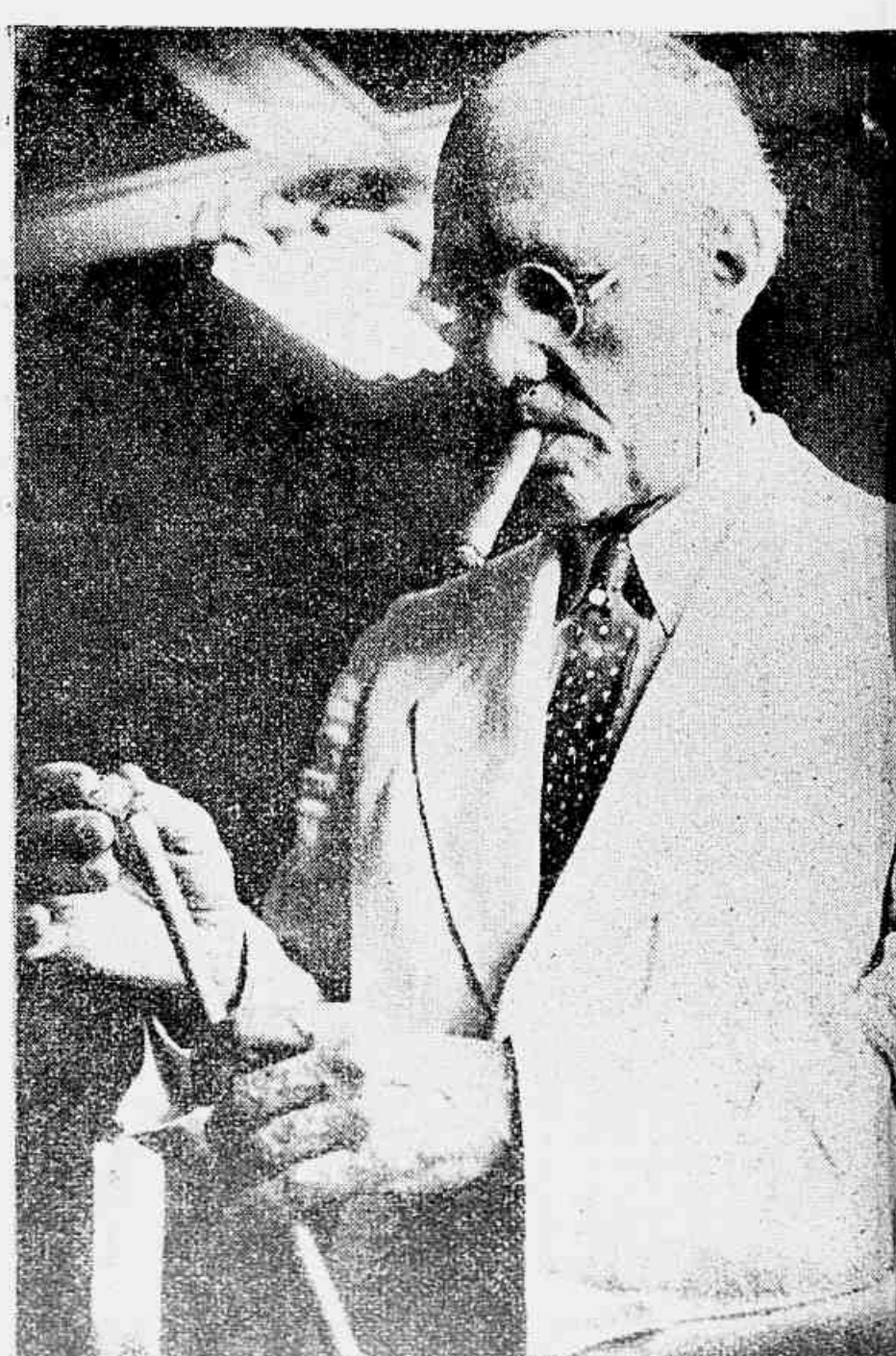
tando sua tacada astronômica, o parceiro podia até dormir ou ir assistir a uma sessão de cinema... Por isso, criaram-se as outras duas modalidades que, dificultando o jogo, diminuem o número de tacadas. Os grandes campeões brasileiros do jogo livre foram: Luis Madureira, que não encontrou competidor até 1935, quando faleceu; e ainda Manuel Mendes, Antônio Nogueira, José Monteiro, João Fitipaldi, dr. Silvio Leão Teixeira, Vicente Sabóia Filho, Roberto Macedo, Marcos Carneiro de Mendonça (o grande "keeper" no tempo do amadorismo do futebol), etc. Atualmente o campeão brasileiro é o paulista Alfredo Massagli, e o campeão carioca é Raimundo Barros Filho. Sem exceção, todos esses grandes jogadores de bilhar não praticam a sinuca. Alguns experimentaram uma ou duas vezes e a abandonaram horrorizados "essa forma piebética do bilhar".

O BILHAR ENIGE MOVIMENTO

Jogando uma partida, o parceiro é obrigado a toda sorte de movimentos. Levanta os braços, estica as pernas, dobra o corpo, torce-o ora para a esquerda, ora para a

(Cont. na pág. 53)

Para se aquilatar da ogeriza que o verdadeiro amante do bilhar tem pela sinuca, observem a foto. As mesas de sinuca da Sociedade Sul Rio Grandense ficam às moscas, enquanto não faltam parceiros para o outro gênero. Em baixo: à direita: os senhores Augusto Bittencourt e Joaquim Pinto de Azevedo, parceiros de bilhar há quarenta anos. Ao centro: o campeão argentino Juan Navarra, que nos visitou há pouco. À esquerda: a virada para os últimos cem pontos, sendo marcado por um associado do clube sul-riograndense.



NINGUEM DIZ...
MAS JÁ PASSEI
 dos
50!

CLARIM - M - 24

São estes os resultados do uso constante da Quina Petroleo Malibú! Cabelos permanentemente jovens, higiene perfeita do couro cabeludo, sem caspa e sem calvície! Quina Petroleo Malibú é, realmente, um fator de rejuvenescimento! Faça, também, uso deste notável tônico capilar e SEJA DOS QUE FICARÃO NOS 50

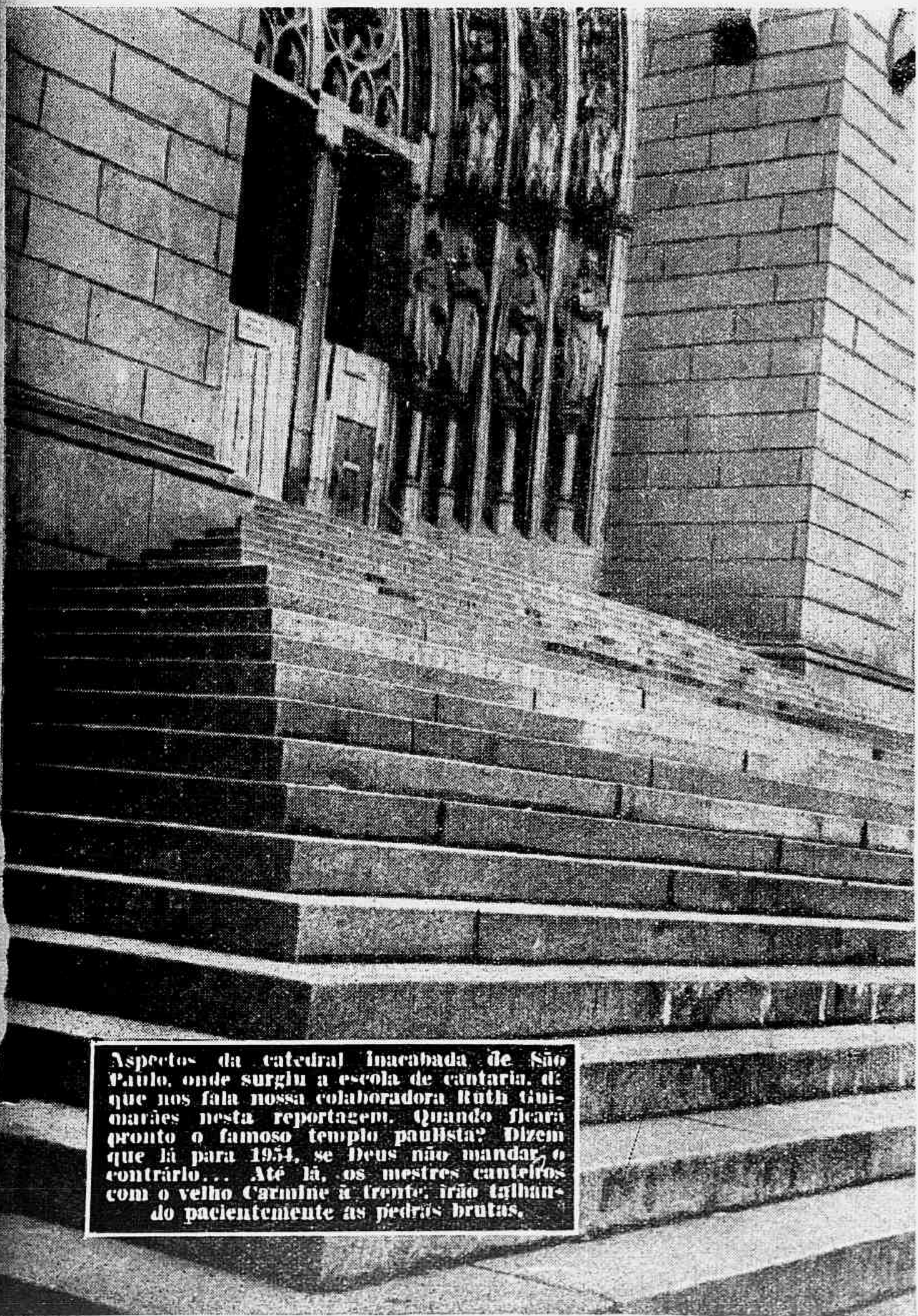
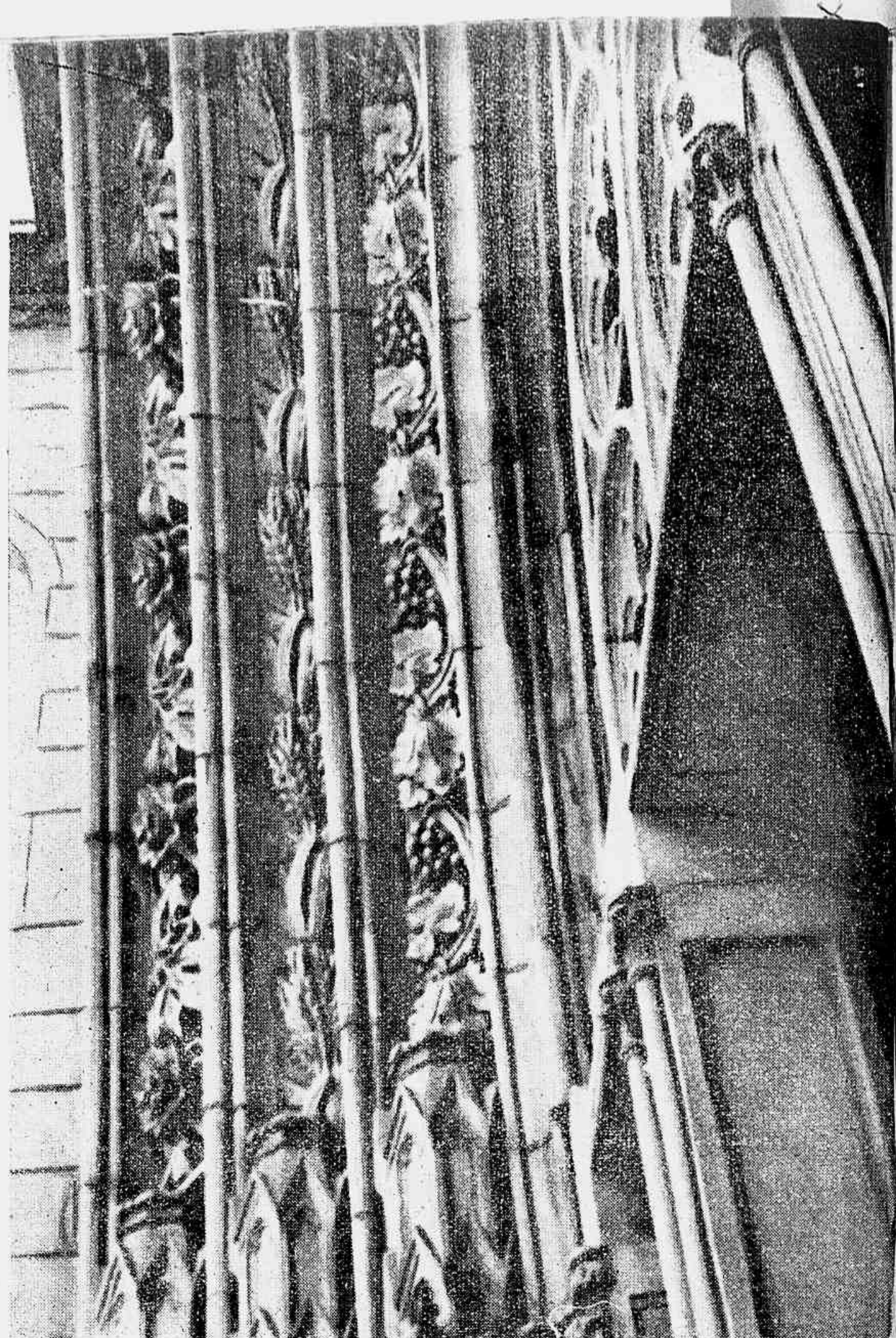


Malibú
quina petroleo



Uma aplicação diária, após o banho, produz resultados estupendos!... porque a Quina Petroleo Malibú contém pilocarpina.

A VENDA EM TODO O BRASIL, NAS BÓAS CASAS DO RAMO



Aspectos da catedral inacabada de São Paulo, onde surgiu a escola de cantaria, de que nos fala nossa colaboradora Ruth Timmarães nesta reportagem. Quando ficará pronto o famoso templo paulista? Dizem que lá para 1954, se Deus não mandar, o contrário... Até lá, os mestres canteiros com o velho Carmine à frente, irão talhando pacientemente as pedras brutas.





Os Evangelistas olham tranqüilamente o bulício da cidade, com seus olhos de pedra, que sonham acima e além dos tempos.

ESCOLA DE CANTARIA

AO ABRIGO DA CATEDRAL DE SÃO PAULO, VÃO SURGINDO NOVOS ARTISTAS ★ "MAESTRO" CARMINE E SEUS ALUNOS ★ A PEDRA ENSINA PACIÊNCIA

Reportagem de RUTH GUIMARÃES



Fotografias de BOTELHO NETO

DESDE que se coloca a primeira pedra no solo, no lugar onde se há de erguer imponente uma catedral, muitos anos se passarão antes que dentro das paredes nuas seja rezada a primeira missa. Foi assim sempre e será sempre assim. Na Europa, a igreja de Barcelona está em construção há cinquenta anos. O Duomo de Milão esteve tantos anos inacabado, tantos e tantos anos, que se perdeu a memória do princípio e, por fim, todas as coisas que nunca mais se acabavam eram chamadas de duomo de Milão.

Isso veio do princípio do mundo, como dizem os velhos. Certa vez os homens tentaram fazer a Torre de Babel, que deveria chegar ao céu, mas esta sim, nunca, nunca se acabou. Jeová confundiu-lhes a língua, para que não lograssem o louco intento. E por isso, ou por outras causas, até hoje os homens ainda não se entendem.

Murmura-se que anda gente ganhando rios de dinheiro com as obras da Catedral de São Paulo e afirma-se também que ela ficará pronta em 1954, para as festas de comemoração do quarto centenário da cidade. A verdade é que as obras sofreram um impulso imenso e a Casa de Pedra cresce dia a dia, e dia a dia o contínuo martelar dos canteiros marca um ritmo velho e insistente, único, singular, dentro dos muitos ruídos quotidianos da cidade.

A FLOR DE PEDRA

A pedra ensina a paciência. Também ensina a simplicidade e a bondade. E também sugere bons pensamentos. Sim,

Vê-se pela expressão austera e calma que têm bons pensamentos os que nela trabalham. E vê-se ainda que amam e compreendem a alma da pedra. Eles encontram alguma coisa no que fazem e se encontraram. O rumor que fazem sobe dentro do templo com qualquer coisa de oração.

Nem só de pão vive o homem, mas também da graça de Deus. Eles descobriram o pão e a graça na pedra a que dão forma e a que dão o espírito. São calados e pacientes. Dão cem, duzentos, milhares de pequenos golpes na pedra para amaciá-la. Depois outros cem, outros duzentos, outros milhares de golpes com um instrumento cortante, para dar-lhe a forma desejada. Trabalham durante meses numa cabeça de apóstolo, durante anos num capitel de coluna, com enfeites de folhas e de frutos.

— Para que são as marteladas? — perguntamos afinal — Por que tantas?

— Para deixar a pedra doce — é a surpreendente resposta.

— E fica?

O homem sorri somente com os olhos.

— Passe a mão onde eu estava batendo.

Realmente a pedra parece ter se tornado mais fina, mais fácil, mais sensível.

Um giro pela igreja é muito interessante. Em primeiro lugar construíram dentro dela uma porção de casinhas. Um é o escritório do "maestro" Carmine, outra é o Escritório Provisório da Administração, outra a tenda dos que trabalham na parte ainda descoberta, e outra é a casa dos

ferreiros. Nesta o espetáculo é estranhíssimo. Um maníaco, que jamais corta os cabelos e nem faz a barba, ergue depressa os olhos e parece esconder-se dentro de si mesmo, de tal maneira é atenta, alerta e de recuo a sua expressão. Dizem que ele foge como um animal de fumaça, para a ferraria, à aproximação de quem quer que seja, a não ser dos companheiros de trabalho. Parece uma figura revivida do Pátio dos Milagres, da Notre Dame de Paris, e sem dúvida é em definitivo o seu lugar nesta interminável Sé. O homem trabalha de ferreiro, com mais um homem, bonachão e gordo, com uns sorridentes olhos azuis. São condescendentes com o estranho trabalhador. Deixam-no morar ali mesmo na casinha e há ali um certo jeito de retiro, nos toros de madeira escura, no fogãozinho num canto, no fumeiro onde ele pendurou uma porção de pedaços de linguça. Há uma fotografia recortada de jornal, pendurada na parede, lembrando uma vez em que o apanharam desprevenido os repórteres. Nunca mais deixou que lhe tirassem outra depois disso. É impressionante encontrá-lo malhando o ferro ao rubro, cercado de faíscas que espirram para todos os lados, com um olhar fundo, somente entrevisto a espaços, e aquela emaranhada barba, e aqueles emaranhados cabelos. Talvez Vulcano fosse assim. Um infernal ferreiro cabeludo e misterioso, rodeado de fogo, de rumor de bigorna e de mistério.

O ferreiro gordo e bonachão explica que o companheiro trabalha bem e não dá trabalho.

— Por que é preciso uma ferraria, somente para as obras de igreja?

— Para amolar a ferramenta. De cinco em cinco minutos é preciso refazer a ponta das entalhadeiras. E quando elas se gastam, o que acontece com uma rapidez incrível, é preciso fazer novas de barras de ferro.

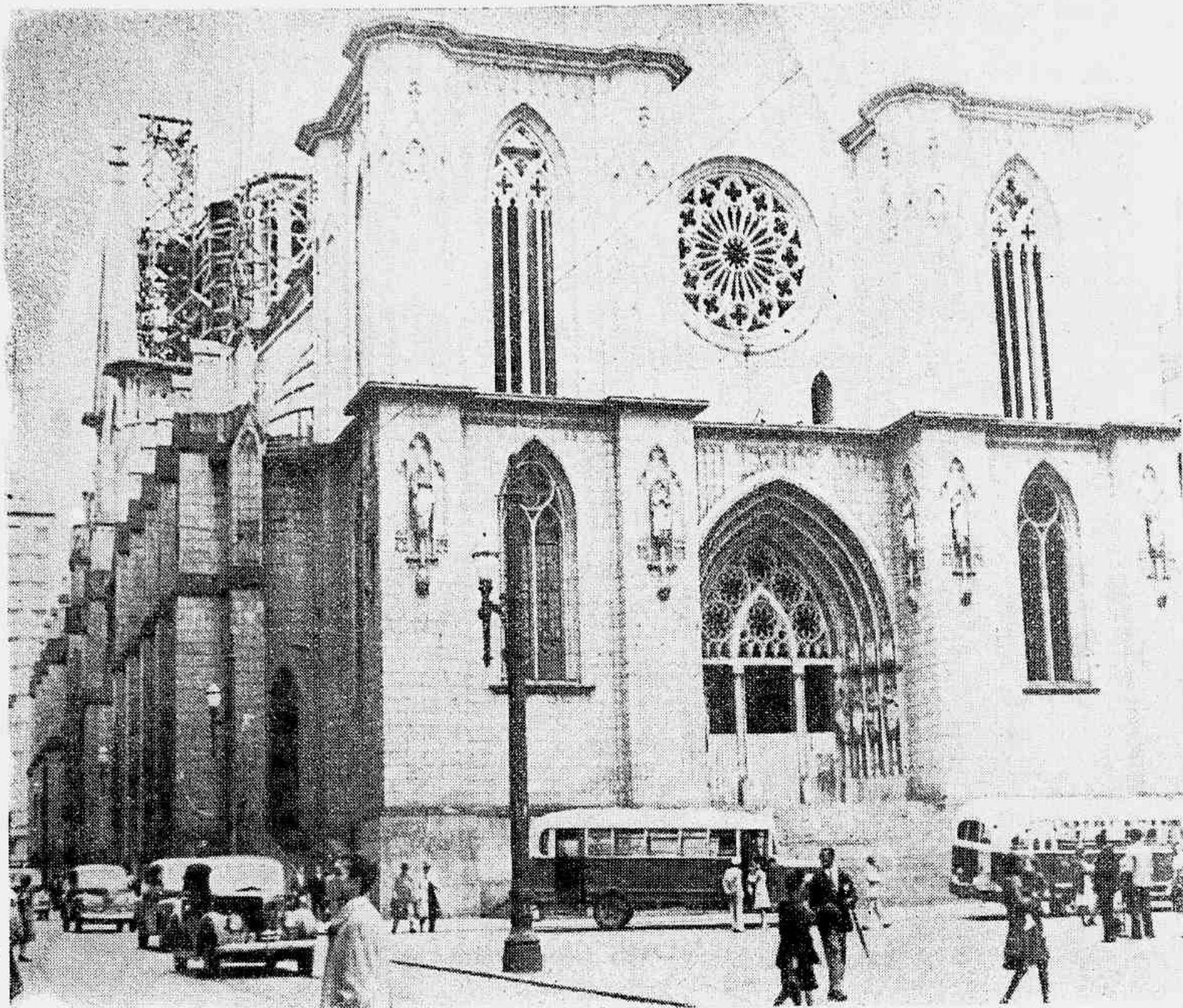
A igreja está cheia de peças prontas de pedra, que devem ser guindadas aos seus lugares. Há um quadro da crucificação, apóstolos, capitéis e folhas e animais.

São engraçados e comoventes estes últimos, motivos nacionais, esparramados por toda a igreja. A gente se interessa e se sente bem de reconhecer todas as coisas e de se lembrar de ter visto aqueles animais vivos, correndo e mexendo as orelhas, e de descobrir lá em cima um tatu, que, desmentindo a cantiguinha popular, não subiu no pau, mas subiu na coluna.

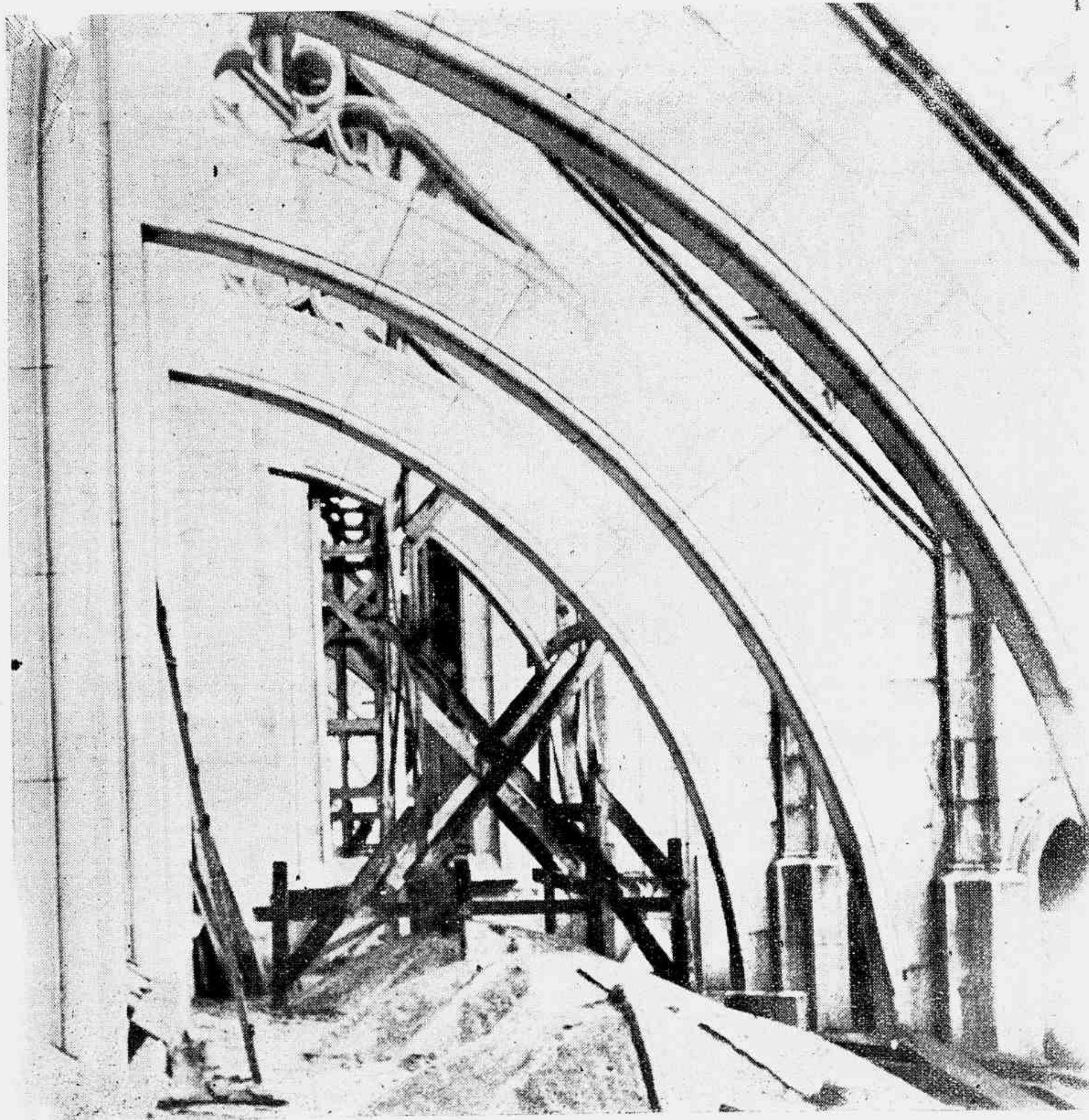
Ao sairmos, depara-se-nos, inesperadamente, uma nota de poesia. Do lado do Correio da Sé, uma parasita floresceu liricamente na pedra antiga que o tempo escureceu.

"MAESTRO" CARMINE

"Maestro" Carmine tem setenta e quatro anos e se orgulha disso. Seu tipo é do italiano do Sul, baixo, moreno e vermelho, tendendo para o rubicundo e mais gordo que magro. Estende as mãos, onde se salientam as veias, endurecidas pela idade. Estão firmes e permanecem horizontalmente no ar.



Na parte lateral do templo, a que dá para o Correo da Sé, uma planta pegou, liricamente, na pedra polida que o tempo escureceu.



Parte lateral da Sé, na altura do côro, e um pouco abaixo dos capiteis das colunas.

— No trem — diz ele na sua cantante pronúncia. — Também, bebida? Nem o cheiro. Nada de cachaca. Só um bon vinho italiano, e, nos domingos, uma bela duma macarroatá...

Sorri, deliciado, só de pensar no petisco. Quando ele veio da sua ensolarada Nápoles, e encontrou a mesma intensidade de azul do céu, trabalhou aqui e ali e, afinal, veio para São Paulo e foi parar nas obras da Catedral, nas iniciadas, por esse tempo, com dois anos, se tanto. E' permitido pensar que, quando chegou, não tenha gostado muito do lugar, entre companheiros que não entendiam muito do riscado, numa catedral com um metro de pedra acima do chão, e numa cidade com dias nublados. E' permitido pensar também que a garoa era ainda mais cinzenta, mais fria e mais constante do que agora. Havia uma compensação, que era a colônia italiana, irmã, em torno, vibrante, barulhenta, alegre, forte, cheia de esperança e de fé na pátria nova.

— Vim de Nápoles em 1892 — Mile oitocento noventa e dois — acentua ele.

Tinha 18 anos e na Itália tinha sido apenas aprendiz de canteiro, nos arredores de Nápoles. Anos mais tarde, em 1906, quando começou a trabalhar nas obras da Catedral, passou logo a mestre.

— Ninguém sabia nada — explica ele.

Há trinta e dois anos, passa os dias no templo. E' quase uma vida inteira dedicada à igreja e ao seu áspero trabalho. Ele conhece essas paredes que viu subir, pouco a pouco, crescendo sob as suas mãos rudes e firmes, as suas mãos de aço temperadas no manejo das ferramentas. Conhece como ninguém o arrôjo das colunas que se atrain para o céu, mas também brotaram das suas mãos. Conhece cada rosácea, que recorta o céu em flores de quatro pétalas azuis, e cada curva talhada em cada rosto grave de cada santo.

"MAESTRO" CARMINE E SUAS QUEIXAS

Ele diz que não há mais bons canteiros, porque esse é um ofício que requer persistência e tempo. E' preciso que o artifice comece de menino e que cresça trabalhando a pedra, e querendo bem o seu ofício.

Há muitos trabalhadores e é fácil encontrá-los. Mas os canteiros, os artistas, são poucos.

— Eu tenho gosto de ensinar, — diz o "maestro", — mas ninguém quer aprender porque leva tempo.

Sabe-se que em São Paulo não há uma escola de cantaria. Não existe seção de cantaria na Escola Profissional. Na Escola de Belas Artes há somente uma seção de Escultura. E essa escola que está aberta para todos, na Catedral, ninguém frequenta. E o pior é que não temos canteiros.

— Aqui tem eu — enumera o velho mestre — mais dois que 'tão aqui há trinta anos e meus filhos. Ninguém mais. Murreu esses, tem que mandá vir canteiro da Europa. E'.

"Maestro" Carmine casou-se com uma brasileira e aqui no Brasil lhe nasceram os filhos. Mal os meninos atingiram os dez anos, o tempo deles foi repartido entre a escola de alfabetização e a de cantaria. Saíram do grupo escolar e iam para a Catedral. Hoje estão casados e seguem todos o mesmo ofício, trabalhando com a mesma arte do pai, na pedra resistente.

Porém o mestre não está muito satisfeito com o rumo que tomam as coisas.

— Mã chê! Hoje em dia ninguém quer mais aprendê os ofício. Vem, trabalha um mês, dois meses, e já quer sabê tudo.

E conclui a tirada com um conceito profundamente filosófico:

— E' por causa da pressa mesmo que ninguém se deixa saber mais nada.

No fundo a maquete promete que a Catedral será belíssima, com seu perfil gótico, severo, e a um tempo alçada para cima, leve e ousada, projetando para o céu agudas lanças.

Se há muito por fazer, muito também já foi feito. Vê-se a riqueza enorme das realizações: — A cripta onde se celebram missas aos domingos e nos dias de festa; a escadaria onde há missas campais que acordam esplendores de liturgia cristã na velha e castigada praça da Sé, de ordinário sem poesia e sem beleza, mas nessas manhãs milagrosas subitamente transformada e ressurgida para a graça.

O que de mais interessante se descobre na Catedral não é propriamente a constru-

e me arevo a proceder dessa m



O príncipe (H. Rullan) amante "constante", recebe a recompensa do seu amor: a mão da encantadora camponesa Silvia (Hélène Bellanger). Em baixo — Amante inconstante, Arlequin (Bertheau) promete o céu da felicidade a sua futura esposa Flaminia (C. Pasquier).

UMA "NOVIDADE" DE 225 ANOS

A ENCENAÇÃO DE "LA DOUBLE INCONSTANCE", DE MARIVAUD, CONSTITUIU UM DOS MELHORES ESPETÁCULOS DA COMPANHIA FRANCÊSA NO MUNICIPAL

Por MICHEL B. KAMENKA



Fotos de A. VIEIRA

(Especial para REVISTA DA SEMANA)

Muito se discutiu nos últimos dias a temporada francesa do Municipal. Alguns assinantes, inicialmente, estranharam os preços: 170 cruzeiros a cadeira. Achavam absurdo um preço tão elevado, para espetáculos teatrais que, em Paris, não custariam tanto. Outros achavam que o preço nada tinha de extraordinário, em si mesmo, considerando-se que uma companhia que se desloca, de avião, da França para o Rio de Janeiro, afinal não pode trabalhar a preços populares, nem mesmo em teatro subvencionado. Mas esses lamentavam a má escolha do repertório, iniciado com uma peça longa, fatigante, incrivelmente monótona, embora escrita por um dos maiores romancistas contemporâneos: "Le Fleuve Éternel", de Charles Morgan. Outros iam mais longe no seu desgosto. Queixavam-se do próprio teatro, deplorando a reforma que nele fizera o prefeito Pedro Ernesto. O Municipal, segundo estes, já não é mais um teatro para a comédia, mas simplesmente para a ópera e os concertos sinfônicos. Ficava aberto, escancarado, como um circo, como um estádio. Perdera a acústica maravilhosa de outrora. Entretanto, por mais que os espectadores tivessem feito restrições, justas ou injustas, à Companhia Francesa de Comédias, lamentando que artistas de tal categoria perdessem seu tempo e o da plateia representando até comédias bobas como "Mistigri", de Marcel Achard, todos eles foram concordes em uma coisa: a encenação de "La Double Inconstance", de Marivaux, constituiu um espetáculo verdadeiramente delicioso. E' desse espetáculo que nos fala este artigo de Michel B. Kamenka.





À esquerda: — O príncipe (H. Rullan) conta a história do seu amor. À direita: — Um olhar enciumado do príncipe.

MARIVAUX, de quem acabamos de ver no Municipal "La double inconstance", era, há pouco tempo ainda, uma espécie de relíquia venerável para uso de escolares e para a história do teatro e da literatura. De vez em quando, era representada uma peça sua, de preferência na "Comédie Française", e a crítica lembrava nestas ocasiões que Marivaux merecia um lugar mais honroso nos repertórios das companhias teatrais. O público não reagia com muito entusiasmo, e o autor continuava na situação de um grande, mas pouco representado teatrólogo.

Agora voltou a voga de Marivaux. Entre outros Jean Louis Barrault, artista e diretor de teatro dos mais modernos inclui as suas peças no seu repertório, junto com Shakespeare e Molière, e o público encontra de novo o encanto de uma forma perfeita e de uma linguagem escolhida.

Durante o período de efervescência do espírito moderno, o problema da forma era deliberadamente pôsto de lado; depois veio a reação. Foi o próprio Picasso que indicou o caminho para trás com a sua volta, embora temporária, aos desenhos clássicos. A expressão do crítico deu a fórmula consagrada dessa reviravolta: "Picasso fait de l'Ingres". Desde então foram muitos os artistas que

voltaram os seus olhos para "Ingris", não somente nas artes plásticas, mas também na literatura. O problema da apuração da forma de expressão ocupa de novo um lugar de primeira linha entre as preocupações dos autores, e o público, como sempre, acompanha o movimento.

Portanto estamos hoje em melhores condições para apreciar as qualidades do grande teatrólogo que foi Marivaux. Podemos com facilidade fazer abstração de certo convencionalismo básico do enredo para observar o desenvolvimento da intriga.

Silvia, raptada por um príncipe poderoso que dela se enamorou, está prisioneira de honra no castelo encantado, rodeada de todas as atenções e de carinho do invisível dono, que procura deste modo ganhar o seu coração. Entretanto, Silvia tem um amante: Arlequim e quer voltar para sua casa. O príncipe, aconselhado por Flaminia, resolve chamar Arlequim e procurar pelo contraste ganhar a partida. Encontra uma auxiliar eficaz para realizar o seu propósito; ela acha Arlequim a seu gosto e manobra com muita astúcia para seduzi-lo. O príncipe, para alcançar o seu fim, apresenta-se sob o disfarce de um oficial do castelo e Silvia, desprevenida e aborrecida com o seu raptor invisível cai nos seus braços. Maior é sua felicidade ao saber que o namorado é

o próprio príncipe. Assim está delineada a intriga: a "double inconstance" de Silvia e de Arlequim conduzirá a um "chassé croisé" e dois casamentos no fim. Antecipação do "happy end" das fitas americanas.

Insisto propositadamente sobre a ingenuidade do enredo. Porque este é um mero pretexto para desenvolver os arabescos do movimento cênico, traçados com uma perícia encantadora e sutil. A "comédia dell'arte" italiana teve uma influência marcante sobre o teatro de Marivaux. Ora, a "comédia dell'arte, oriunda do teatro popular, é uma mistura de bailado e comédia. Marivaux continua no mesmo sentido e junta ao ritmo encantador da sua prosa que quase parece verso, o ritmo dos movimentos: na visão plástica dos personagens encontramos a procura de uma forma harmoniosa e equilibrada, a mesma perfeição que presidia à apuração do texto.

Uma encenação deste gênero exige da parte dos artistas conhecimento perfeito do gesto e do seu valor plástico. Uma grande parte do êxito reside neste elemento "bailado" incrustado na comédia. O texto de Marivaux, como de praxe no seu tempo, é salpicado de reflexões críticas sobre a sociedade e os seus defeitos: crítica leve mas mordaz. Assim foi o próprio século XVIII, que cons-

(Cont. na pág. 55)

À esquerda: — "The happy end" Arlequim (Bertheau) agradece ao Príncipe (H. Rullan) por ter prestigiado o seu casamento com Flaminia (C. Pasquier). À direita: — Arlequim: (Bertheau) "Renunciar a Silvia em favor do Príncipe — nunca". Na página ao lado: — O jogo duplo de Arlequim (Bertheau) entre a antiga amante Silvia (H. Bellanger) e a futura esposa Flaminia (C. Pasquita).





SANGRENTA TRAGI-COMÉDIA

UM COSSACO ANALFABETO ARVORA-SE EM PRETENDENTE AO TRONO DE CATARINA A GRANDE ★ NÃO TRIUNFAVA PELAS ARMAS, MAS COMO UMA EPIDEMIA; PELO CONTÁGIO DA REVOLTA ★ O TRISTE FIM DO MALOGRADO "IMPERADOR": ACABOU ESQUARTEJADO EM PRAÇA PÚBLICA

Por OTTO SCHNEIDER (Especial para REVISTA DA SEMANA)



Catarina, a Grande.

NO verão de 1770 irrompeu, no sul da Rússia, a peste bubônica, importada da Moldávia. A epidemia alastrou-se rapidamente até Moscou, vitimando ao todo umas cinquenta mil pessoas. Os ricos e nobres, como sempre abandonaram precipitadamente a cidade, enquanto o povo, aglomerado nos templos ficava a implorar a misericórdia divina.

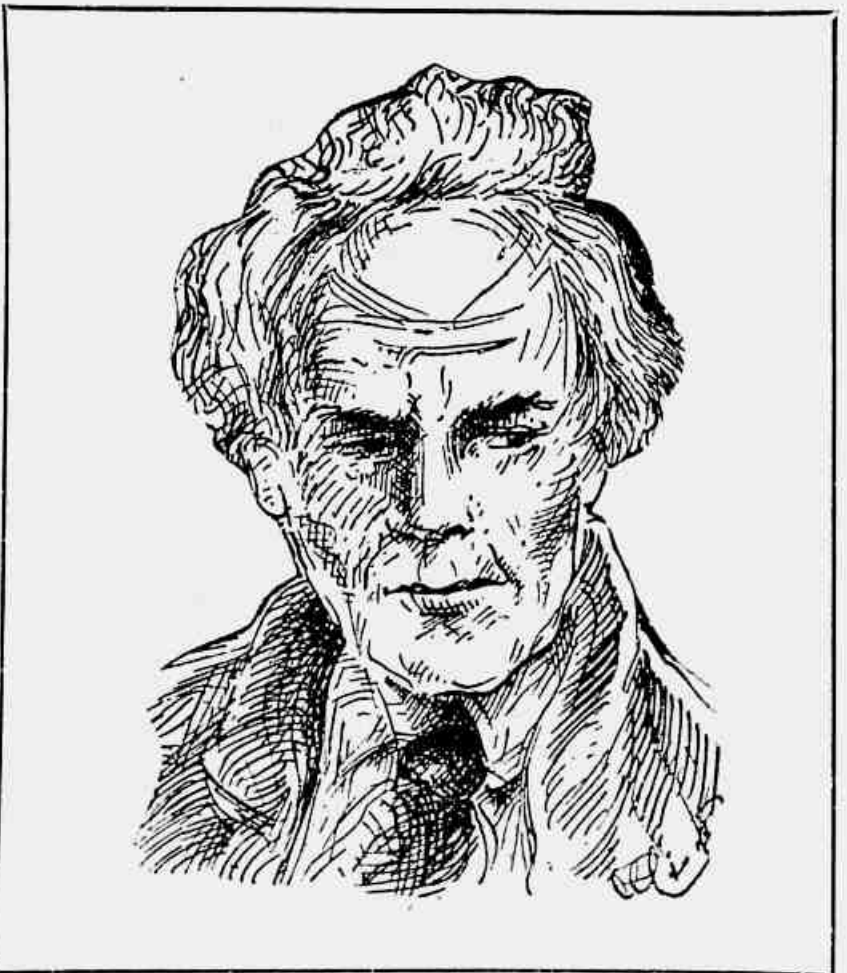
Entendendo que as aglomerações contribuíam para a propagação da epidemia, o arcebispo moscovita Ambrosi decidiu retirar da catedral uma imagem milagrosa de Nossa Senhora, veneradíssima pelo público, e escondeu-a.

Não imaginou, porém, quão grande seria a revolta. A massa, bárbara, supersticiosa, num paroxismo de desespero e aflição, penetrou no recinto do Kremlin, assaltou a residência do prelado, assassinou o alto dignitário eclesiástico, saqueou e destruiu tudo. O comandante militar da cidade, recorrendo às armas, matou umas cem pessoas a fim de restabelecer a ordem. Mas a enérgica intervenção não conseguiu extinguir o flagelo. O comandante pediu auxílio à czarina, Catarina a Grande, que mandou Gregório Orlov a Moscou, mundo de poderes especiais. Com efeito, a epidemia abrandou e finalmente foi extinta.

Foi extinta, deixando porém uma onda de descontentamento, e essa onda, alastrando-se e avolumando, alcançou o leste russo, a região dos baixos Urais onde, entre os cossacos do rio Iaik, fervilhavam idéias revolucionárias. Até pouco tempo atrás, os cossacos tinham sido donos absolutos daquelas estepes, e haviam gozado da mais ampla autonomia. Tratando-se de zonas fronteiriças, o governo resolveu levantar fortificações no intuito de dominar os calmuços, quirguises e outras tribos estranhas cujas periódicas invasões inquietavam o país. Com a construção dos baluartes, acabara-se a liberdade e autonomia dos cossacos que passaram a ficar subordinados às autoridades militares. Resultou daí uma perigosa efervescência.

A situação estava como que criada adrede para a execução das idéias anarquistas de um certo Emelian Pugatchev. Tal como Bolotnikov em princípios do século XVII, e Stienka Rázin no tempo de Pedro o Grande, Pugatchev estava destinado a tornar-se um desses legendários russos, reivindicadores da justiça, que até hoje vivem nas baladas e canções populares.

Emelian Pugatchev era um cossaco analfabeto do



O general Suvorov, vencedor de Napoleão e do rebelde Emelian Pugatchev.

Don. Combatera na Prússia sob as ordens do conde Tchernichev, batera-se contra os turcos, fôra então licenciado e regressara à terra natal. Sedento de aventuras, pobre de recursos mas fértil de loucas idéias, pôs-se a correr mundo e assim chegou aos cossacos do baixo Ural.

Ali veio encontrar o que andava procurando: ambiente propício para as suas idéias turbulentas.

A efervescência agradou-lhe de tal maneira que não perdeu tempo em aproveitá-la para provocar um forte movimento subversivo.

Mas a idéia só não bastava. A massa, para sublevar-se, precisava de um estímulo. Para tanto, Pugatchev recorreu a uma dessas mistificações bastante em voga na Rússia, que já tinha tido vários precedentes nos séculos anteriores e sempre havia surtido efeito. Assim como no tempo de Boris Gudonov aparecera um mistificador polaco, chamando-se Dmitri e dizendo-se filho de Ivan IV, e lograra efetivamente, após triunfante campanha, instalar-se no trono russo e ocupá-lo um ano; assim como haviam surgido, com menos êxito, vários outros impostores, dizendo-se filhos do czar Fiódor, e como finalmente aparecera em cena um novo pseudo-Dimitri, também pretensa filho de Ivan IV, e fôra reconhecido, durante um ano e meio, legítimo czar por quase toda a Rússia, — assim não era difícil repetir o velho estratagemas.

Pugatchev julgava-se com vocação para fazer o papel do falecido Pedro Fiódorovitch, ou seja Pedro III, espôso de Catarina, "salvo milagrosamente das mãos de seus assassinos". De imaginação fértil, inventou uma história complicada de fantásticas aventuras: sua evasão, com impressionantes pormenores, a fuga dramática, um estágio junto ao Grão Turco e até uma viagem ao Egito.

E' verdade que Pugatchev não tinha a menor semelhança com o débil e alourado imperador holsteiniano — o aventureiro era alto e robusto, tinha vasto cabelo preto, uma espessa barba negra emoldurava-lhe o queixo enérgico e forte, — e de fato os chefes cossacos não acreditavam em absoluto na pretensa identidade do impostor. Mas pouco importava. Pugatchev, com sua história mal contada, de qualquer maneira servia para atizar as massas e levá-las à luta.

E a luta começou. E com ela uma das mais sangrentas tragi-comédias de que os anais têm memória.

Em nome de Pedro III, vindo para escorregar do trono a imperatriz usurpadora, Catarina, e para libertar o povo da opressão, os caudilhos cossacos levantaram toda a população do baixo Volga e do rio Ural. O apelo teve imediata repercussão. Aos cossacos juntavam-se servos fugidos, vagabundos, nômades e até quirguises e calmuços. A fogueira da sublevação alastrou-se com espantosa celeridade. Daí a pouco, o embusteiro dispunha de um exército de cerca de 25.000 homens. Enquanto tomava cidade após cidade e dominava as margens do Volga, seus emissários percorriam as províncias e incitavam os camponeses à revolta.

Num pomposo manifesto, proclamava que faria "entrega, ao povo russo, da terra, das águas, dos bosques e dos montes...", prometendo a cada um o que necessitava: aos caçadores, espingardas e pólvora; aos camponeses, sementes e ferramentas; ao cossacos, os lagos e os rios para pesca; e aos operários, a destruição completa das odiosas fábricas e liberdade absoluta. Indo mais longe, preconizava a necessidade de extirpar, desde as raízes, a classe nobre e acabar com a classe dos intelectuais. E para estimular seu bando, prometia cem rublos de recompensa por um nobre morto e um castelo saqueado, e mil rublos com o grau de general por dez nobres mortos e dez castelos saqueados.

Nos primórdios da carreira, Pugatchev usava modestos trajes monacais, era morigerado, não bebia, levava vida ascética e declarava não reconquistar o poder para si, mas para o seu amado filho Paulo (filho de Catarina a Grande e herdeiro da coroa). Frequentemente era visto levar aos lábios, entre lágrimas comovidas, o retrato do pequeno czarevitch.

Perfeito comediante! Mas seu ódio a todos os membros do governo, seu amor aos oprimidos era sincero!

— Se Deus permitir que chegue a São Petersburgo — costumava dizer — trancarei num convento a minha indigna esposa Catarina, e exterminarei, do primeiro ao último, todos os aristocratas...

A princípio, Catarina e seu governo não ligaram importância ao movimento e não previram as complicações que poderia originar. A imperatriz, com humor, levava a insurreição na brincadeira e, em uma das cartas a Voltaire, referia-se irônica ao "Marquês de Pugatchev". Entretanto, o fracasso das autoridades locais e, mais adiante, das tropas enviadas para sufocar

a rebelião e capturar o caudilho, causaram bastante alarme.

O pretense imperador Pedro III instalara-se, entretanto, na cidade de Orenburg e representava o papel de soberano. A porta do seu "palácio" dava audiências, recebia adesões e condenava às mais atrozes torturas aqueles que se obtinavam em não o reconhecer como "Sua Majestade Imperial".

Diante do "palácio", ao repicar dos sinos e ao troar dos canhões, Pugatchev montava a cavalo e passava em revista suas tropas. Já não usava trajes monásticos, já não era morigerado. Ao contrário, ele e seu bando passavam noites a beber, cantar e dançar, e as patuscatas faziam parte invariável do programa diário.

Ao dar-se conta do verdadeiro perigo da sublevação, Catarina encarregou o general Bibikov de esmagá-la. Sem dúvida, o valente general colheu apreciáveis resultados. Mas, que adiantava as tropas imperiais alcançarem aqui e acolá uma vitória, reconquistando uma fortaleza, aprisionando alguns milhares de revoltosos, tomando poucas dezenas de canhões? O fogo extinto num ponto reacendia-se em dez outros. Pugatchev não triunfava pelas armas. Vencia como uma epidemia; pelo contágio.

No outono de 1773, Catarina pusera a cabeça do rebelde ao preço de duzentos e cinquenta rublos. No verão de 1774, oferecia cem mil. Nada poderia evidenciar melhor a ascensão vertiginosa da revolta.

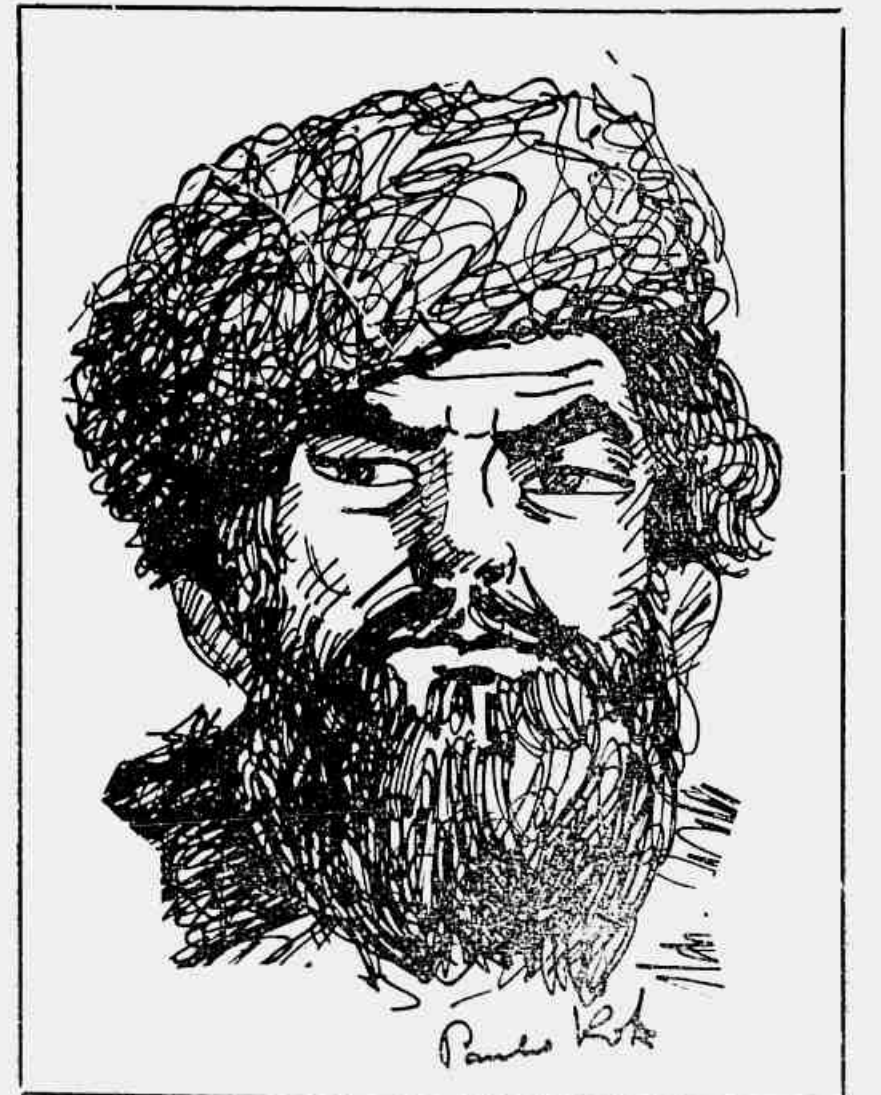
O temerário filibusteiro arremetera contra Penza, Sarátov e todas as cidades da bacia do Volga, devastando-as de fio a pavio. Tomou Kazan em vinte e quatro horas. Das 2.873 casas sobraram apenas 810.

Catarina compreendeu finalmente quão crítica estava a situação. O valente general Bibikov, de tanto correr atrás do manhoso rebelde, acabou morrendo de fadiga. Substituiu-o Mikhelson quando Pugatchev estava justamente a caminho de Moscou, e barrou-lhe a marcha. Agora, a imperatriz mandou o melhor de todos: o generalíssimo Suvorov. Este foi rapidamente no encalço do temerário aventureiro e perseguiu-o até ao baixo Volga. Pugatchev defendeu-se com a ferocidade de um animal acuado, mas foi derrotado. Para ao menos salvar a vida, atravessou o Volga a nado, com alguns cossacos, refugiando-se num velhacouto seguro. Mas entre os companheiros houve quem prezasse mais cem mil rublos do que a lealdade. Enquanto o caudilho dormia, exausto da estafante peleja, os traidores subjugaram-no e, mãos e pés amarrados, entregaram-no à autoridade militar.

O malogrado "imperador", a esbravejar, foi encerrado numa jaula, tal como um animal feroz, e, carregado de cadeias, transportado para São Petersburgo a fim de ser esquartejado em público.

Na hora da execução, perante a multidão vigilante e ávida de sensações fortes, o verdugo enganou-se num

(Cont. na pág. 56)



Emelian Pugatchev, que foi esquartejado, após a derrota.

MARIDOS...

A cena se passa na sala de estar do apartamento da Atriz Famosa, às cinco da tarde. Faz muito tempo que a Jovem de Ar Grave ali se acha, sentada nervosamente na beira duma cadeira dourada. De repente a Atriz Famosa entra, vindo do "boudoir".

ATRIZ FAMOSA — A senhora queria falar comigo?

JOVEM DE AR GRAVE (engole em seco, emocionada) — Sim.

ATRIZ FAMOSA — Que é que posso fazer pela senhora?

JOVEM DE AR GRAVE (testando os dois braços com ar suplicante) — Devolva meu marido!

ATRIZ FAMOSA — Devolver seu marido?

JOVEM DE AR GRAVE — Sim.

ATRIZ FAMOSA (limita-se a arregalar os olhos para ela, em mudo espanto.)

JOVEM DE AR GRAVE — A senhora está procurando saber qual é... É um homem louro, não muito alto, que usa óculos. É um advogado, o advogado de seu empresário. Seu nome próprio é Alfredo.

ATRIZ FAMOSA — Oh! Conheço-o... sim.

JOVEM DE AR GRAVE — Eu sei disso... Eu lhe imploro, devolva meu marido!

(Há uma longa pausa)

ATRIZ FAMOSA — Não tome o meu silêncio por perturbação... Eu estou atrapalhada porque... não sei como hei de devolver-lhe seu marido quando não o tenho para devolver.

JOVEM DE AR GRAVE — Mas a senhora confessou que o conhece.

ATRIZ FAMOSA — Mas isso não quer dizer de modo algum que eu o tenha tomado à senhora. Naturalmente o conheço. Foi ele quem redigiu meu último contrato. E foi porque que o vi uma ou duas vezes depois disso... nos bastidores. Um homem bem falante, de cabelos louros... A senhora disse que ele usa óculos?

JOVEM DE AR GRAVE — Sim.

ATRIZ FAMOSA — Não me lembro dele com óculos.

JOVEM DE AR GRAVE — Ele os tirou. Ele quer ter a melhor aparência possível diante da senhora. Está apaixonado por ela, senhora. Nunca ele tira os óculos quando eu estou perto p. sente. Ele não se importa com as aparências quando eu não estou presente. Ele não me ama... Eu lhe imploro, devolva-mô!

(Cont. na pág. 56)

Conto Dialogado de **FERENC MOLNAR**
Ilustração de **HOLANORA**



Quando
Mourer

Louise

NUNCA cheguei a perceber por que, mas o fato é que Louise não gostava de mim. E além disso eu sabia ainda que pelas minhas costas, naquele seu jeitinho sutil, ela raramente perdia uma oportunidade de dizer coisas desagradáveis a meu respeito. Era delicada de mais para falar diretamente, mas com uma insinuação, um suspiro, um simples gesto das belas mãos, era capaz de fazer bem clara a sua idéia. Era mulher de poucas palavras. E' verdade que nos conhecemos, e quase intimamente, durante vinte e cinco anos, mas sempre me foi impossível crer que ela pudesse ser afetada pela força de uma velha amizade. Ela me achava grosseiro, cínico e vulgar. O que sempre me espantou, porém, foi que ela nunca procurou cortar relações comigo, o que seria mais que natural. Mas não, nada disso. Em verdade, nunca me deixava em paz; vivia me convidando para almoços e jantares, e uma ou duas vezes por ano até me convidava para um fim de semana em sua casa de campo. Afinal, julguei ter descoberto o motivo. Louise tinha a incômoda desconfiança de que eu não acreditava nela. Isso, se era a causa que a levava a não gostar de mim, era também a razão por que procurava a minha companhia... mortificava-a que eu fosse a única pessoa a olhá-la como a uma figura de comédia, e não teria descanso enquanto não me visse desenganado e vencido. Talvez pressentisse que eu lhe adivinhava a verdadeira face por detrás da máscara; e por ser eu a única pessoa nessas condições, estava determinada a mais cedo ou mais tarde levar-me a aceitar a máscara pelo rosto. Eu, no entanto, nunca tive certeza absoluta de que ela fosse uma fanfante; me perguntava se ela iludia a si mesma como iludia o mundo ou se haveria algum lampejo de espírito no fundo daquela coração. Se assim fosse, talvez que a sua inclinação por mim fosse fruto da corteza de que nós ambos conhecíamos um segredo oculto para todos mais, como é o caso entre dois patifes.

Conheci Louise antes do casamento, bem antes. Era então uma menina frágil e delicada, de grandes olhos melancólicos. Os pais adoravam-na assim como que ansiosamente, devido a uma doença, escarlatina, creio, que lhe enfraqueceu o coração, e a tratavam sempre com os maiores cuidados. Quando Tom Maitland pediu-a em casamento, ficaram abaladíssimos, pois estavam convencidos de que a filha era débil de mais para a estrênuo condição de mulher casada. Mas não estavam em boa situação e Tom Maitland era rico. Ele prometeu tudo fazer neste mundo por Louise, até que afinal a recebeu, como a um encargo sagrado. Tom Maitland era um camarada forte e dinâmico, de bela aparência e magnífico atleta. Adorava Louise, que, fraca como era do coração, não poderia viver muito tempo. De modo que ele estava decidido a fazê-la feliz naqueles poucos anos que lhe restavam sobre a terra. Para começar, abandonou os esportes que tanto amava; não que Louise o desejasse (ela até o animava a caçar e a jogar golfe), mas somente porque, por uma curiosa coincidência, lá vinha um ataque cardíaco toda vez que ele resolvia deixá-la por um dia ou dois. Quando divergiam de opinião ela cedía imediatamente, pois era a esposa mais submissa que um homem pode

ter, mas seu coração logo entrava a falhar e lá ficava ela de cama, meiga e sem queixumes, durante uma semana. Tom não podia ser tão bruto a ponto de contrariá-la. Depois vinha uma brevíssima indecisão sobre quem deveria ceder e era sempre com muita dificuldade que ele conseguia persuadi-la a fazer o que bem entendesse. Uma ocasião, vendo-a caminhar treze quilômetros numa excursão que muito a entusiasmava, dei a entender a Tom Maitland que ela era muito mais forte do que em geral se supunha. Ele sacudiu a cabeça e suspirou: — Não, não, ela é terrivelmente débil. Já a levei aos melhores cardiologistas do mundo e todos concordaram em que a vida dela está por um fio. Mas o espírito de Louise é indomável.

Pouco depois, ele disse a ela que eu comentara a sua resistência.

— Pagarei caro a extravagância, amanhã mesmo — disse-me ela, chorosamente. — Ficarei às portas da morte.

— Eu às vezes penso que você é sempre forte o bastante para fazer o que quer — murmurei.

Eu já notara que quando as festas estavam boas ela dançava até as cinco da manhã, mas que quando a coisa estava chôcha logo começava a passar mal, e Tom tinha de levá-la para casa na mesma hora. Creio que a minha resposta não lhe agradou muito, pois que, apesar do sorrisozinho patético que me enviou, não vi a menor sombra de satisfação nos seus grandes olhos azuis.

— Creio que você não espera que eu caia morta apenas para fazer-lhe a vontade — ela respondeu.

Louise sobreviveu ao espôso. Ele apunhou o resfriado mortal num dia em que os dois passeavam de barco e Louise precisou de todos os agasalhos para se aquecer. Tom lhe deixou uma cômoda fortuna e uma filha. Louise ficou inconsolável. Foi maravilhoso como conseguiu resistir ao choque. Os amigos ficaram esperando a sua breve reunião a Tom Maitland. Em verdade todos já sentiam pena de Iris, a filha, que ficaria órfã. De modo que redobramos de atenções para com Louise. Não permitiam que ela movesse um dedo; insistiam em fazer tudo no mundo para livrá-la de aborrecimentos. E não tinham mesmo outro remédio, pois se ela precisasse fazer qualquer coisa maçante ou inconveniente, o coração logo se revoltava e lá estava a infeliz às portas da morte. Estava inteiramente perdida sem um homem que a cuidasse, dizia ela, e não sabia como, com a sua saúde delicada, poderia criar a querida Iris. Os amigos perguntavam por que não se casava novamente. Oh, com tal coração nem se devia falar naquilo, embora ela naturalmente soubesse que o querido Tom apoiaria inteiramente a idéia. Talvez fosse até melhor para Iris se assim o fizesse; mas quem ia querer se amofinar com uma desgraçada inválida como ela? Estranho que pareça, mais de um moço se mostrou disposto a assumir o encargo, e um ano depois da morte de Tom Maitland Louise permitiu que George Hobhouse a conduzisse ao altar. Ele era um rapagão simpático e desempenado, e não era absolutamente pobre. Nunca vi ninguém tão agradecido pelo privilégio de poder cuidar daquela coisinha franzina.

— Não o incomodarei por muito tempo — disse ela.

George era um soldado, e dos mais ambiciosos, mas logo pediu reforma. A saúde de Louise a obrigava a passar o inverno em Monte Carlo e o verão em Deauville. Ele hesitou um pouco em abandonar a carreira, e Louise, a princípio, nem queria ouvir falar nisso; mas afinal ela cedeu, como sempre cedia, e ele se preparou para fazer os mais felizes que fosse possível os últimos anos da espôsa.

— Já não pode demorar muito, agora — disse ela. — Farei tudo para não incomodar de mais...

Nos dois ou três anos seguintes, Louise, apesar do coração, conseguiu comparecer, em magníficos vestidos, a todas as grandes festas; pôde jogar fortemente, dançar, e até ser cortejada por alguns belos e elegantes rapazes. Mas George Hobhouse não tinha a ténpera do primeiro marido de Louise e de vez em quando precisava recorrer a valentes tragos para bem cumprir a sua tarefa de segundo espôso de Louise. E' bem possível que o hábito tivesse crescido, o que não seria de maneira alguma do gosto de Louise, mas muito felizmente (para ela) veio a guerra. George se incorporou ao seu regimento e três meses depois estava morto. Foi um tremendo choque para Louise. Ela sentia, no entanto, que numa tal crise não devia se entregar a uma dor pessoal; e caso tenha tido algum ataque cardíaco, nessa época, ninguém ouviu falar dele. A fim de afogar as mágoas, ela transformou sua casa de Monte Carlo em hospital para oficiais convalescentes. Os amigos avisaram-na de que não resistiria ao esforço.

— E' claro que não resistirei — disse ela. — Sei disso muito bem. Mas, que importa? Preciso também fazer o meu bocadinho.

O esforço não a matou. Até pelo contrário, pois foi essa a grande época de sua vida. Não havia uma só casa de convalescentes em França tão popular quanto a dela. Encontrei-a por acaso em Paris. Estava almoçando no Ritz com um jovem francês, muito alto e muito elegante. Explicou-me que ali estava a serviço do hospital. Disse-me que os oficiais eram adoráveis para com ela. Sabiam da sua debilidade e não a deixavam fazer a menor coisa. Cuidavam dela... bem, como se fossem todos seus maridos. Louise suspirou.

— Pobre George! Quem poderia pensar que, com este meu coração, ainda fosse enterrá-lo!

— E o pobre Tom! — exclamei.

Não sei por que ela não gostou que eu dissesse isso. Lançou-me um sorriso doloroso e seus belos olhos encheram-se de lágrimas.

— Você sempre falando como se eu tivesse culpa de viver mais uns poucos anos...

— Per falar nisso... seu coração está muito melhor, não está?

— Nunca estará melhor. Ainda hoje de manhã estive com um especialista... Disse-me que estivesse preparada para o pior.

— Oh, muito bem! E já faz cerca de vinte anos que você está preparada para esse pior, não faz?

Quando a guerra terminou, Louise se fixou em Londres. Era então mulher de mais de quarenta, ainda magrinha e débil, de olhos grandes e bochechas pálidas, mas não parecia um diazinho que fosse além dos vinte e cinco anos. Iris, que estivera na escola e já estava uma moça, passou a residir com ela.

— Ela cuidará de mim — disse Louise. — Sei bem que vai ser duro para a coitadinha aturar uma inválida como eu, mas será por tão pouco tempo que estou certa de que ela não se importará.

Iris era uma bonita moça. Crescera conhecendo a precariedade da saúde da mãe. Em pequena, nunca tivera permissão para fazer um ruído. Sempre compreendia que sua mãe não devia de modo algum ser perturbada. E, embora Louise lhe garantisse que não queria vê-la fazendo sacrifícios por uma velha enjoada, a mocinha simplesmente não tomava conhecimento disso. Não era questão de sacrifícios, era uma felicidade fazer tudo por minorar os sofrimentos da pobre mãezinha. Com um suspiro, a mãezinha a deixava fazer esse tudo.

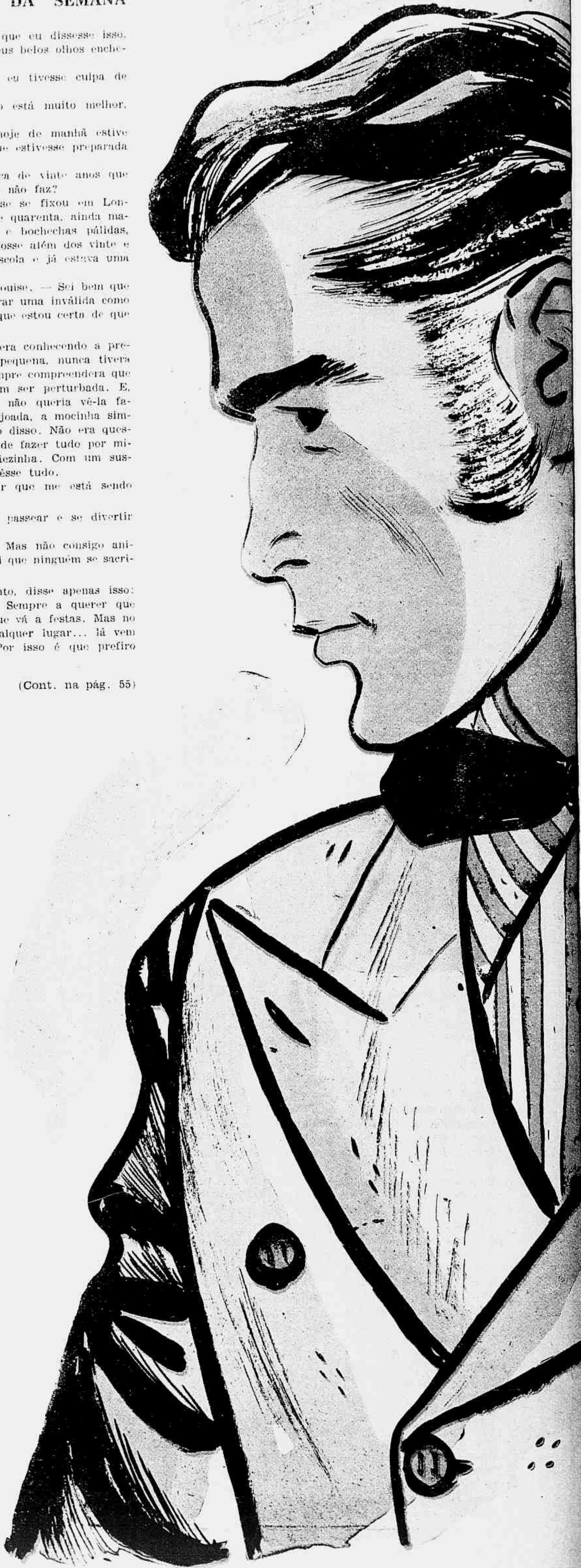
— A queridinha gosta de pensar que me está sendo útil — disse-me Louise.

— Você não acha que ela devia passear e se divertir mais um pouco? — perguntei.

— E' o que lhe digo todo dia. Mas não consigo animá-la. Deus sabe... nunca pretendi que ninguém se sacrificasse por minha causa.

E Iris, quando toquei no assunto, disse apenas isso: — Pobre mamãe!... Tão boa!... Sempre a querer que eu passe dias com os amigos e que vá a festas. Mas no instante em que eu saio para qualquer lugar... lá vem um daqueles terríveis ataques. Por isso é que prefiro ficar em casa.

(Cont. na pág. 55)





Sexta-feira — Cheguei hoje à Fazenda dos Coqueiros. Embora ainda tivesse os olhos anuviados de lágrimas e sentisse uma forte predisposição para detestar tudo que ladeavam a entrada da casa branca, xar de admirar a beleza dos coqueiros que ladeavam a entrada da casa branca, sólida e majestosa na sua simplicidade.

O Automóvel que me buscara ao povoado entrou pelo lado direito, num caminho calçado de pedras e com canteiros de grama verde dos lados. Desci do carro, temendo enfrentar o grupo de pessoas que divisei na varanda da casa. Estendi com timidez minha mão para a senhora que se adiantou do grupo e apertei a sua. Santo Deus, como me tremiam as pernas e me doía o coração.

D. Odila Fernandes me apresentou então aos meus futuros alunos: Carlos, o mais velho da turma, Maria Alice, bela menina de tranças e olhos negros. Eugênia, de cara rosada e travessa, Maria da Glória, a menor de todos, Dêcio e Pedro, dois sobrinhos seus, muito vivos e agradáveis. Todos me olhavam com curiosidade, principalmente as meninas, que analisavam sua nova professora da cabeça aos pés. Carlos me fitava com desafio, como se estivesse prevenindo-me de que minha autoridade sobre ele seria muito limitada.

A dona da casa me levou depois para o meu quarto, que era espaçoso e claro. Via-se que fora preparado com esmero. Os móveis eram antigos e simples, de muito boa qualidade. Senti-me bem dentro dele.

D. Odila esteve conversando comigo algum tempo. Disse-me que espera de mim um grande auxílio na educação de seus filhos, que são poucos amigos de livros. Os outros nunca lhe deram trabalho. Armando e Antônio estão em Belo Horizonte fazendo curso superior, e Dr. Eduardo, seu primogênito, administra a fazenda desde a morte de seu pai. Fez um brilhante curso de engenharia.

Deixou-me, enfim, sozinha, prevenindo-me de que jantaríamos às 5.30. Dei então livre expansão à minha vontade de chorar. Estava numa casa estranha, onde todos me eram estranhos. Ficaria ali, ganhando o meu sustento, enquanto na fazenda houvesse crianças para educar. Depois disto não saberia para onde ir, já que meus parentes não me queriam em sua casa. Tia Amélia, santa por fora e cobra jararaca por dentro, havia arranjado aquela maneira de se desfazer de mim, mandando-me para aquela distante fazenda. Paguei-lhe uma módica pensão enquanto o pude, porque não fiquei de todo sem dinheiro quando meu pai morreu. Fazia muitos serviços pesados em sua casa, além disto, de forma que não pagava assim tão barato. Contudo, não consegui seu afeto. Colocava-me sempre em situação humilhante perante nossas rela-

TRECHOS DE MINHA VIDA

Conto de YULA MARQUES * Ilustração de L. CANABRAVA

ções, fazendo alarde de meus defeitos e atribuindo-me outros que eu não possuía. Agora jogava-me para longe, arrancando-me toda possibilidade de viver como eu queria. Morar na roça era a coisa que eu menos desejava na minha vida.

Olhei meu relógio de pulso e vi, maravilhada, que já eram 5.15. Lavei com cuidado o rosto e os olhos, verificando no espelho que estavam inchados de chorar. O pó de arroz que passei não pôde ocultar de todo os vestígios de meu pranto.

Quando entrei na sala de jantar todos já me esperavam. — Dr. Eduardo apertou vigorosamente minha mão quando me fui apresentada, mas não me deu a mínima atenção durante todo o jantar. Não me importei com a sua indiferença, pois estou habituada a ver muitos homens rarearem-se, à minha passagem, na Avenida Afonso Pena.

Comi pouco. Não tinha apetite e estava constrangida, porque as crianças me fitavam como se fosse uma alma do outro mundo.

A conversa que tivemos depois foi concisa. — Dr. Eduardo me autorizou a ser muito exigente com seus irmãos e primos, pois são vadios e preguiçosos, principalmente Carlos, o mais levado de todos. Estabeleceu para mim o ordenado mensal de Cr\$ 600,00. Achei-o razoável e até bom, pois não terei nenhuma despesa morando em sua casa.

Agora estou em meu quarto. Enquanto escrevo procuro lembrar-me da fisionomia de Dr. Eduardo, mas não o consigo. Só sei que ele é muito alto, tem um belo sorriso branco e parece queimado pelo sol. O resto da família já não me causa temor. Graças a Deus, foi-se o meu pessimismo. Como Scarlet O'Hara, vou esperar por amanhã, que é um novo dia.

Sábado — Despertei com o sol que penetrava pela bandeira da janela. Depois de tomar um gostoso café com leite e bolinhos que uma negrinha me trouxe numa bandeja, vesti umas calças compridas e resolvi explorar um pouco as imediações da fazenda. Há um belo jardim e um grande pomar por trás da casa. Descobri com delícia que me será possível nadar num córrego que passa nos fundos. Meu passeio durou toda a manhã, porque só na segunda-feira começaremos as aulas.

Quando voltei para o almoço trazia uma grande fome. Comi com prazer o lombão de porco assado, com tutú de feijão. Tivemos frutas e doce de leite para sobremesa. — Dr. Eduardo não compareceu, porque foi de caminhão ao povoado, levando arroz para embarcar para a cidade.

Passei o resto do dia no quarto, arranjando minhas coisas no armário e nas gavetas. Escrevi depois para Carmen e tais, as minhas melhores amigas do colégio. Talvez escreva à tia Amélia, mas vou esperar passar a raiva que ainda sinto.

Depois da merenda, lá pelas 4 horas da tarde, recebi a visita das meninas. Achei que elas estavam loucas para ver como eu havia arranjado o meu quarto. Maria Alice não tirava os olhos dos vidros de esmalte e da água da Colônia que eu aliabara em cima da cômoda. Ofereci-lhes caramelos, que minhas colegas me levaram quando foram despedir-se. A princípio tiveram acanhamento de aceitá-los, mas depois tiraram punhados de dentro da caixa, rindo como doidas. Tornamo-nos muito amigas e saímos do quarto de mãos dadas, para jantar. Só então compreendi minha imprudência oferecendo-lhes balas, porque não comeram nada do que se serviu à mesa. Fiquei desapontada, pois era evidente a minha culpa. Eugênia fez figas ao Carlos diversas vezes com um caramelo que guardou.

A noite foi muito agradável, porque as meninas, aproximando-se de mim quebraram o gelo e constrangimento de minha chegada. Contei-lhes histórias divertidas. No fim, Pedro e Dêcio já faziam parte de nosso grupinho. Carlos continuava arredio, e seu irmão, cada vez menos se ocupava de minha pobre pessoa.

Domingo — Fomos todos ao povoado assistir missa. Vesti um discreto vestido azul-marinho de bolinhas brancas e gola de renda. Houve um longo sermão. Rezei com um fervor tão grande que não senti o tempo passar. Lembrei-me de 2 anos atrás, quando tinha felicidade, dinheiro e posição, quando os meus pais ainda viviam. Pela primeira vez, depois que perdi tudo isto, a lembrança da vovó passada não me trouxe a amargura da revolta. A paz de Deus desceu ao meu espírito. — Sai da Igreja mais leve,

sentindo uma grande coragem para enfrentar minha vida, disposta a tudo aceitar, esquecer e perdoar. Esquecer e perdoar, sim, até os dois anos de martírio que vivi em casa de tia Amélia, estes 2 anos que quase me tornaram má, pela força de conviver com a maldade.

Fui alvo da curiosidade de quase toda a povoação, principalmente da curiosidade masculina. Para surpresa minha, que não esperava encontrar elegância em tão atrasado lugar, vi muita gente chic e bem vestida. Pareceu-me que Dr. Eduardo é o príncipe encantado dos sonhos de toda nossa casadoira do lugar. Deduzi isto pelos olhares invejosos que me dirigiram, quando me viam caminhando ao seu lado ao sairmos da Igreja. Pondo a modéstia de parte, acho que formamos um bonito par, pois somos ambos altos e elegantes.

Almoçamos em casa de uma coadromeira de D. Odila. Seu filho, confessor como todo estudante de direito, transformou-se em minha sombra durante todo o tempo em que estivemos na sua casa. Senti que Dr. Eduardo não presenciava a minha coação, porque não almoçou conosco. Foi para a casa de um seu amigo, também engenheiro, discutir um projeto de irrigação para as suas terras cultivadas. Só apareceu no momento de voltarmos para a fazenda.

Dediquei o resto do dia a fazer planos de aula para segunda-feira.

O jantar foi animado, pois o intangível Dr. Eduardo se torna boquaz quando toma vinho. Fiquei admirada quando o vi baixar-se de sua poltrona para rir e brincar com as meninas. — O frango cheio que comemos estava excelente, a composta de golabas com requeijão, uma delícia. Acho que os pratos simples são muito mais gostosos que as coisas complicadas que ingerimos na cidade.

Fomos depois para a varanda da frente, onde ficamos até às 8 horas, para apreciar a beleza do luar. Senti-me tão sozinha, que quase chorei. Pedi licença para abrir um pouco o piano do salão. Toquei Sonata ao Luar, de Beethoven e alguns Noturnos, de Chopin. Graças a Deus, a música levou minha mágoa.

Quando fechei o piano vi Dr. Eduardo, às minhas costas, sentado numa poltrona. Não sei como ele entrou na sala, porque não escutei o menor barulho. Sorriu-me pela primeira vez.

Muito grato pelo prazer que acabou de me proporcionar. Dizendo isto, saiu do salão.

Começamos hoje nossas aulas. Maria da Glória e Eugênia, que vão fazer o 1.º e 2.º ano, tomarão suas lições pela tarde. — Maria Alice e Pedro vão fazer o 3.º ano. Dêcio e Carlos vão fazer o 4.º.

(Cont. na pág. 50)

ESTA, consoante o evangelho persa, é a história do nascimento, vida e morte de Zoroastro, o Protetor da humanidade.

Desde a criação do primeiro homem, há eterna luta entre Ahura Mazda, o Senhor da Luz, e Ahriman, o Príncipe das Trevas. "Eu, Ahura Mazda, não tenho descanso por causa do meu desejo de dar proteção àqueles que criei; da mesma forma ele, Ahriman, não descansa por causa do seu desejo de trazer a destruição àqueles que criei".

Deus, no eterno esforço para proteger a humanidade, ensinou-lhe as artes da paz — a economia, a amizade, o amor, a domesticação dos animais e o cultivo da terra. Mas o Diabo, no eterno esforço por destruir a humanidade, ensinou-lhe as artes da guerra — o desperdício, a inimizade, o ódio, o saque do gado alheio e a devastação da terra alheia.

"E no decurso dessa luta entre Ahura Mazda e Ahriman, chegou um dia em que o mundo se achou em grave conjuntura". Os bandidos dos montes atacavam os habitantes da planície. "Todos os maus espíritos de Ahriman arremetiam juntamente, decididos a pôr fim à vida pacífica do homem". A raça humana vergava sob a aflição. Os próprios animais se entristeciam à perspectiva de serem violentamente separados de seus donos. De modo que os homens apelaram para Gosurvan, a alma do touro sagrado, suplicando-lhe que intercedesse em favor deles junto ao trono de Deus. "E Gosurvan, com a força de mil homens a gritar em altas vozes, assim clamou: — A quem confiaste a guarda das tuas criaturas, quando a ruína se abateu sobre a terra, e a vegetação fenece, e a água é corrompida, e os homens são trucidados?"

"E Deus falou a Gosurvan, dizendo: — Eu farei surgir aquele que há de salvar as criaturas da terra."

E por isso nasceu Zoroastro.

II

Ao nascer Zoroastro — seu nome persa era Zaratustra — toda a natureza se regozijou. Até as árvores, rios e montanhas cantaram um hino triunfal à vitória de Deus sobre o Diabo. Divino resplendor iluminou o mundo, e potente gargalhada estrugiu nos lábios da criança ao ver a luz.

Mas os espíritos maus imediatamente se esforçaram por dar morte ao salvador. Um deles procurou torcer o pescoço do menino, quando deitado no berço. Mas o assassino teve a mão mirrada ao estendê-la para o divino infante. Outro espírito mau lançou a criança no caminho de uma tropa em debandada. Mas um dos bois, guiado pela mão de Ahura Mazda, postou-se de guarda junto a Zoroastro e salvou-o de morrer espezinhado. Ainda outros dos espíritos maus de Ahriman aprisionou o menino num antro de lobos. Mas os lobos não quiseram tocar num único fio de cabelo de Zoroastro. Ao contrário, saíram em busca de uma ovelha para amamentar a criança.

Assim escapou Zoroastro às maquinacões do Diabo; e com a idade de sete anos foi entregue aos cuidados de um homem culto e sábio que o instruiu nas coisas divinas. Os espíritos maus, no entanto, ainda não se tinham cansado de atentar contra ele. Procuraram destruir-lhe o corpo com ervas peçonhentas, e a alma com venenosas mentiras. Mas ele os frustrou, auxiliado pelo seu tutor — segundo alguns escritores antigos, esse tutor de Zoroastro era o poeta hebreu Jeremias — e aos quinze anos de idade estava pronto para envergar "o cinto sagrado da religião".

Durante os quinze anos seguintes, apurou o caráter nas "santas águas da compaixão". Ajudou os anciãos; curou os enfermos; alimentou os famintos; aliviou as cargas dos animais; andou entre os seus semelhantes para confortá-los nas horas de aflição. Fez-se mestre na arte prática da vida interdependente.

E então, aos trinta anos, ficou pronto para encetar a sua carreira de pregador de uma nova religião. Pois tivera uma visão na Montanha de Sabalan. Lá, numa gruta natural em cujas paredes gravara uma reprodução dos corpos celestes, num retiro onde passava muitas horas de meditação, contemplara Ahura Mazda face a face.

Ou, para sermos mais exatos, havia contemplado as sete faces de Ahura Mazda. Pois Zoroastro, embora concebendo Deus como um único ser, atribuiu-lhe uma personalidade sétupla. Ahura Mazda representa a Luz Eterna, a Sabedoria Onisciente, a Retidão, o Poder, a Piedade, a Benevolência e a Vida Eterna.

Então, tendo-se revelado a Zoroastro, o "sete vezes glorioso" Ahura Mazda conduziu o profeta ao céu e ensinou-lhe a diferença entre "a Verdade e a Mentira". E o profeta, depois de gravar a lição no seu íntimo, voltou para ensinar-la aos outros homens.

Nesse momento os espíritos do mal — os guardiões da Mentira — começaram uma vez mais a atormentar Zoroastro. "Das terras do norte — a região dos gelos, da aflição e da morte — irrompeu Ahriman à testa da sua legião de demônios: — Matemo-lo, o justo Zaratustra.

A VIDA DE ZOROASTRO

(Cêrca de 650 a. C.)

Por HENRY THOMAS e DANA LEE THOMAS

(Direitos adquiridos com exclusividade pela REVISTA DA SEMANA com a Livraria do Globo, de Porto Alegre)

Pois, se ele viver, morrerá o mal. E, sem o mal, nós também morreremos.

"Mas Zaratustra, vestindo a couraça da retidão e brandindo o sabre da verdade, repeliu o ataque dos demônios."

"E os demônios, vendo malgrado o seu assalto, recorreram a um arsenal de novas armas — as setas envenenadas da lisonja, e as seduçções enervantes do amor (ilícito)". Disfarçando-se sob a forma de Spondarmat, "a bela deusa dos segredos e pecados", Ahriman tentou o profeta com os prazeres da carne. Novamente, porém, Zoroastro rechaçou o demônio e tornou aos "negócios do Senhor".

Durante dez anos correu mundo, anunciando os negócios do Senhor a uma raça de homens cujos ouvidos os demônios haviam "selado contra a verdade". Por toda parte foi recebido com chacotas e pedradas — o preço comumente pago pela mais preciosa das mercadorias, o pão da vida. Por fim conseguiu um adepto — seu primo Metyoma. Juntos andaram e sofreram, e dos seus sofrimentos tiraram as "áureas sílabas" do Avesta — o Evangelho persa da Verdade.

III

O Avesta — mais conhecido no mundo ocidental como o Zend-Avesta — é um livro de teologia, ética e filosofia.

Mazda é o divino Lavrador da chapada persa, assim como Jeová é o divino beduíno do deserto árabe. E' o onisciente, onipotente e misericordioso Criador do universo. Pai da raça humana e Provedor do sustento de todos os seres vivos. "Seu corpo é a luz e a glória suprema; o sol e a lua são os seus olhos; seu vestuário é a sólida abóbada do firmamento". Foi ele quem fez o céu para dar luz, e a terra para produzir a vida. Ele "determinou o caminho do sol e das estrelas... susteve a terra e o firmamento para que não caíssem... dispôs as águas e as plantas... deu rapidez aos ventos e nuvens... dotou o homem com o desejo de plantar, e a semente com a faculdade de crescer". Ahura Mazda, em resumo, é a soma de todas as forças naturais que tendem para a harmonia. Quanto às forças da desarmonia, essas — assegurava Zoroastro — emanam do demônio. "Foi Ahriman quem criou a treva e todas as suas esqualas e peçonhentas criaturas". Tais forças malignas, e sua repulsiva progénie de serpentes, gafanhotos, tufões, inundações, doenças, fornigas, ratos, víboras, abutres e parasitas, vivem empenhadas em guerra eterna contra as potências da bondade, da justiça, da indulgência, da piedade, da compaixão e da paz.

Mas a despeito de seus muitos triunfos temporários, as forças do mal não prevalecerão contra a onisciência e onipotência de Deus. Porque Deus previu a luta e para ela se preparou com a criação da única arma invencível contra o mal, — o homem justo.

Mas antes de poder criar o homem justo, Ahura Mazda teve que realizar mais de um experimento com a argila humana. Em primeiro lugar, criou Mashya e Mashyói (o Adão e a Eva das escrituras persas) e colocou-os num Paraíso terrestre. "E Deus lhes falou, dizendo: — Vós sois homem e mulher, os antepassados do mundo, e fostes criados para reverenciar a justiça. Cumpri devotadamente os deveres da lei, pensai bons pensamentos, fazei boas palavras, fazei boas ações, e não adoreis a nenhum demônio".

E por algum tempo Mashya e Mashyói "cumpriram devotadamente os seus deveres, e adoraram a Verdade, e se uniram, e deram vida a sete pares de filhos, varões e mulheres... e a cada um desses, em cinquenta anos, nasceram filhos, e eles mesmos morreram depois de cem anos".

Mas os novos filhos da raça humana esqueceram o culto da Verdade e caíram sob o fascínio de Ahriman, o pai das mentiras. E Deus enviou contra eles um dilúvio de neves fundidas. No dilúvio todos os homens morreram, exceto alguns poucos fiéis. Desses poucos fiéis, declarou Ahura Mazda, ressurgirá a Verdade. Tornar-se-ão a semente do homem justo.

E quem é esse homem justo? E' aquele que edificará a vida dos seus semelhantes sobre o triplice alicerce dos Bons Pensamentos, Boas Palavras e Boas Ações.

Antes de tudo, é necessário que a humanidade pense com justiça. Devemos "aguçar a mente na pedra da experiência". Devemos aprender a sentir as penas alheias, e a regozijar-nos com as alegrias alheias. Devemos banir a ignorância com a luz da razão. "E' a ignorância que perde a quase todos". Pois a ignorância é "a causa de agravos mútuos entre os homens". O néscio não percebe que, ao prejudicar o próximo, está apenas prejudicando a si mesmo. O sábio, por outro lado, sabe que um bom serviço prestado a outro, "seja de longe ou de perto", será pago na mesma moeda. Assim, procurar as relações adequadas entre nós e os nossos semelhantes — em outras palavras, pensar com justiça — é o primeiro preceito da religião de Zoroastro.

O segundo preceito é falar com justiça. "Aquele que diz uma palavra injusta, pode enganar o seu semelhante, mas não enganará a Deus". E' preciso ser honesto, não só em pensamentos, mas em palavras. A religião de Zoroastro, pois, não é um meio negativo, mas um meio positivo de salvação. A fim de nos salvarmos, devemos ensinar os outros a salvar-se. "O nosso dever", declara o Avesta, "é ensinar amizade ao inimigo, proibida ao perverso, e sabedoria ao ignorante". Acima de tudo, devemos odiar a mentira. "Aquele que diz uma mentira é de todos os homens o mais desprezível". Porque fere, não apenas o ouvido, mas a alma do próximo. Zoroastro está pronto a perdoar a todos, menos ao mentiroso. Perdoar o embusteiro é ser também embusteiro. "Aquele que tem complacência para com o mentiroso é, ele próprio, um mentiroso... Pois ajuda a regar a semente da falsidade, de que nasce o escalracho da injustiça".

Depois da mentira ativa, o que Zoroastro mais condena é a retenção passiva da verdade. Para observarmos o preceito das Boas Palavras, declara o profeta persa, não devemos apenas falar com justiça, mas também falar contra a injustiça. Devemos levantar a voz quando quer que vejamos um mal a reparar, uma ofensa por vingar, uma crueldade que denunciar. "Acha mais graça aos olhos do Senhor, nos céus, aquele que na terra intercede pelo pobre e oprimido". Pois o homem não é uma criação.

(Continua na pág. 52)



ZOROASTRO

Versa a natureza de Deus, o dever do homem, e o destino da vida. Hoje dispomos unicamente de parte da versão original — um livro cuja composição cobriu, diz-se, nada menos de doze mil couros de vacas. Essa versão original foi destruída quando Alexandre, em sua atrevida marcha de conquista, pôs fogo à cidade de Persópolis. Sem embargo, preservaram-se fragmentos suficientes para nos dar uma representação bastante fiel das idéias de Zoroastro sobre Deus, o homem, e o destino.

O Deus de Zoroastro, Ahura Mazda, tem profundas afinidades com o Deus mosaico, Jeová. Zoroastro, como Moisés, figurava Deus segundo a sua própria imagem. Ahura





Ao alto: "Bacanal", quadro de Poussin, pertencente à National Gallery. Na página ao lado: "Flora", — quadro de Rembrandt, pertencente à National Gallery.

O MUSEU DE PINTURA MAIS FREQUENTADO DO MUNDO

LONDRES, junho (Pelo "Eandeirante" da Panair do Brasil) — A "National Gallery", de Londres, ou seja, o Museu Nacional de Pintura da Inglaterra, por mais estranho que pareça, é a instituição artística mais frequentada do mundo! Isso é devido o amor dos ingleses às artes plásticas e à fama das preciosidades que encerra.

Mesmo nos dias de calor abrazador ou nos de "frost" siberiano; por ocasião do "fog" intenso que não permite ver um palmo diante do nariz e, ainda, durante tremendos vendavais e chuvas torrenciais, a "National Gallery" não deixa de receber a visita de dezenas de milhares de pessoas de todas as nacionalidades, que ali acorrem em tão grande número que esse famoso museu de pintura se transforma em verdadeira colméia.

A "National Gallery", se encontra em pleno coração

Impressões de uma visita à "National Gallery", de Londres ★ Centenas de quadros de pintores de todas as nacionalidades e de todos os tempos extasiam a vista dos visitantes ★ As conferências sobre arte, na Galeria nacional ★ A "National Portrait Gallery", que encerra cerca de 2.000 quadros de celebridades britânicas.

Texto de NELSON VAINER

(Enviado especial de REVISTA DA SEMANA à Europa)

da cidade, no centro de Westminster, atrás da soberba coluna de Nelson, ao norte de Trafalgar Square. É um edifício branco, de nobre fachada, ornamentado com as colunas que caracterizam a arquitetura grega.

Em nenhum outro museu de pintura se encontra tão rica coleção de quadros dos maiores pintores de todas as nacionalidades e de todos os tempos. Nem mesmo os italianos, porque estes, em geral, excetuada a pintura nacional, são poucos em matéria de grandes obras de outros países.

Forrando as paredes do soalho ao teto, paisagens de todas as regiões do globo, a fauna, a flora, cenas das maiores tragédias da história, quadros de reis, rainhas, deuses, santos, demônios, filósofos, guerreiros, plebeus e outras coisas mais, extasiam a vista de todos aqueles que não se cansam em contemplar esse maravilhoso conjunto de arte que o gênio humano produziu.

Rembrandt, Rubens, Miguel Angelo, Rafael, Boticelli, Velasquez, Goya, Van Dick, Holbein, Lorrain, Poussin, Constable, Turner, Gainsborough, e muitos outros estão aí presentes, através de suas grandes obras.

Ali vemos o bucolismo dos tempos de paz, no sossego campestre, como os dramas terríveis dos dias de guerra. Ali vemos o belo e o horrível. Milhares de livros escritos em todos os tempos sobre a guerra, não falam tão alto quanto o quadro de Rubens, "Os horrores da guerra", exposto na "National Gallery". E pode haver algo mais belo do que a visão de uma criancinha inocente de

poucos meses, o menino Jesus, por exemplo, no colo da Virgem, em concepção inimitável de Sassoferrato? Depois, as grandes tragédias da humanidade, a crucificação do Nazareno, os leões de Cesar esmagando os adeptos do catolicismo durante as festas populares; a pomposa embarcação da rainha de Sabá, em visita ao rei Salomão, as grandes cenas bíblicas, entre os quais os judeus recebendo o "maná", no deserto, José vendido aos egípcios, a adoração do bezerro de ouro; as folias dos deuses mitológicos, flagrantes históricos de todos os tempos, cidades, aldeias, florestas, jardins, campos verdejantes, flores, tipos e raças de todos os cantos da terra, — tudo isso, contemplamos, fixado magistralmente na tela por grandes mestres da pintura no passado.

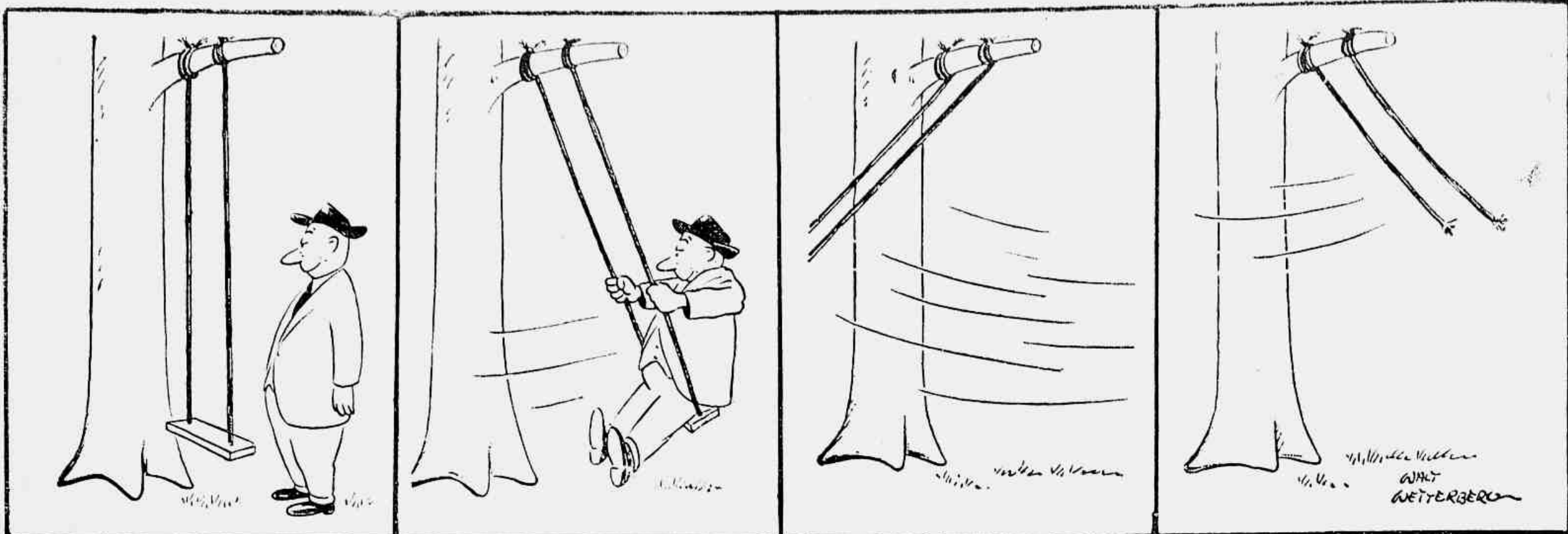
(Cont. na pág. 54)



"Cabeça de velho", um dos quadros de Rembrandt que figuram entre as preciosidades da National Gallery, de Londres



Retrato de Charles I, a cavalo, — pertencente à National Gallery



— Como é, Marocas? Você está mesmo esperando os Moreira?

BOM HUMOR



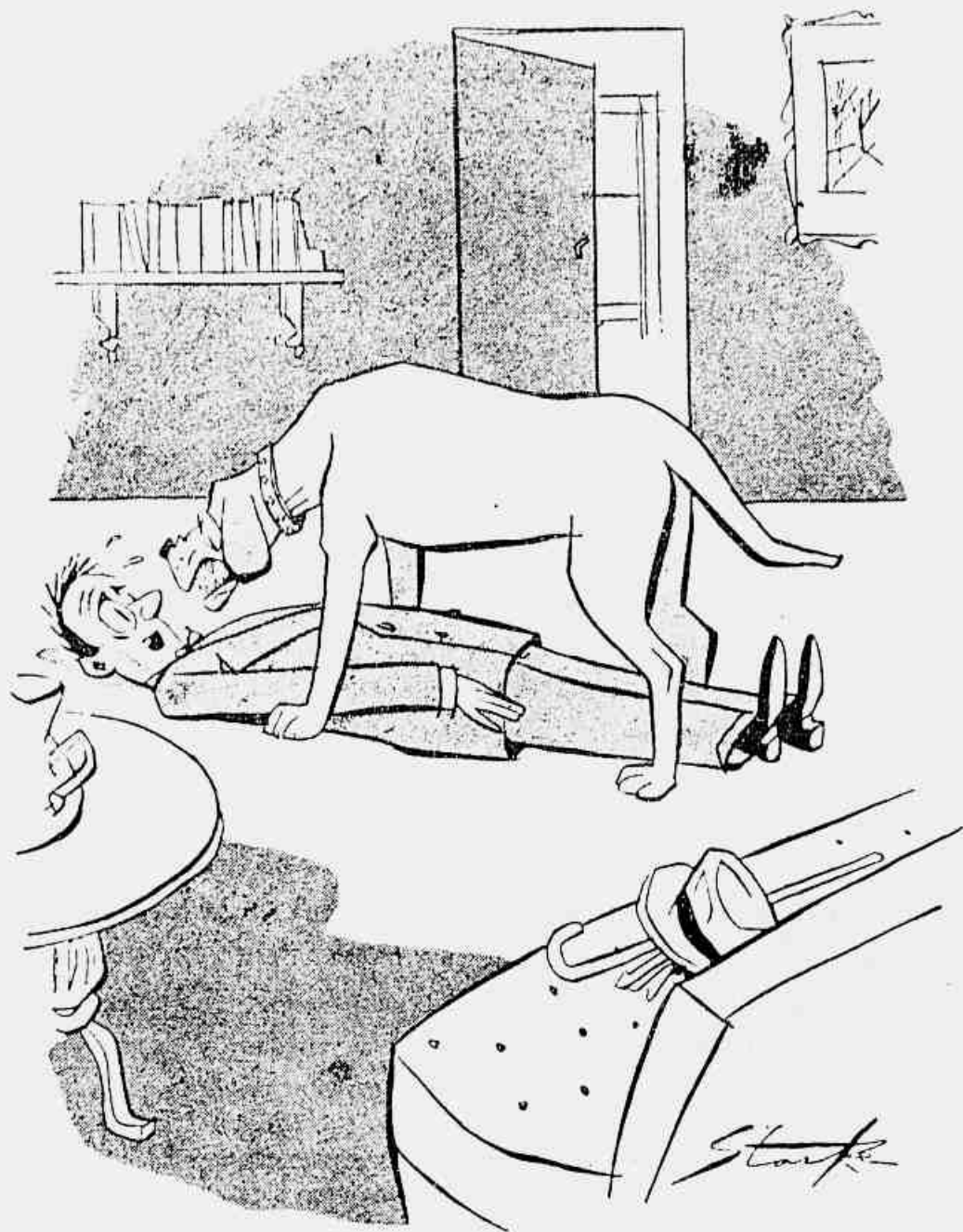
— Espero que encontremos logo um lugar, o Benedito está sonso de fome.



— Exatamente o que eu pensei... Estão todos de folga!



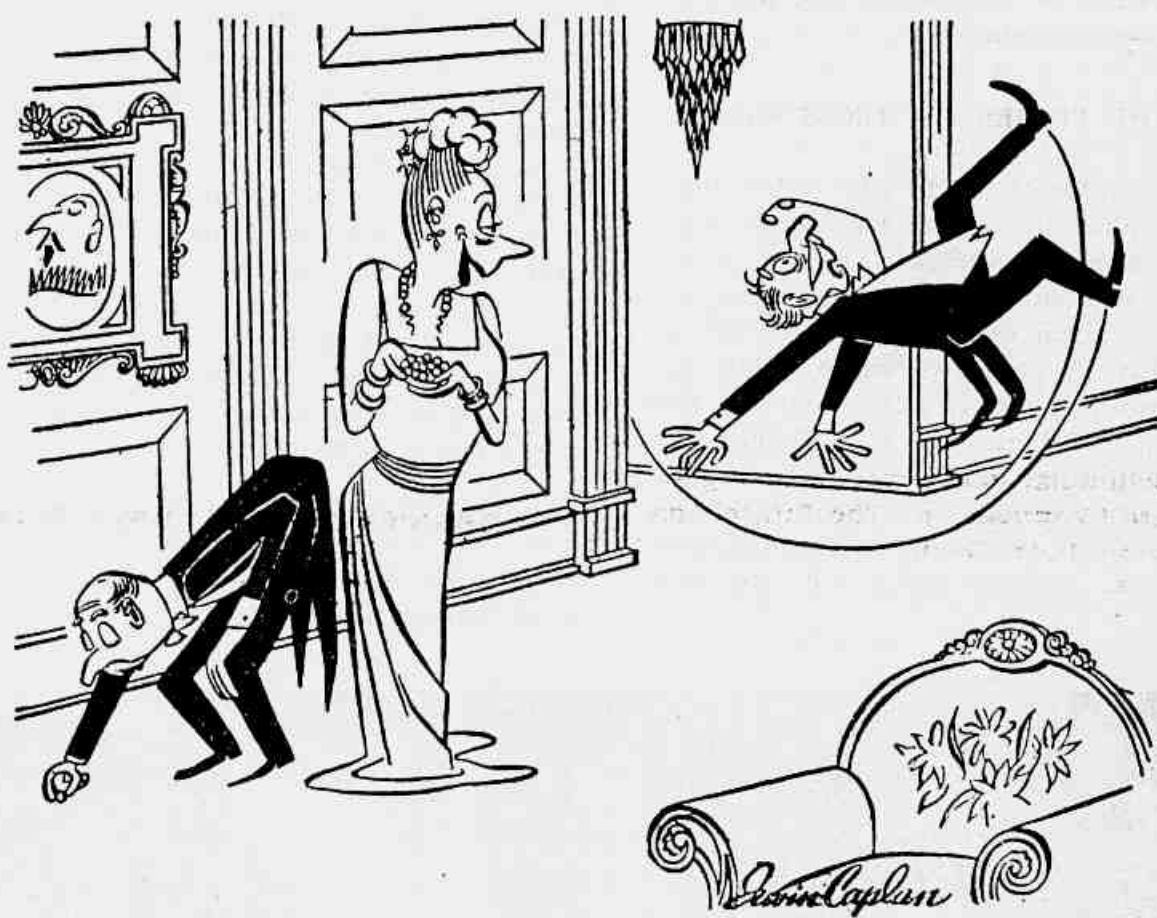
— Isso deve ser uma simples brincadeira... Não se deixe intimidar!



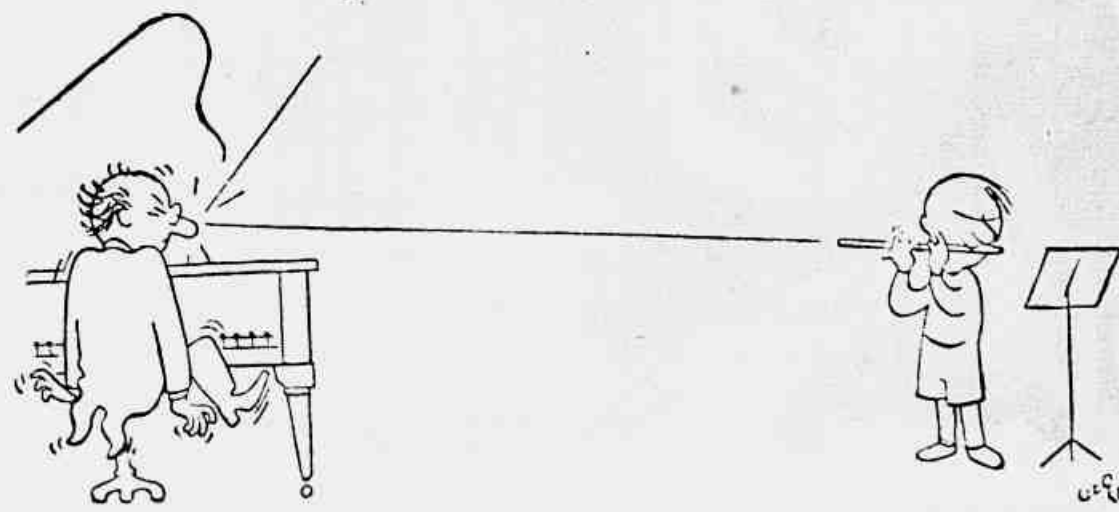
— Cachorrinho bonitinho... eu sei que você é tão bonzinho...



— Aqui está a última novidade: a mala que se transforma em cama...



— Ah, afinal apareceu a última pérola!



CINE REVISTA



O cinema francês não tem andado muito bem representado em nossas telas ultimamente. Muitos fracassos. Muitos filmes velhos, absolutamente secundários. Lixo, em suma. Agora, nos prometem dar "Além da Vida" (L'Éternel Retour), com Michele Morgan e Jean Morais. Será melhor? Esperamos que sim. Alguém precisa, urgentemente, melhorar o cartaz do cinema francês.

A MORTE DE UM CRONISTA CINEMATOGRAFICO

Quando conferia um "envelope fechado" numa casa de loterias, faleceu repentinamente o sr. Israel Souto, antigo diretor da Censura Cinematográfica e superintendente de "Gazeta de Notícias". Pouca gente sabia que Israel Souto era o próprio cronista cinematográfico daquele jornal, onde assinava suas crônicas com o nome de M. do Valle. Crônicas, de resto, muito interessantes e de defesa intransigente do cinema nacional.

NOVOS FILMES EM TECNICOLOR

O technicolorido ainda não cedeu lugar ao agfacolor, ao cinelox e ao Roux-color, a nova patente francesa. O pessoal do dr. Kalmus não tem mãos a medir. Em technicolor, acabam de ser lançados os filmes "Lady River", da Universal International, com Yvonne de Carlo, Dan Duryea, Rod Cameron e Helena Carter, e "Relentless", da Columbia, com Robert Young e Marguerite Chapman; e "The Pirate", da Metro, com Judy Garland, Gene Kelly, Walter Slezak, Gladys Cooper e Reginald Owen.

DEBORAH KERR NUM NOVO PAPEL...

Deborah Kerr, que já havia ganhado um papel ao lado de Spencer Tracy em "Edward, my son", extraída de uma peça de Robert Merley e Noel Langley, foi indicada para a protagonista de "Young Bess", romance histórico de Margaret Irwin, que terá como diretor o famoso George Cuckor.

DUAS "REPRISES" DE SUCESSO

Sabiam vocês que duas películas da Metro estão sendo reprisadas com muito sucesso em Nova York? Uma delas é "Mulheres", o filme extraído da comédia de Clare Boothe, com Paulette Goddard, Norma Shearer, Joan Crawford, Rosalind Russell, Joan Blondell e Joan Fontaine. A outra é a "Dama das Camélias", — "Carmille", no título inglês, — com Greta Garbo e Robert Taylor. "Mulheres", que o público de Nova York está revendo na tela, vai ser dada no palco, no Brasil, por Dulcina e seu elenco, em tradução da escritora Lúcia Benedetti.

DEANNA DURBIN, MAIS UMA VEZ...

Os filmes de Deanna Durbin antigamente eram lançados em grandes cine-

mas de Nova York. Algumas vezes, no próprio Rádio City Music Hall, o maior cinema do mundo. Agora, porém, "Up in Central Park" foi lançado em uma pequena casa, de importância secundária, — o Criterion, — que está para os grandes cinemas de Nova York assim como o Império está para o Metro ou para o Palácio Teatro. Em "Up in Central Park" Deanna Durbin aparece com Dick Haymes, Vincent Price, Albert Sharpe, Tom Powers e Hobart Cavanaugh.

A VOLTA DE SUSAN PETERS

Susan Peters, uma esplêndida atriz dramática, lançada com sucesso pela Metro, ficou paraplégica, há vários anos, em consequência de um tiro que lhe atingiu a espinha dorsal, e desde então vem usando uma cadeira de rodas. Afastada do cinema há seis anos, fez, entretanto, sua reaparição, agora, num filme da Columbia, "The Sign of Ram", que acaba de ser lançado em Nova York e cuja protagonista é precisamente uma inválida, vivendo presa a uma cadeira de rodas. Nesse filme, Susan Peters aparece ao lado de Alexander Knox e de Phyllis Thatcher.

— "A Foreign Affair", com Marlene Dietrich como protagonista, Billy Wilder e Charles Brackett como autores e produtores. Do jeito que a coisa vai parece que teremos um novo "ciclo" de filmes, estes, agora, dedicados à antiga capital do nazismo. No momento em que o mundo inteiro se ocupa de revolver as podridões nazistas, através dos "diários", verdadeiros ou falsos, de Goebbels e de Eva Braun, o cinema romantiza ainda mais a velha Berlim de Adolf Hitler com suas novas narrativas em celulóide, vividas por atrizes e atores de grande prestígio... — MICKEY



Turhan Bey é um dos mais notórios "venenos de bilheteria" do cinema americano. Sinistra, a idéia de quem descobriu essa prenda. Prenda ou prebenda? Pretenciosa, metido a bonitão, é um tipo de galã gomalizado, sem pinga de talento ou de simpatia. Hollywood, entretanto, gosta de teimar em seus erros. E é dessas teimas que tipos como Turhan Bey vão vivendo...



Marlene Dietrich e Merle Oberon aparecem em filmes de ambiente alemão. A primeira em "A Foreign Affair" e a segunda em "Berlim Express". A ex-capital nazista está sendo romantizada pelo cinema americano.

Você sabia que...

... o velho filme do finaldo Raimu, "Marius", está sendo agora mostrado no cinema Elysée, de Nova York?

... que o contrato do famoso comediante Oscarito com a Atlântida está terminando este ano e que ele está recebendo várias propostas, inclusive da Argentina?

... que o ator cômico Ca-zarré, que fez o papel de Chacalça em "Carlota Joaquina", a certa altura foi de avião a Buenos Aires, fez um papel no filme "Não me digas adeus!" e voltou ainda a tempo de reassumir seu papel na peça por mais de quinze dias?

... que a ilustre escritora Rachel de Queiroz foi quem escreveu os diálogos do filme nacional "Jangada", realizado sob a direção de Raul Roulien?

... que Moacir Fenelon comprou uma peça de Joracy Camargo, "O Anjo da Mela Noite", que nunca alcançou

sucesso no palco, e está convencido de que pode tirar dela um bom filme?

... que o estúdio que o sr. Howard Randall está construindo em Jacarepaguá terá inicialmente quatro palcos de filmagens e um ano depois outros quatro, para um programa de pelo menos doze películas por ano?

... que Heloisa Helena, que se consagrou no palco como protagonista de "Carlota Joaquina", detem um dos papéis principais do filme "Terra Violenta", adaptado do romance de Jorge Amado "Terras do Sem-Fim"?

... que o "trailer" de "O cavalo 13" é o mais bem feito e sugestivo que o cinema nacional até hoje lançou em nossos cinemas?

... que o filme nacional "Querida Susana" parece uma cópia a carbão do filme italiano "Lições de amor", de Alida Valli e Tracema Dittiani?



ILLONA MASSEY



NELSON EDDY



ELZA LANCHESTER

R OLOS de névoas da madrugada pairavam e redemoinhavam, como agoirentas aves marinhas, sobre o veleiro russo *Volga*. E a moça que estava em pé à sua proa, tentando penetrar com a vista o nevoeiro que obscurecia o litoral norte-americano, conservava-se tão imóvel que, naquela obscuridade aterradora, podia ser tomada por uma daquelas figuras que as caravelas costumavam exibir, esculpidas nas suas proas.

Com a diferença de que nenhuma de tais figuras terem jamais exibido um rosto de feições tão delicadas, sob uma cabeleira de ouro pálido, ou olhos azues tão puros. Seu corpo delgado e flexível era realçado por luxuoso vestido à moda de 1837, e o seu porte, o seu andar, bem como o seu manto, proclamavam que ali estava uma aristocrata.

Contudo, havia algo muito triste em seus olhos, a sua boca tenra exprimia muito grande aflição, para que se concluisse que ali estava apenas uma beldade vaidosa da Corte russa, em viagem de recreio ou para bem da saúde. Esse papel ela não tardaria a representar para uma audiência mais exigente que Olga, a criada fiel que empreendera em sua companhia a viagem interminável, e que estava ali ao seu lado.

Um ruído de correntes percorreu todo o navio, quando deitaram a âncora ao mar, e a criada observou: — Deve... deve ser a Califórnia. — Falou como se estivessem nos confins da civilização. E, no entanto, ali haveriam de encontrar uma parte da sua terra natal.

Havia sete anos, num sonho de Império, a Rússia Imperial fundara uma colônia em Forte Ross, na Califórnia, ao norte de San Francisco. Pela aparência, o forte era belo e repelente ao mesmo tempo. Erguiam-se por trás dele montanhas gigantescas, por cujas encostas subiam as eternas florestas de pinheiros; mas uma muralha ricada de canhões levantava-se do mar, e, apesar do luxo da residência do governador, a maior parte do forte era tristemente belicosa.

Olga desceu para terminar a arrumação das malas, e um momento depois se aproximava, caminhando pelo convés, o capitão do veleiro. — Natalie Alanova! — disse ele. — Chegastes ao termo da vossa viagem. Vereis que Forte Ross é menos alegre que São Petersburgo... mas que algumas vezes chega a ser mais cruel.

Fosse o que fosse o que a palavra "cruel" lhe trazia à mente, ela respondeu com altivez: — Eu não estou com medo.

O capitão Tikhonoff fez uma mesura, a admiração estampada na face. E disse: — Como podia ter medo uma filha do general Alanoff?

— Muito agradecida, — respondeu ela, em voz baixa. — Mas ambos sabiam que aquele agradecimento exprimia algo mais que simples gentileza.

Enquanto conversavam, os dedos de ouro do sol começaram a esgarçar as névoas. Do posto de observação do forte, o veleiro já havia sido visto, através de poderosos telescópios, e a notícia da sua chegada foi logo transmitida a Kyril, o criado particular do governador, que disse: — Comunicarei imediatamente o fato à Sua Alteza.

Os aposentos de brocados do príncipe Nikolai Balinin, governador do Forte Ross, exibia toda a pompa da Rússia Imperial, e o leito sobre o qual o criado inclinou-se era coberto da mais rica pelúcia. Mas o ocupante do leito apenas se remexeu sonolentemente, ao ouvir a notícia de que um navio recém-chegado ao porto aguardava permissão para o desembarque, murmurando: — Cumunique o fato ao capitão Laurence.

— O capitão ainda não voltou, Alteza. E... há uma senhora a bordo. Uma senhora russa de distinção... jovem e formosa.

"STORM"

(AINDA SEM TÍTULO EM PORTUGUÊS)

★

O príncipe Nikolai despertou no mesmo instante, como o criado esperava. Pulou da cama e mandou chamar o barbeiro.

Estava já barbeado e vestido, quando Tanya, a sua esposa, entrou no quarto. Tendo quase a mesma idade que ele, ela era muito elegante, e no seu rosto de mulher inteligente destacavam-se uns olhos buliçosos e mordazes. Ela costumava dominá-lo com uma espécie de despotismo amável, e nunca demonstrara ignorar-lhe as tendências donjuanescas.

Nikolai explicou então, ao ver que ela lhe examinava a indumentária quase casquilha com um olhar significativo: — É um navio, querida. Vai atracar. E eu, como é natural preciso ir recebê-la.

— Principalmente, — murmurou Tanya, — sabendo que ela viajou apenas com uma criada. — A moça — fosse quem fosse — haveria certamente de precisar de proteção. As sobranceiras dela arquearam-se, quando ele se defendeu dizendo que apenas estava desejoso de ver uma cara nova, e ela recordou-lhe com doçura: — Essa foi, com certeza, a desculpa que você apresentou ao grão-duque por flertar com a grã-duquesa. E... se ele não fosse um grão-duque, você seria embaixador na França, em vez de governador de Fort Ross.

Ele não deu resposta. Franziu a testa e afastou-se...

No cais, Natalia Alanova viu aproximar-se a caruagem real que conduzia o príncipe Nikolai e a princesa Tanya. E observou, contendo imperceptivelmente a respiração, a fisionomia do príncipe, quando ele passou os olhos pelo seu passaporte. Um momento depois o capitão do veleiro apresentava-a formalmente a Suas Altezas.

Diante do olhar do príncipe, as pestanas dela baixaram-se com recato. Porque da boa vontade daquele homem, até mesmo da sua dedicação, ela talvez viesse a ter grande necessidade. E quando a princesa Tanya convidou-a a hospedar-se em casa dela, durante a sua estada, Natalie teve de controlar a voz para aceitar o convite apenas como quem se sentia honrada.

— Espero que a sua visita seja demorada, — estava dizendo a princesa. — Embora me admire de uma tão bela moça haver escolhido um lugar como este...

— É uma questão de saúde, Alteza. — Natalie sorriu. — O meu médico aconselhou-me uma longa viagem por mar.

O capitão do veleiro entregou ao príncipe um pequeno estojo de jóias. — É uma condecoração do Czar... para o seu capitão James Laurence!

Natalie Alanova deu pouca atenção à conversa. Não podia prover o que aquele nome viria a significar para ela.

★

Elenco:

Capitão James Laurence, Nelson Eddy; Natalie Alanova, Ilona Massey; Conde Igor Soloviev, Joseph Schildkraut; Princesa Tanya Elsa Lanchester; Príncipe Nikolai Balinin, Hugo Haas; Baronesa Kruposny, Lenore Ulric; Simoneff, Peter Whitney; Olga, Tamara Shayne; Kyril, Erno Verebes; Barão Kruposny, George Sorel; e American G. L. Chorus.

Filme da Republic — Direção de Allan Dwan — Argumento de Elizabeth Meehan e Richard Sale, adaptado de um tema original de Angela Stuart.

A recepção que o príncipe e a princesa lhe ofereceram naquela tarde obedeceu à tradição de São Petersburg, tanto na extravagância quanto na formalidade. Ostentando um vestido intencionalmente destinado a atrair com sutileza as atenções masculinas, Natalie estava sentada ao piano de pau rosa, na sala de visitas, deleitando os convivas com a sonoridade da sua voz cristalina. Mas os seus pensamentos estavam muito longe da sua alegre canção, e o seu coração gelado de medo.

Naquela mesma tarde, mais cedo, enquanto Olga lhe abria as malas, entrara pela janela aberta um som que chamara a atenção delas. À princípio parecera um hino funerário, entoado por muitas vozes. Mas havia nele tão amarga tristeza que ela fôra à janela. Ao ver a longa fila de condenados agrilhoados, que guardas grosseiros, de chicotes nas mãos, dirigiam, ela sentira faltar-lhe o ar. E murmurara: — Olga, ele deve estar ali? Ele partiu quando nós partimos.

A criada esquadrinhou a fila. — Não, não está. O navio dos condenados faz uma viagem mais demorada que a nossa. — Vendo o olhar de desespero da ama, confortou-a: — A Sra. é inteligente demais para errar. E eu já notei certo brilho nos olhos do príncipe...

Febilmente, Natalie escolhera para a recepção um vestido de seda e rendas. E quando terminado o canto, o príncipe fez uma rasgada mesura e ofereceu-lhe o braço, para conduzi-la ao jardim, ouviu-se um inconfundível murmúrio de comentários a respeito dela.

Caminhando a seu lado, o príncipe indagou da saúde do pai dela, e perguntou: — Ele não me mandou nenhuma mensagem?

Após uma pausa, ela respondeu: — Ele não sabe onde eu estou.

Se o príncipe estava curioso, a sua cortesia compensou a curiosidade. — Quando me quiser dizer a que veio, terá em mim um ouvinte atento, — disse ele. — Mas... o capitão Laurence pode não ser tão paciente quanto eu. E ele terá de visar os seus documentos.

Falou então com tamanha consideração pessoal por aquele capitão norte-americano, que as suas palavras a tranquilizaram.

— É um homem inteligente! Ele conduziu a primeira comitiva que foi por terra a Monterey. Depois ofereceu-se para trabalhar para mim. — O príncipe deu de ombros. — Bem, eu sempre desconfiei de que o presidente Van Buren o mandou para cá para vigiar a Califórnia. Mas ele é inestimável. Ele faz o trabalho, dirige o forte... e eu ganho as honras. Isso me dá tempo para tratar dos meus interesses.

Experimentando-o, Natalie observou: — Eu vi um dos seus interesses da minha janela, e quase detestei a Califórnia. Os seus condenados.

— Eles estão muito melhor aqui do que na Sibéria, — respondeu Nikolai. E quando ela se referiu aos grilhões ele mudou de assunto. — Acho que você deve queixar-se ao capitão Laurence. Isso também é com ele.

Capitão Laurence. Este nome parecia indefectível. Ela haveria de conhecer a pessoa que o usava ainda naquela mesma noite.

★

Natalie estava na sala de visitas, quando, através da janela aberta, ouviu um tropel de patas de cavalos galopando no pátio e o canto vigoroso dos cossacos que regressavam ao forte. Mas as vozes deles apenas serviam de fundo musical para uma voz que se destacava, mais clara, mais sedutora que todas as outras.

Curiosa, ela foi à janela, quando o príncipe saiu para receber o capitão, um gigante ainda jovem, de cabelos castanhos, que trajava um casaco de couro. Debandando os cossacos, ele apeou do cavalo e tirou os bornais da sela.

(Cont. na pág. 48)



NASCE UM NOVO MOZART

PIERINO GAMBA, O MAIS JOVEM MAESTRO DO MUNDO ★ NÃO É UM PRODÍGIO, MAS UM GRANDE ARTISTA ★ ENCONTREI ESTOCOLMO ALÉM DA PELA CHEGADA DO MAESTRO DE DEZ ANOS ★ O CONCERTO NA ÓPERA A ORQUESTRA REAL ★ UM PÚBLICO EM DELÍRIO ★ MEU ENCONTRO COM O MENINO ★ O DIRIGENTE DA ÓPERA DE ROMA ABANDONA SUA CARREIRA PARA DEDICAR A PIERINO ★ OS PAIS DE PIERINO

Por YVONNE JEAN (Especial para REVISTA DA SEMANA)

ESTOCOLMO, junho (Pelo "Bandeirante", da Panair do Brasil) — Em Estocolmo é quase impossível encontrar um quarto num hotel, qualquer que seja a época do ano. Na véspera, telefonara de Malmö, pedindo acomodações no Castle, um hotel pequeno mas muito simpático, lugar de encontro de todos os artistas e personalidades que passam pela Suécia. Cheguei às oito da manhã e pediram-me que esperasse no hall. Os empregados corriam de um lado para outro, o telefone batia sem interrupção, o hall ia se enchendo de pessoas desesperadas, o gerente arrancava-se os cabelos, o porteiro manifestava o seu pesar por não poder ajudar a todos, — reinava uma intensa agitação. De repente, entrou um numeroso grupo: três casais, um menino, uma senhora. A senhora murmurou algumas palavras ao ouvido do gerente, que se mostrou muito impressionado. Sumiu com o menino e um dos casais. A senhora voltou ao seu grupo e explicou com volubilidade, em francês e em italiano, que não havia quartos no hotel. "Só encontraram um quarto para o menino. Assim ele, ao menos, poderá descansar. Mas isto não fica assim. Encontrarei acomodações para todos".

ESCUTO INDISCRETAMENTE UMA "INTERVIEW"

Nesta altura, chegou uma moça que se dirigiu a um dos senhores.

— O senhor é o professor do menino?
— Sim, sou Romeo Arduini.
— Queria fazer-lhe algumas perguntas sobre o seu aluno. Sou repórter de tal jornal (e citou um grande quotidiano de Estocolmo).
— Pois não!
— Muito ouvimos falar aqui do menino prodígio...
— Não é nenhum menino prodígio. É uma verdadeira criança que gosta de brincar, ler romances de aventuras, distrair-se com brinquedos mecânicos. Só muda quando se entrega à música.
— Então não dá a impressão de um menino amadurecido antes da época?
— Repito que é uma verdadeira criança. Aliás poderá julgar por si mesma quando falar com ele.
— E não o obrigam a trabalhar muitíssimo?
— Só estuda quatro horas por dia comigo.
— E o resto da sua educação? O cálculo, geografia, as ciências, etc.?
— Ultimamente não tem podido seguir um curso regular, pois tem viajado tanto... Mas o pai e também a minha mulher continuam ensinando-lhe o essencial. Tem um espírito muito curioso. Naturalmente, deverá seguir um curso de maneira mais regular quando voltarmos a Roma. Felizmente é muitíssimo inteligente e compreende tudo com a maior facilidade.

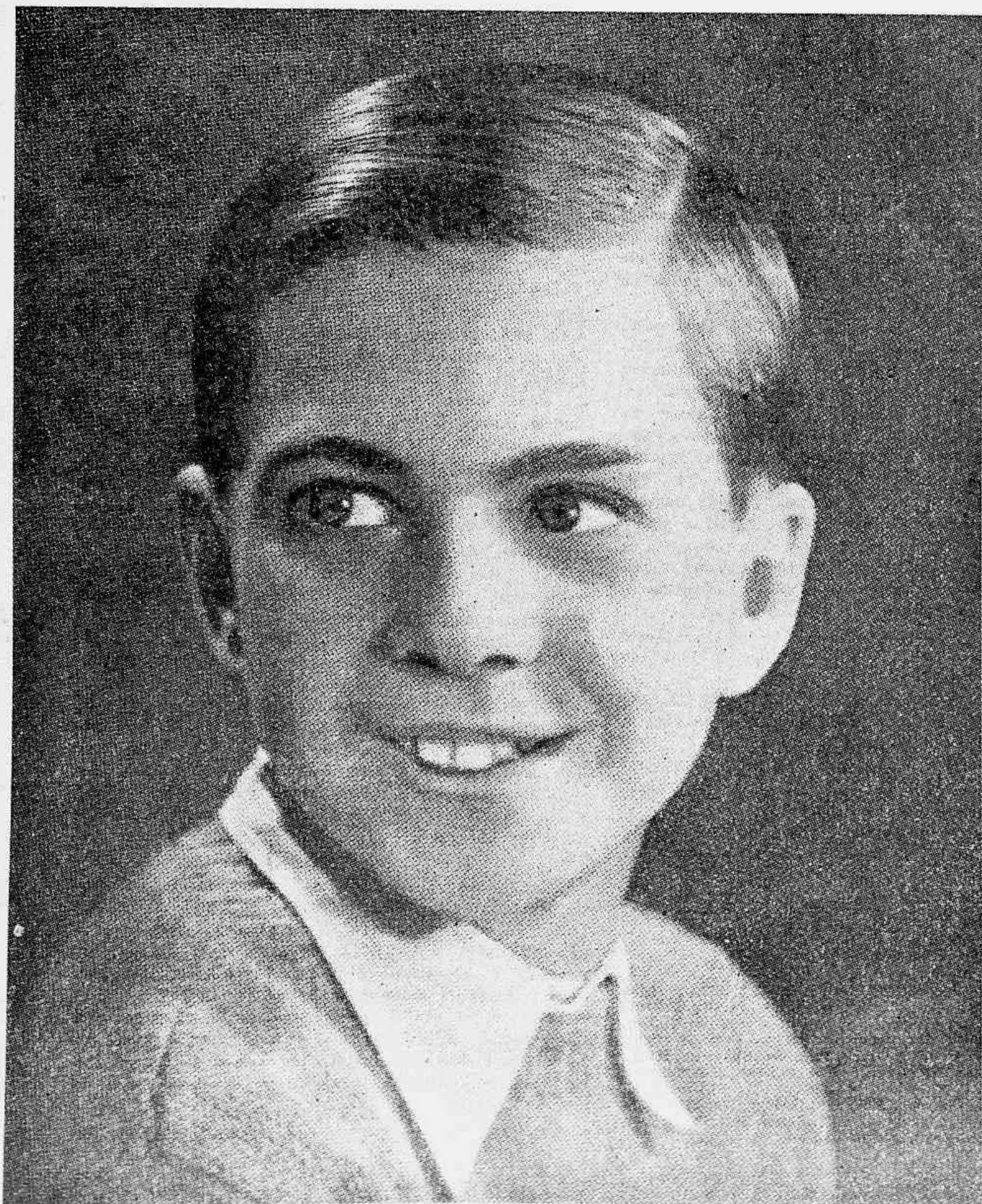
— Dir-lhe-ia francamente muita desconfiança dos meus dinários. Tem medo de ser feliz.
— Compreendo perfeitamente de vista. Mas Pierino nada tem com essas coisas que pedem ou esse infeliz obrigar ao trabalho suas forças extraordinárias. É um gênio que pode explicar. Não é uma criança alegre.
Eu sentia, através das palavras do jornalista sueco que não tinha nenhuma simpatia pelo "menino prodígio". Prendia-a imediatamente, acreditando-me nas crianças. Não é todos os dias que nasce um gênio.

NA EUROPA INTEIRA, DE PIERINO GAMBA

Desde minha chegada à cidade, tinha ouvido pronunciar o nome de Pierino Gamba. Quando dei o primeiro concerto, a multidão chegou a praguejar. Teatro Real de Roma duramente aclamando-o. Metecamente, Bélgica, na cidade de Copenhague, entusiasmo. Toda a imprensa europeia fala do menino de dez anos que se tornou um grande maestro.

EM CIMA — Pierino Gamba, o pequeno maestro, considerado não um "menino prodígio" comum, mas um novo Mozart, regendo uma orquestra na Ópera de Roma. EM BAIXO, à esquerda — O pequeno musicista que está assombrando a Europa com seu extraordinário talento, em uma foto de estúdio. EM BAIXO, à direita — Pierino Gamba ensaiando ao lado de seu professor, o dedicado e competente maestro Romeo Ar-

duini, da Orquestra da Ópera de Roma e que muito se orgulha do seu pequeno pupilo. A fotografia de Pierino Gamba, em uma fotografia tirada em Estocolmo e por ele entregue à nossa colaboradora com uma dedicatória para a REVISTA DA SEMANA.



MOZART

DO ★ NÃO É UM MENINO
I ESTOCILMO ALVOROÇA-
CONCERTO NA ÓPERA COM
EU ENCONTRO COM PIERI-
SUA CARREIRA PARA SE DE-
IERINO

ara REVISTA DA SEMANA)

— Dir-lhe francamente que aqui temos muita desconfiança dos meninos extraordinários. Tem medo de que não sejam felizes.

— Compreço perfeitamente seu ponto de vista. M^{te} Pierino nada tem que ver com essas crianças que pensam como velhos ou desafortunados obrigados a um trabalho acimadas suas forças. Possui um dom extraordinário. É um fato que ninguém pode explicar. No mais, é uma criança alegre.

Eu sentia, através das perguntas da jornalista sueca que não tinha, de antemão, nenhuma simpatia pelo "milagre" e compreendia-a perfeitamente, pois também não acredito muito nas crianças endeusadas. Não é todos os dias que nasce um Mozart!

NA EUROPA INTEIRA FALA-SE DE PIERINO GAMBA

Desde minha chegada à Europa, entretanto, tinha sido pronunciado com respeito e ternura o nome de Pierino Gamba. Quando deu o primeiro concerto em Roma, a multidão chegou à praça em frente ao Teatro Real de Roma durante duas horas, aclamando-o freneticamente. Na Suíça, na Bélgica, na França, há poucos dias, em Copenhague, o entusiasmo fôra o mesmo. Toda a imprensa europeia só fala no menino de 6 anos que rege como um grande maestro.

do seu pequeno pupilo. AO LADO — Pierregue à nossa colaboradora Yvonne Jean,
DA SEMANA.



alla "Revista da
Semana"

il mio saluto

Pierino Gamba

Stoccolma

20-5-
1938





— Pierino Gamba aparece, na página ao lado, junto de sua mãe, preparando-se para entrar no palco e reger um de seus sensacionais concertos.

Durante esta conversa, a senhora — que é o empresário de Pierino — brigava com toda a direção do hotel.

— Não estamos habituados a sermos tratados desta maneira. É incrível. Nunca nos aconteceu isto. Em todos os palcos da Europa sempre encontram quartos para nós...

Esta maneira de falar não aumentou minha simpatia pelo caso do menino prodígio.

A agitação estava no auge. Enfim, tudo se apaziguou e cada um foi à procura do quarto, milagrosamente encontrado no Castle, ou nos pequenos hotéis da vizinhança.

No dia seguinte, telefonei ao maestro Arduini, para marcar um encontro.

COM O MAESTRO ARDUINI

Não repeti as perguntas já feitas pela jornalista sueca, cuja maneira de ver eu partilhava. Pedi alguns informes concretos sobre a descoberta do talento no menino e o começo da sua carreira. O maestro italiano falava no menino com uma grande ternura.

— Pierino é uma criança encantadora, mas uma verdadeira criança. É somente quando pega na batuta que se transforma num outro ser. Desde este momento parece a encarnação da música. Seu rosto se transfigura. Vive a música que dirige.

— Como descobriram esta facilidade?

— Era uma criança como as outras, a não ser a compreensão que manifestou desde cedo para a música. O pai é um violinista amador, e o menino gostava muito de ouvi-lo tocar com os amigos. Começou a estudar piano, sem maior entusiasmo, como a maioria das crianças. Mas reparava-se nele uma extraordinária faculdade de compreensão e memória musical. O pai ficou impressionado e meteu-se na cabeça que o menino seria, algum dia, maestro. O menino compreendia de tal forma as peças orquestrais que ouvia, que o pai quis verificar se não se enganara a respeito da vocação do menino e convidou alguns dos melhores músicos de Roma à casa dele para ouvirem Pierino dirigir uma pequena orquestra de amigos do pai, todos músicos.

Ficaram abismados e aconselharam que viessem me procurar. Comecei por recusar-me a ouvi-lo. Dirigia a orquestra da Ópera de Roma, tinha muito trabalho e disse que não ia perder o meu tempo ensinando música a uma criança. Insistiram para que, ao menos, ouvisse Pierino uma vez. Fiquei tão impressionado que imediatamente comeci a lhe dar aulas de piano, harmonia e tocávamos muito a quatro mãos. Depois pedi que estudasse uma partitura. Toquei ao piano e ele dirigiu. E assim chegamos a experimentar com orquestra. O menino era tão extraordinário que deixei todas as minhas ocupações, não me preocupei mais com minha própria carreira e resolvi dedicar minha vida a Pierino. Deu o primeiro concerto em 1946 em Roma. Depois foi a Zurich. Tal foi o entusiasmo que o convidaram a dirigir as orquestras de todas as cidades principais da Suíça. Em seguida foi o Palais des Beaux Arts, em Bruxelas. Sempre a mesma incredulidade, seguida pelo mesmo entusiasmo delirante. Estamos chegando de Copenhague e sei que, apesar da desconfiança visível dos suecos, o êxito será o mesmo aqui.

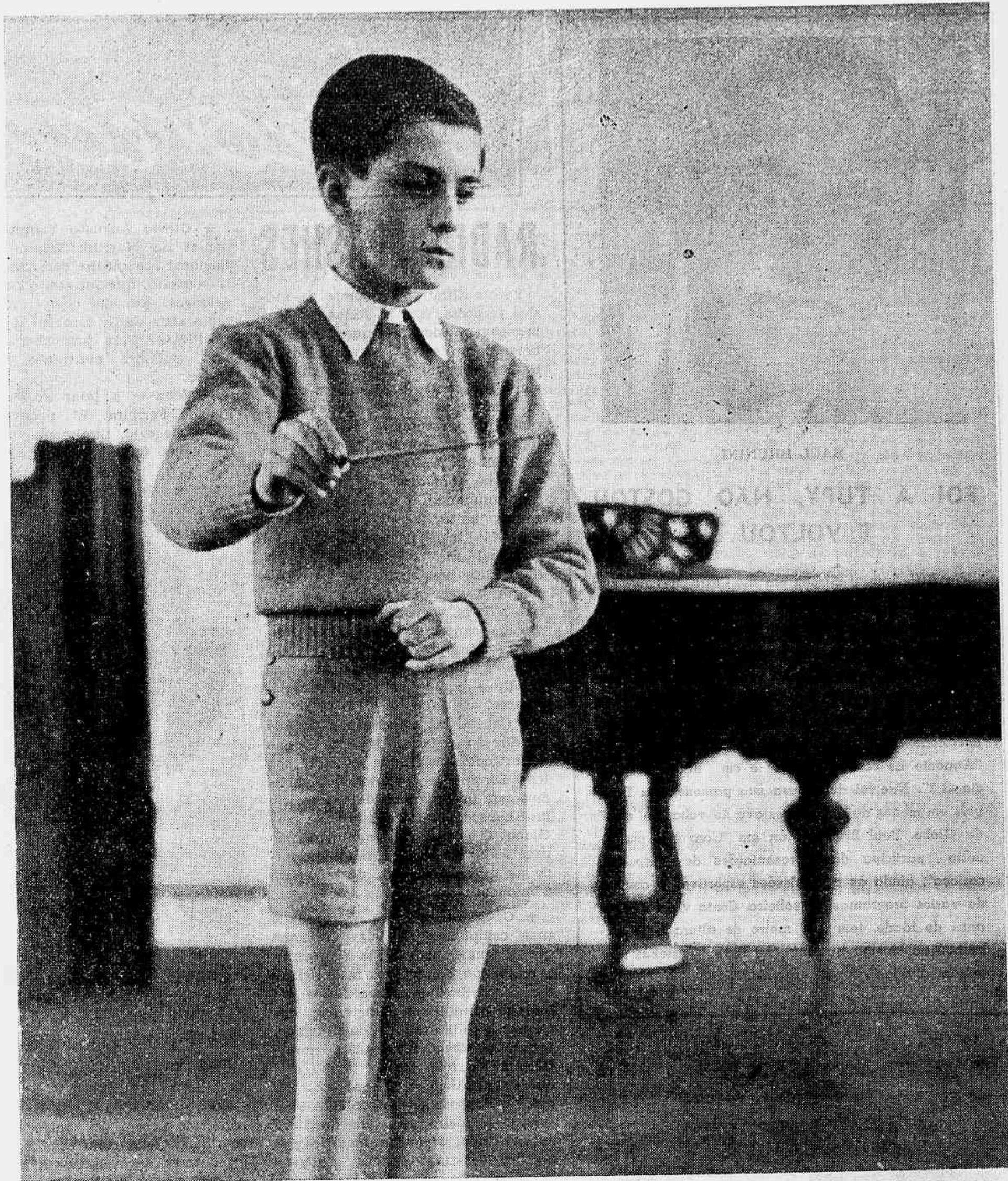
— Poderia conseguir uma entrada para o concerto?

— Farei todo o possível, mas sei que não há mais um único lugar no teatro todo. Jornalistas já ofereceram importâncias enormes e tivemos que recusar entradas. Farei o possível porque muito gostaria que uma jornalista brasileira se dê conta do que significa a atuação de Pierino. De qualquer maneira, poderá assistir ao ensaio geral.

Ainda me contou que Pierino Gamba acabava de fazer um filme — "A grande aurora". Perguntei se tantas atividades não cansavam a criança. A senhora do maestro, que se aproximara de nós, disse, com ar grave:

— Nós todos nos damos conta da enorme responsabilidade que temos para com Pierino. Meu marido a conhece perfeitamente

A senhora Gamba, mãe de Pierino, não permite que seu filho se alimente em restaurantes de hotéis. Pede, sempre, um fogueiro a álcool, no qual ela mesma prepara as refeições à italiana, sem esquecer o queijo Parmesão ralado.



EM CIMA — O pequeno maestro que está empolgando as platéias européias com seu talento musical. Quando teremos a oportunidade de ouvir Pierino Gamba no Brasil?

e está até, muitas vezes, assustado. Creia que nunca nos olvidamos disso.

O ENSAIO

O ensaio, ao qual assisti no dia seguinte, muito me impressionou. Cheguei meio cética, saí do teatro comovidíssima, trans-

tornada, sem poder compreender. A maior orquestra sinfônica de Estocolmo acolheu o menino com sorrisos irônicos. Em poucos minutos empolgou a todos e ninguém se lembrava mais da sua idade. Os velhos músicos seguiam sua batuta, paravam obedientemente cada vez que o mandava, e recomeçavam o trecho incriminado até con-

seguir o que o maestro queria. Pierino fala muito bem francês. O primeiro violinista servia de intérprete perto dos outros músicos. Mas na maioria dos casos Pierino não pedia a sua ajuda. Descia correndo as escadinhas do seu estrado, aproximava-se do solista cuja interpretação não lhe

(Cont. na pág. 50)





RAUL BRUNINI

FOI À TUPY, NÃO GOSTOU E VOLTOU...

RAUL Brunini nasceu em Rio Claro. Revelou sua tendência para o microfone, através da emissora de sua terra, onde teve como colega a locutora Lucia Helena. No "broadcasting" carioca, foi lançado pela Tupi, da qual se desligou para assumir idênticas funções na Globo. No decorrer deste ano, com seu contrato extinto na PRG-3, voltou ao microfone Tupi, substituindo Paulo Gracindo em "Agente as consequências" e em "Rádio Sequência G-3". Não foi duradoura sua presença na Tupi, pois em menos de um mês estava de volta ao "cast" da Globo. Raul Brunini atua em "Conversa em família", participa das apresentações de "Rapsódia carioca", ajuda às transmissões esportivas e comanda vários programas. É solteiro. Conta vinte e nove anos de idade, tem 1,70 metro de altura e já trabalhou no cinema nacional, no filme "Tristeza não pagam dívidas".



Maria da Graça vai deixar o Brasil. A simpática artista portuguesa viajará para a Argentina, a fim de cumprir um contrato com a Rádio Belgrano. É possível que antes de retornar a Portugal, a tenhamos numa curta temporada ao microfone da PRE-3, caso as emissoras uruguaias não se interessem pelo seu concurso.

RADIO - FLASHES

Yvette Giraud, intérprete da música francesa, está às voltas com sua bagagem musical. É que dentre em breve deverá estrear ao microfone da Rádio Nacional, afim de cumprir vantajoso contrato. A artista gaulêsa vem precedida de grande cartaz, razão da expectativa reinante em torno de sua apresentação na onda da PRE-8. Yvette Giraud, além de atuar no "broadcasting" carioca, estará animando o show de uma de nossas "boites".

★ Não mais pertencem a Rádio Nacional as "Três Marias". Com Bidu Reis novamente no trio, esse conjunto vem de assinar contrato com a Tupi, afim de reforçar o quadro de cantores da emissora associada. Com a saída dessas bonitas vozes, a PRE-3 vê desfalcada sua grandiosa equipe de intérpretes populares.

★ Causou má impressão a atitude da direção artística da PRG-3, não permitindo que Linda Batista, sua irmã Dircinha e o cantor Déo participassem do programa de aniversário de Rapsódia Carioca, irradiado pela Globo. O espírito de cordialidade não deve faltar no meio radiofônico, onde as direções mudam de momento a momento...

★ César Ladeira, ora à frente de uma companhia de televisão, acha que a famosa descoberta representa a realização de um dos mais velhos sonhos do homem. Para ele, o aeroplano conquistou a distância, enquanto o rádio conquistou o tempo. Agora, a televisão conquista simultaneamente reunidos, o tempo e a distância. Além de conquistar o próprio locutor da veterana PRA-9...

★ O primeiro semestre de 1948, marcou uma série de modificações no "broadcasting" carioca. Autêntica reviravolta operou-se no seio de nossas emissoras, a começar pela saída de elementos de destaque do cast da PRG-3. Também a Nacional teve a perda de grandes artistas, enquanto a PRE-3 passou a lucrar, contratando Almirante, Casé e tantos outros cartazes. Fala-se, ainda, que Silvino Neto deverá assinar contrato com a Globo, tão logo regressar de São Paulo.

★ Otávio Augusto Vampré desligou-se da Mayrink Veiga. Logo a Nacional acenou-lhe com interessante contrato, que foi aceito sem mais delongas. Em sua companhia foi a rádio atriz Judy, também do elenco da PRA-9. Para preencher a vaga, esta emissora contratou Lourdes Mayer.

★ Volta-se a falar no busto de Plácido Ferreira. É possível, que agora ele seja, finalmente, colocado no saguão da Rádio Mayrink Veiga,

★ Celestino Silveira, recém-chegado de uma excursão por terras portuguesas, assumiu o comando das transmissões que a Rádio Globo está fazendo em colaboração com o Globo para a escolha da Miss Mundial. Diariamente, além das apresentações de Cine Rádio Jornal, Celestino trabalha para o êxito do certame que escolherá a mais bela mulher deste planeta.

★ Luís Augusto, durante algum tempo, prestou serviços à Rádio



Dilu Melo acaba de voltar ao Rio, de uma triunfante excursão pelos Estados de Pernambuco, Paraíba e outros. Ganhou muito dinheiro, mas quebrou um acordeon que valia nove mil cruzeiros.

conforme desejo dos patrocinadores da idéia. Que não esmoreçam os promotores, aproveitando a nova fase da estação dirigida por Edmar Machado.

★ Tina Vita, rádio-atriz de mérito, está atualmente na Rádio Nacional, como exclusiva. Seu afastamento do microfone, durante alguns meses, prendeu-se a um período de descanso que ela necessitava. Agora, porém, já se encontra disposta a arcar com a responsabilidade da profissão que abraçou.

Clube do Brasil, na qualidade de locutor. Com as modificações ali operadas, ele transferiu-se para a PRE-3, onde forma na equipe de "annonceurs", ao lado de Reinaldo Costa, Heitor de Carvalho, Aurélio Andrade e outros.

★ Regressou na primeira quinzena de junho de uma excursão pelo interior, a folclorista Dilu Melo, exclusivo da PRE-8. Sua viagem serviu para colheita de material, a ser apresentado nos seus próximos programas.

ESTÁ SE TORNANDO UM ABUSO...

HÁ coisas, no nosso rádio, que se generalizam rapidamente, depois de um período de aceitação tácita, convertendo-se logo em seguida em abuso intolerável. É o caso dos anúncios rimados e cantados, com que a todo momento os ouvintes estão sendo chacoalhados. Interromper-se um programa musical, que está agradando ao ouvinte, com uma musiquinha qualquer, e lá vem uma imitação das "Três Marias":

"Se quer poupar um tostão
Mande lavar sua roupa,
Muita ou pouca,
Com o sabão
De maior duração,
O melhor sabão,
— o "Gostoso"!"

A orquestra, por vezes, ataca uma valsa. Apuramos o ouvido, especialmente se somos românticos, se estamos para valsas... Mas lá vem a cantiguinha:

"Se quer um lindo sorriso,
Mostrando os dentes do siso,
Com um brilho de arrebol,
Por que hesita,

Senhorita?

Fique logo mais bonita,
Usando a Pasta Dental!"

Às vezes, essas cantiguinhas são entremeadas de partes faladas:

— Eu quero! Eu quero! Eu quero!
— Que é que você quer, minha filha?
— Quero casar, mamãe! Quero um noivo bem bonito!
"Se quer casar,
É bom usar
O creme suavizante,
Assetinante,
O famoso "Veludino",
Feito à base de pepino".

Os dentífricos, os comprimidos para tôdas as dores, os cremes de barbear, as brilhantinas, os xaropes para tosse, os refrigerantes populares, — tôdos eles estão usando "jingles", — ou seja, anúncios musicados e cantados. É um abuso, porque, além de tudo, esses anúncios roubam mais tempo às emissoras e se faz necessária, sem dúvida, uma reação contra essa propaganda, já convertida em lugar-comum e em refúgio dos publicistas sem imaginação.

A. MIGUEIS



Visconde de Taunay, cujas "Memórias" vem despertando grande atenção do público leitor.

CENTENÁRIOS EM JUNHO

No mês de junho último foram comemorados muito inexpressivamente embora, dois centenários importantes, o de um pintor e o de um escritor.

Paul Gauguin, pintor maldito, nascido em 7 de junho em Paris, tem servido de tema a numerosos escritores contemporâneos, sendo bem conhecido o romance de Somerset Maugham, "The moon and six pence", lançado pela Livraria do Globo com o título "Um gosto e seis pence", que é a biografia romancada desse artista de tão estranha personalidade, justamente incorporado pela crítica ao grupo dos "maudits" da espécie de Verlaine, Baudelaire, Rimbaud, Toulouse-Lautrec e Van Gogh. O escritor foi nosso patrício, o cearense Araripe Junior, nascido em Fortaleza, a 27 de junho de 1848. Membro fundador da Academia Brasileira de Letras, Araripe Junior permanece como um dos grandes críticos brasileiros de todos os tempos, autor do citadíssimo "Ibsen e o espírito da tragédia", de "Gregório de Mattos", da "Carta sobre a literatura brasileira, e do admirável ensaio sobre Euclides da Cunha, "Dois estilos", que vem à frente do volume de "Contrastes e confrontos". Além da sua intensa atividade na crítica e nas letras jurídicas, pois foi também grande advogado, juiz e Consultor Geral da República, deixou ainda diversas obras de ficção, como "O cajueiro do Fagundes", "Contos brasileiros", "O ninho do beija-flor", "Jacina, a Marabá" e o romance "Miss Kate", sob o pseudônimo de Cosme Velho.

OBRA COMPLETA DE EUCLYDES DA CUNHA E GUERRA JUNQUEIRO

A exemplo do que fez por ocasião do centenário de Eça de Queiroz, a grande livraria Lelo & Irmão vai lançar

OS INIMIGOS SECRETOS DO LIVRO BRASILEIRO

No capítulo dos males que afligem o livro brasileiro, há um círculo vicioso que é bem o seu círculo de Dante: o leitor se queixa do livreiro, o livreiro reclama do editor, o editor lança a culpa à mão de obra, o dono da tipografia diz horrores dos gráficos e do fornecedor de papel, este por sua vez se lamenta com a pequena porcentagem dos leitores brasileiros, que não lhe permite maior vulto da produção. Em alguns desses setores haverá evidentemente culpados e vítimas, porém, noutros não podemos encontrar senão culpados, para não dizer verdadeiros criminosos do crime de lesa cultura nacional. No caso do leitor, por exemplo, se é certo que às vezes não tem capacidade aquisitiva para livros de trinta e quarenta cruzeiros, muita vez o que lhe falta é vontade de comprar, pois outro tanto e muito mais dispende sem queixas por uma entrada de foot-ball ou para certas corridas do Jockey. Os livreiros não são os "jogres" que aparentam, com a cobrança de trinta por cento para a venda do seu artigo. Livro não é artigo de luxo, que permite oscilações fantasmagóricas duma para outra casa da moda, muitas vezes na cifra dos cem ou duzentos por cento. Ainda no último domingo Rubem Braga dizia que "quasi todos eles (os livreiros) vão mal de vida". Em Belo Horizonte, segundo o livreiro Roberto Costa, "quando todos os outros negócios floresciam, fechavam, por falência, oito livrarias em dois anos". E diz ainda, pedindo reserva, que na mesma cidade há cinco livrarias à venda, algumas delas dando prejuízo aos seus donos. Também no Rio — isto vai por minha conta, conclui Rubem Bra-

ga — várias livrarias sumiram e outras estão em concordata. Na verdade, só de momento é fácil verificar o seguinte: onde havia "A casa do livro", na Senador Dantas, é hoje uma perfumaria; a livraria da Casa do Estudante passou à "bomboniere" e ainda ontem descobri a antiga Livraria do Globo transformada em casa de fogos, e por aí se vê que o negócio não pode ser tão bom. Os editores são acusados de pagar mal aos autores e de exorbitarem no preço da obra. É certo que 10% não dão jamais para compensar sequer o trabalho material da maior parte dos escritores brasileiros que conseguem ver sua produção em letra de forma. Entretanto, é a taxa em geral adotada nos outros países, mas o que se dá é que, enquanto na Inglaterra, nos Estados Unidos e na França, um livro vai subindo, em tiragem, como a coluna de mercúrio pelo verão, alcançando, principalmente nos dois primeiros países, a casa das centenas de milhares, o que faz muita vez a independência e o fausto dos autores, no Brasil é esta desgraça que se vê. Se há escritores de público certo, dos dez mil para cima, como José Luis do Rego e Jorge Amado, não é exagero dizer-se que esses constituem exceção, mesmo levando em conta o imenso prestígio literário de outros grandes romancistas do nosso tempo, cujo nome anda na boca de todos os críticos daqui e dali mar. Para aumentar o número dos que não leem, há o dos que leem por empréstimo, o que vale dizer que é pelo menos outro tanto dos que ainda compram livros e veem assim desfalecer miseravelmente os ínfimos direitos do autor e os lu-

cros do vendedor. De todos os componentes do ciclo leitor-produtor, talvez só haja assim um culpado sem remissão e é o fornecedor do papel, pois é por demais conhecido o indecoroso monopólio que representa a indústria do papel nacional. Mesmo quando algum fabricante escapa ao "trust" é apenas para querer ultrapassar, se possível, a ganância dos tubarões máximos, como se diz de certa fábrica do Rio que há dois ou três anos, com o capital de vinte mil contos, deu lucros extraordinários de dezoito mil. Recentemente ainda, a revista "Leitura" denunciava as manobras de certo maioral do "trust" do papel, afim de impedir a importação de papel para o livro, com a isenção de direitos que lhe foi concedida. Sabe-se que a marca dagua desse papel é habitualmente uma linha horizontal. Pois o tubarão pretende nada menos do que pleitear a regulamentação da lei, exigindo que a marca seja em diagonal, o que implicaria, é lógico, em suspender qualquer possibilidade de entrada de papel, pois para tal exigência seria necessário apenas isto: modificar-se fundamentalmente toda a maquinaria das usinas da Suécia e da Finlândia, para atender ao suprimento da cota ínfima que é a nossa, no particular. Diante disso e depois disso, vemos que o livro brasileiro, esse grande doente, não pode mesmo deixar de estar agonizantezinho, mormente quando temos ainda contra ele a concorrência do livro americano de bolso, as taxas elevadas do correio, os impostos de toda ordem gravando-o com fúria, a sempre citada e redobrada má vontade dos poderes competentes para lhe aliviarem os males. — H. L.

em 1950, quando faz um século do nascimento de Guerra Junqueiro, a edição monumental das suas obras completas. A mesma livraria, segundo informa, em primeira mão a Livraria Livros de Portugal, está utilizando a aquisição dos direitos autorais de Euclides da Cunha, de quem já editou "Contrastes e Confrontos" e "A margem da História", para lançar também as obras completas do nosso prosador máximo.

MEMÓRIAS DE TAUNAY

Aparece em edição do I. P. E. um volume de memórias do Visconde de Taunay, que tem muito interesse pela recapitulação do cenário político e literário das últimas décadas do século passado. Certas figuras, como

Caxias, revivem em magníficos retratos. Joaquim Nabuco e Alencar também são lembrados, às vezes em observações maliciosas, como na referência a certo bate-boca que houve entre os dois, quando Nabuco chamou Alencar de "fauno de terra cota" e Alencar a Nabuco de "Apolo de gesso"...

CINEMA E ROMANCES BRASILEIROS

Depois de "Olhai os lírios do campo", de Erico Veríssimo, e "Deus lhe pague", de Joraci Camargo, que foram um grande êxito do cinema argentino, vai ser rodado em Portugal, sob a direção de Fernando de Barros, com Maria Della Costa, Maria Sampaio e Rodolfo Mayer, o romance de Reynaldo Moura, "Um rosto noturno".

MAIS PREMÍOS LITERÁRIOS

O capitalista Othon Rezerra de Melo, que não despreza as letras que não sejam só de câmbio, instituiu um prêmio literário de vinte mil cruzeiros para o melhor livro sobre assuntos de Minas, a ser dado a escritor mineiro, tendo sido premiado o contista de "O ex-mágico", Murilo Rubião. O industrial pernambucano fez o mesmo para os escritores de sua terra e consta que vai continuar com esse belo gesto de incentivo às letras regionais, contemplando, de futuro, outros Estados da Federação. Ótimo, se esse exemplo tivesse outros seguidores.



Guerra Junqueiro, cujo centenário se celebrará em 1950.

UM LIVRO FELIZ

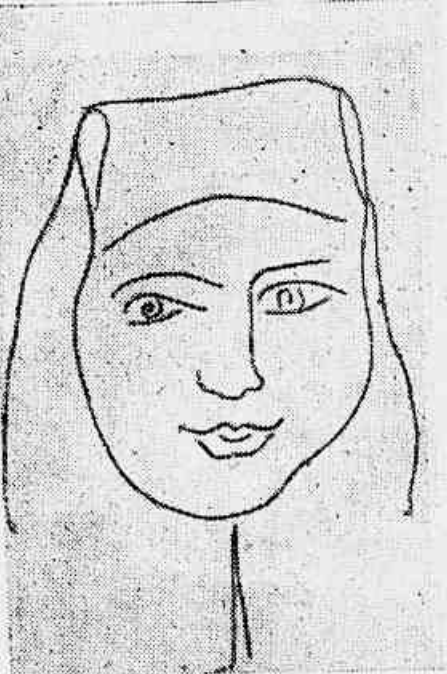
"Uma chama ao vento", de Braga Montenegro, é um livro feliz. Premiado há dois anos num concurso realizado pela livraria Aequitas, de Fortaleza, acaba de ser também premiado pela Academia, na seção Afonso Arinos — contos e crônicas. O autor é um dos nomes mais em evidência no Ceará literário da atualidade, sendo, além de um excelente contista, um crítico de agudos conceitos, de quem os nossos suplementos têm publicado já diversos trabalhos, um dos últimos sobre Adelino Magalhães, muito do gosto de mestre Otto Maria Carpeaux. Outros estudos seus, muito penetrantes, foram os rodapés num jornal de Fortaleza, sobre "Dubliners", de Joyce e "Sagarana", de Guimarães Rosa.

OS PREMÍOS DA ACADEMIA

Na habitual sessão solene de 29 de junho, comemorativa do patrono da Academia, o velho Francisco Alves, são anualmente distribuídos os prêmios concedidos aos livros do ano anterior. Este ano a sessão teve significado especial, por se tratar da comemoração do centenário de Francisco Alves, do nascimento, que decorreu em julho, tendo se ocupado de sua personalidade os acadêmicos Gustavo Barroso e Ademar Tavares. Em nome dos premiados, falou o escritor Josué Montelo, atualmente diretor da Biblioteca Nacional.

EXPOSIÇÃO DE LIVROS FRANCESES

No saguão da Escola Nacional de Belas Artes acha-se aberta uma grande exposição de gravuras e de livros franceses, antigos e modernos, entre os quais verdadeiras obras-primas de arte gráfica, além de preciosidades bibliográficas, como uma primeira edição das obras de Molière, em 6 volumes, datada de 1734, com gravuras de Boucher, considerada das mais perfeitas edições do século XVIII. Outras, também de grande valor bibliográfico e artístico, são as obras completas de Balzac, em 40 volumes; edições especiais de obras de Victor Hugo, Chateaubriand, Flaubert, Baudelaire, André Gide, Mauriac, Edouard, etc. A edição de Molière custa cem mil cruzeiros; a de Balzac vinte e cinco mil; um conto das Mil e uma Noites, pelo famoso Dr. Mardrus, vinte e cinco mil e as Cartas de Soror Mariana de Alcoforado, com litografias originais de Matisse, edição de 250 exemplares, dezessete mil cruzeiros. Mas, há outras, ainda, também belíssimas, de menor custo, não se tratando aliás, como possa parecer, de exorbitâncias, sabido que num leilão que se está realizando no Rio houve xícaras de porcelana arrematadas a dez mil cruzeiros cada uma e uma travessa D. João VI, por dezessete mil. É claro que o autor destas linhas preferia mil vezes o Molière ou o Balzac ou mesmo aquela admirável "Dama das Camélias", com gravuras de Cavarini, de 1858, por quatro mil cruzeiros. A nota curiosa da exposição são as aquarelas e os bicos de pena originais de Picasso e Matisse, que figuram no número da revista parisiense "Verve", dedicada ao mestre de "Guernica".



A religiosa portuguesa Soror Mariana de Alcoforado, gravura original de Matisse, em exposição na E. N. B. A.

LIVROS *Novo*

Tratando do livro *Sai da Heresia*, do brilhante crítico, titular de secções de jornal, Sérgio Milliet, escreveu, há tempo, o autor da obra presente: "Os livros formados por artigos já publicados em jornais apresentam vários senões e o primeiro é a 'Inatualidade'". O segundo defeito vem a ser "a repetição de certos assuntos, até de frases inteiras em várias

páginas do volume, facto este muito natural, porque todo escritor tem seus assuntos prediletos aos quais sempre gosta de voltar" etc. Ora, como é bem sabido, raramente se publicam livros compostos de trabalhos avulsos, completos cada um de per si, embora sobre o mesmo tema, — e que antes não tenham surgido nas colunas da imprensa. Em grande número de casos, é até ao êxito obtido nas folhas que os escritores, moços sobretudo, devem a conquista da edição. Sem aquêlê primeiro triunfo, nunca provavelmente alcançariam o segundo, dada a rebeldia dos industriais do livro perante gente nova ou nomes ainda obscuros. E não sucede assim apenas com as crônicas, as reportagens, os artigos doutrinários e de ocasião, mas também com obras inteiriças, romances, trabalhos de história, filosofia, crítica de arte, divulgação científica. No momento de expender aquêlê juízo condenatório, certamente o sr. Alcântara Silveira submeteria tais edições a rigorosa censura. Pelo menos, exigiria que cada trabalho, no volume, trouxesse a data da publicação primitiva. Pois, como diziam os nossos maiores — e por pouco que, neste caso, tenha aplicação o sentido funesto da imagem — caiu-lhe o raio em casa! Assim, êle agora declara: "Escrevendo essas linhas mal sabia que, alguns anos depois iria publicar um livro fisicamente igual ao *Sal de heresia*, isto é, uma coleção de trabalhos já aparecidos em jornais (em datas que não sou capaz de precisar) e, portanto, com os mesmos defeitos acima apontados". Não lhes chamemos defeitos mas simplesmente condições. Nas mesmas condições. E em verdade, não afetam estas o valor nem o interesse da obra. Não só o livro pode ir mais longe, encontrando, portanto, leitores novos e como de obra inédita, mas também haverá justiça em se opinar que as presentes páginas do sr. Alcântara Silveira suportam sem prejuízo e até incontestavelmente merecem a segunda leitura.

Esta gente da França são homens de letras. A propósito de livros, e em artigos das dimensões que os órgãos da imprensa diária permitem, o sr. Alcântara Silveira se ocupa dos autores respectivos, e dos escritores por êstes citados, e de circunstâncias mais ou menos curiosas ou significativas de que uns e outros se rodeiam. Para isso, dispõe de um preparo vasto e minucioso a que se alia ditosa faculdade de apreensão, de assimilação e ainda extraordinária memória para guardar nomes, títulos, pensamentos ou frases dos mais eloquentes como definição ou explicação do caso. Assim nos fala: de Balzac e dos apuros de pecúnia devidos à sua mania de grandeza e dos quais, segundo uns apreciadores, resultou ficarem muito menores e, segundo outros, tornarem-se maiores; do que seriam dentro de uma vida abastada e sempre segura, o vulto e o alcance das suas obras; de Verlaine, através dos seus poemas e das maneiras como tem sido julgados; no capítulo imediato, naturalmente, fatalmente, de Arthur Rimbaud, o poeta do impressionante *Bateau ivre* e do horrendo soneto das vogais; depois, de Roger Martin du Gard, seu prêmio Nobel e sua aversão por toda exibição e todo ruído; de André Maurois, seus infortúnios de guerra e a espécie rara, sublime, de ventura que lhe trouxe o amor de Simone de Caillavet; de Charles Péguy, seu espírito combatente e sua religiosidade; de Francis James; "S. Francisco da Literatura"; de outros, estudados e sentidos na individualidade, na projeção do espírito, do caráter, do sentimento.

A linguagem do sr. Alcântara Silveira, trazendo embora, de vez em quando, alguma impropriedade do gênero popular tão em voga, é clara, direta, insinuante. Observa um tom de singeleza familiar, que nos faz pensar no

GENTE DA FRANÇA

Crônicas literárias de
ALCÂNTARA SILVEIRA

Editora Assunção Limitada — São Paulo
1948

escritor palestrando em roda íntima. Êle mesmo nos diz em certa passagem: "Voltando à nossa conversa"... Livro amável bom de se guardar.

Devia esta monografia fazer parte do "Livro do Centenário", destinado às comemorações da data em que a povoação de São Francisco foi elevada à categoria de cidade. O sr. Arnaldo S. Thiago lançou a idéia de tal publicação, vendo-a imediata e incondicionalmente aprovada. Por circunstâncias, porém, de força maior, não se organizou ou não chegou a ser publicado o volume em questão. Daí, a edição avulsa da obra presente, que merecia, com efeito, ser conhecida.

A história de São Francisco do Sul sobretudo, obedece nestas páginas, ao ponto de vista intelectual. Principia com o periódico manuscrito *O Literato*, — aparecido em setembro de 1875. Aqui vem um fac-símile do n. 3; e já a direção pede desculpa por haver aumentado o preço da assinatura. Vários motivos a isso a levaram, e entre êles o projeto da aquisição de uma "pequena tipografia". Não sabe exatamente o autor quanto tempo durou aquela gazetinha depreende, porém, que não tenha passado de manuscrita. Foi em 1884 que se instalou na cidade a primeira tipografia, para o jornal *O Democrata*, até então impresso em Joinville. A êsse acontecimento se deram várias formas de celebração, inclusivamente um Boletim que, trazendo em epígrafe a primeira estância de *A Imprensa* de Castro Alves e dirigindo-se à população, começa nestes termos:

"Desponta a luz do progresso no horizonte de S. Francisco. Salve, aurora! Já desperta esta natureza, toda encanto, ao sibilar do vapor, ao movimento da indústria como que festiva compartilha do nosso júbilo imensurável, motivado pela verdade dêste grande acontecimento: **Uma tipografia acaba-se de montar nesta cidade.**"

Outros jornais vieram, mais ou menos importantes, mais ou menos duradouros. Trata depois o sr. S. Thiago das instituições de ensino, hospitais, associações instrutivas ou de recreio — sem esquecer o teatro de amadores, em que se representou o drama *A enjeitada* "e tantas outras magníficas peças teatrais". Seguem-se os dados e apreciações relativas ao porto local, às estradas de ferro, à indústria e ao comércio, etc. Numerosas produções de literatos "franciscenses" se incluem no último capítulo do volume; e, franciscense o próprio autor, dá para aí a sua contribuição: longa peça poética, impregnada de amor à terra natal como de sentimento religioso, e que assim principia.

Desponta a primavera! Há flores pelos montes
Descendo pela encosta, o fio de água das fontes
Brilha à luz matutina.
Da brisa ao perpassar agita-se o arvoredo
E canta o sabiá sutil, como em segredo,
Uma canção divina.

O sr. Mello Barreto Filho tem passeado a sua inteligência e a sua operosidade pelos mais variados sectores da literatura. Na relação da sua bagagem há livros de jurisprudência, de história, de pedagogia; de poesias sentimentais e de versos humorísticos; e, para o teatro, de vários gêneros, desde o drama até à revista. Ao todo, vinte volumes. Foi talvez para descansar de todo êste trabalho — pelo tão

São Francisco do Sul

Monografia por **ARNALDO S. THIAGO**

Imprensa Oficial do Estado de Santa Catarina
1948

talado sistema de carregar pedras — que o editor se entregou às pesquisas e anotações de que havia de resultar o presente volume.

Está visto que, nestas trezentas e quarenta páginas de vasto formato, bem pequeno espaço cabe às frases colhidas em outros livros, nos anais parlamentares, nos arquivos oficiais, nas coleções da imprensa. Tudo o mais foi escrito e é realmente obra do sr. Mello Barreto Filho. Antes de cada grave sentença, traço de agudeza ou simples pilhéria, vem um escôço biográfico — escôço, sim, mas dizendo o principal, o deveras importante de cada existência, com suas aspirações e suas realizações. Segue-se ainda uma explicação da origem das palavras célebres e das circunstâncias em que foram pronunciadas. E assim, a frase de uma ou duas linhas é precedida, termo médio, de duas páginas. Não se trata, portanto, de simples repertório — como tantos por aí andam e até entre as chamadas antologias — de expressões do engenho ou do sentimento alheio, mas de um trabalho que muito tem de individual e, até onde possível, de original.

Os personagens se sucedem pela ordem alfabética, com as frases que verdadeiramente, historicamente proferiram ou, na versão oral, lhes foram atribuídas. Neste último caso está, pelo menos, uma. E' a pergunta que Alcindo Guanabara teria feito a um diretor de jornal perante a encomenda de certo artigo: "Pró ou contra?" Em França, se conta êsse caso, como sendo da mocidade e do princípio da carreira de Emile de Girardin, falecido quando Alcindo contava dez anos de idade. Haverá no livro do sr. Mello Barreto Filho mais alguns ditos que tenham servido para outras tantas falsidades? Acreditamos que não. A obra dá, em geral, a impressão de organizada com bastante cuidado de averiguação. Nestas páginas se encontram frases das que toda a gente, por assim dizer, já leu, mas as quais, pela lição que encerram, pelo efeito moral que possam produzir, nunca serão repetidas de mais. Assim, por exemplo, de Afonso Pena, moribundo: "Deus... pátria... liberdade... família"; de Alexandrino de Alencar: "Rumo ao mar"; de André Rebouças: "Antes de tudo, a coerência; ser coerente sempre, sempre"; de Carlos Gomes: "Se não fôsse o Imperador, eu não seria Carlos Gomes"; de Castro Alves: "Ainda mais um dia de sofrimento"; de Gomes Carneiro: "Não passará"; de Silva Jardim: "Se a República nascer das armas, morrerá pelas armas"; de Benjamin Constant: "Não era esta a República que eu sonhava"; de Floriano: "A bala"; do Almirante Barroso (depois de Nelson): "O Brasil espera que cada um cumpra o seu dever"; de Rodrigues Alves: "Aqui é o meu lugar". Compreende cento e tantos nomes esta primeira série, que vai de A a L. O segundo tomo, cuja publicação o autor promete para breve, completará a obra.

RECEBEMOS:

Autores e Livros, o brilhante e seletto semanário que, organizado pelo sr. Múcio Leão, constituiu o suplemento dominical do jornal "*A Manhã*", e que reaparece agora, independente, sob a direção do mesmo ilustre acadêmico, tendo como gerente o sr. Leonardo Marques e secretário o sr. Sérgio R. Velloso. Como sempre, **Autores e Livros** traz abundante e variada matéria, com uma parte inédita e outra de pesquisas ou reproduções de trabalhos célebres, alguns dos quais relativos à Carta de Pero Vaz de Caminha.

Canções de Amor e de Saudade, alguns interessantes sonetos de Walter Siqueira. Edição da Academia Pedralva. Campos, 1948.

Diagnóstico dos Cilindros Granulosos na Hematúria Macroscópica (Prova do limiar hemolisante) comunicação feita pelo dr. Dirceu Quintanilha à Sociedade de Estudos Médicos do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 1948

Frases célebres brasileiras

Coletânea organizada por **MELO BARRETO FILHO**

Pongetti — Rio de Janeiro
1947

NOS BASTIDORES FEMININOS

Q JEREM nos fazer pagar caro pelo uso da saia comprida... E' sabido que os homens, em quase todas as partes do mundo, foram e continuam sendo contrários ao seu uso. Na América do Norte o assunto foi discutidíssimo e fundou-se até um clube para combater a nova moda. Sócios da referida organização se recusavam a namorar moças que usassem saias compridas e alguns mais ousados levavam mais longe a sua revolta: munidos de tesouras, cortavam todas as saias abaixo dos joelhos que lhes apareciam pelo caminho. Mas, a mulher não deu ouvidos aos protestos masculinos e a "nova linha" venceu.

Agora surge um novo caso: o da pintura. Discute-se com a mesma vibração com que se discutiu o caso das saias compridas, com a diferença de que desta vez os homens estão a favor. Aqui mesmo já se manifestaram a respeito, pintores, deputados, senadores, artistas, etc. A opinião é quase sempre a mesma; sem pintura! Porém, acontece que quando os homens são a favor as mulheres desconfiam... E não é mesmo para desconfiar? Donde teria partido a infeliz idéia de nos fazer sair à rua com o rosto lavado, sem um pingão de pintura? Nós que, em geral, graças ao nosso clima e às nossas condições de vida, não possuímos uma tonalidade de pele saudável e rosada, capaz de nos dar um aspecto agradável e de realçar os nossos traços? Há algum "amigo da onça" escondido atrás de tudo isso; uma vingança, talvez, daqueles que foram tão fragorosamente derrotados na questão das saias.

E o engraçado é que se escondem sob o disfarce de bonsinhos e bem intencionados, que querem apenas que, para completar a silhueta antiga em vigor, a mulher deixe também de se pintar, tornando assim mais real a evocação daquelas figurinhas do século passado, tão delicadas, tão pálidas e tão frágeis... Mas esperem, senhores, não caminhemos tão depressa assim! Se pretendemos realmente evocar toda a graça e a feminilidade daquelas pelas quais suspirais (veremos se algum de vós retornará ao cavalheirismo da época), pretendemos fazê-lo à nossa maneira, dentro da nossa mentalidade atual, numa demonstração de que pretendemos ainda superar as nossas antecessoras. Não espereis, portanto, que voltaremos à palidez que os poetas cantavam então, nem à fragilidade que nos levava a ver em vós o nosso poderoso protetor... Não julgueis que voltaremos a soltar demorados ais à vossa passagem, e que voltaremos a fitar, da janela do nosso quarto, as estrelas, pensando em vós, numa prece súplice... Talvez julgueis também que voltaremos a passar fome... Que iremos às festas e às reuniões e que, como as nossas avós, recusaremos qualquer petisco, quer para não perder, um só instante, a vossa companhia, quer para não ferir a vossa sensibilidade com o ato da mastigação.

Quem sabe, é de vosso desejo também, que voltemos a ter olheiras profundas e olhares cismadores; ou que abandonemos a luta, o campo que tão dificilmente já vencemos, para regressar ao lar, humilde e bondosa companheira que serze meias e prega botões, enquanto ele, o "bonitão", conversa e passeia pelas ruas, muitas vezes em busca de uma que não tenha caído no "conto".

Não, meus amigos; a saia comprida venceu; tornamo-nos mais femininas e graciosas; somos "gentis evocações de uma era romântica", mas nos conservaremos dentro da nossa mentalidade atual e moderna que nos impele à luta, que não permitirá que renunciemos aos nossos direitos, que mostrará que podemos trabalhar e ser elegantes ao mesmo tempo.

Não pretendemos ter a palidez das madonas; não pretendemos ter olheiras, não pretendemos passar fome, não pretendemos jogar fora o nosso "baton"... Queremos fazer realçar, dentro de uma figura romântica e antiga, todo o nosso vigor, toda a nossa energia, todo o colorido de uma personalidade moderna.

As mulheres não acreditarão, portanto no "canto da sereia". Não deixarão de se pintar; não porque se julguem monstros ou porque receiem enfrentar, de "cara limpa" a vossa opinião, mas porque sabem os efeitos que podem obter com um "maquillage" moderno e porque não vêm conflito algum entre uma saia comprida e um rosto pintado.

E afinal, a pintura não é tão moderna assim!

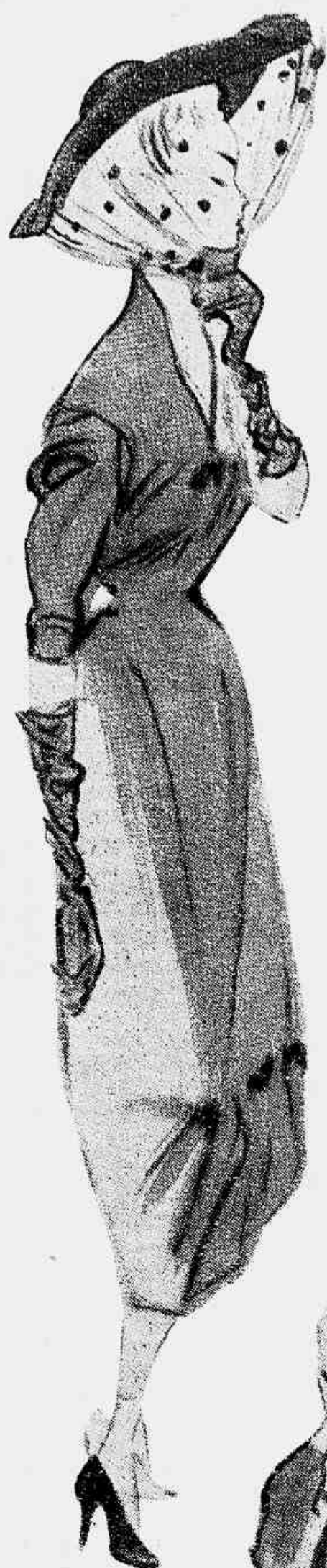
KITTY



Barbara Bel Geddes, da RKO, exibe um modelo para a noite, simples e distinto. E' feito em gaze "chiffon" preta, sobre um fôrrô de lamé prateado.

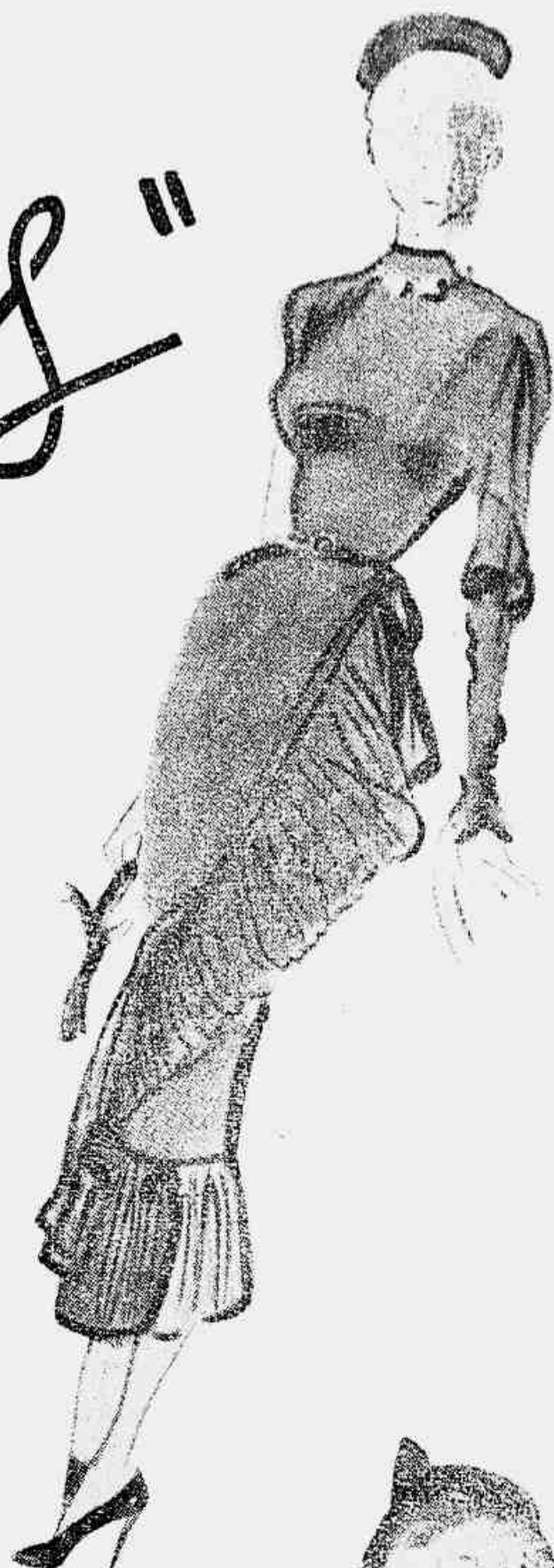


"habillées"



CARUEN

Modelo em seda, com curiosos "apanhados" na blusa e na saia, estreitando-a abaixo dos joelhos.



MAO CARPENTIER

Em seda preta, colante, com babado plissado, partindo da cintura e fazendo a volta na barra da saia.



JEANNE LAFAURIE

Em seda azul marinho ou preta, transpasse a blusa. Cintura muito ajustada. Saia "culote".



WORTH

Elegantíssimo Modelo em seda cinzenta. Corpo longo, manga três-quartos, saia plissada, originais aplicações no decote e na saia.

GERMAINE LECOMTE

Vestido, em "moiré" preto justo até os quadris. Largo babado termina a sai.



Para sua elegância íntima, aqui estampamos interessantes sugestões, que por certo lhes agradarão bastante. São modelos em crepe da China, mousseline e rendas.

Lingerie

Modelos

Para jantares, cocktails, teatros, enfim para as grandes ocasiões, apresentamos seis lindos modelos, todos eles de grande originalidade e elegância, e executados nos mais variados tecidos, tais como tafetás, sedas, rendas e tules.



Elegantes



Da esquerda para a direita —
 Modelo em seda rosa; modelo
 em tafetá azul e branco; modelo
 em seda azul; modelo em or-
 ganza branca, fitas pretas; mo-
 dolo em renda preta e crepe
 cereja; finalmente, modelo em
 seda estampada e organza
 branca.

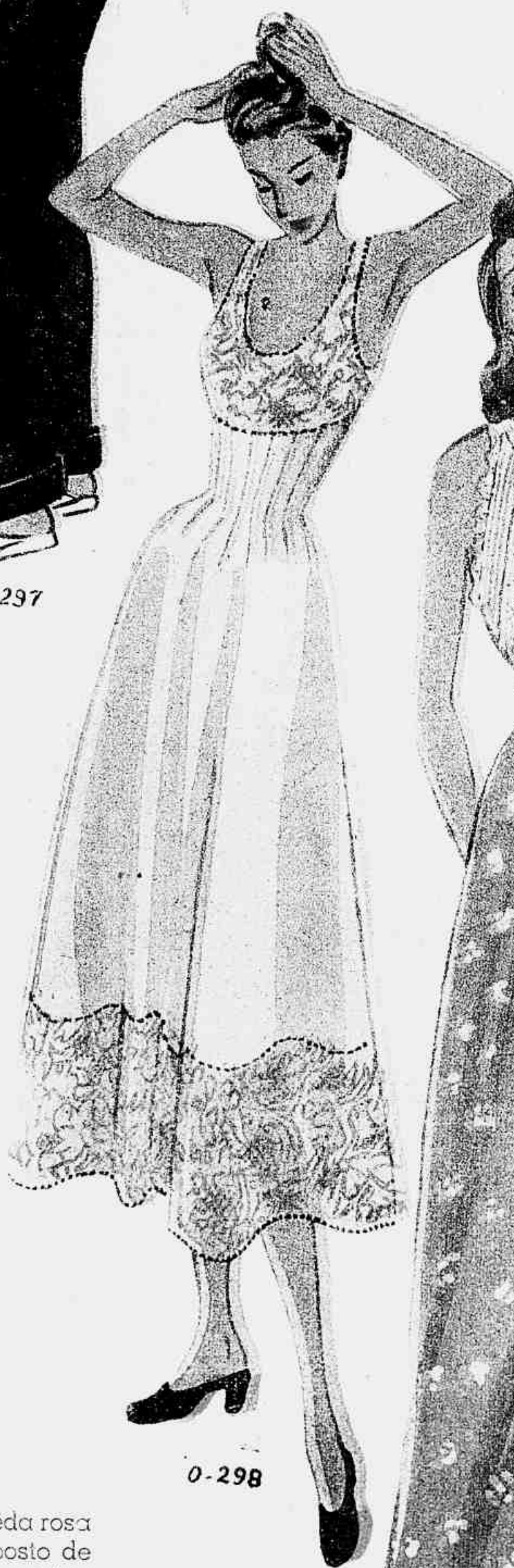
intimidade



0-296



0-297



0-298



0-299



0-300



0-301

Ao alto — Pijama em sêda rosa estampada. Modelo composto de "slacks" em linho azul-marinho, blusa do mesmo material, estampado. Ao centro — Combinação em cetim branco, corpo e barra

em renda rosa. À direita — Original modelo em sêda estampada. Finalmente este último modelo, uma linda camisola branca com pequenos estampados de flores. Cintura ajustada em azul marinho.



JACQUES HEIM — Elegante modelo em tule preta, quatro carreiras de babados plissados. Luvas pretas.



BALENCIAGA — Originalíssimo modelo em cetim branco, todo coberto com renda de Chantilly preta.



Gala

MARCELE CHAUMONT — Dois maravilhosos modelos, o primeiro em tafetá e veludo preto com bordados a ouro; o segundo em jersey de seda preto, com grande echarpe.



PROFUNDEZA

Alguém comentava a personalidade de certa senhora, das relações de Madame de Staël. Esta se mantinha em silêncio, pois a pessoa em questão não lhe causava nenhuma admiração. Querendo fazê-la sair do seu silêncio, perguntaram-lhe:

— Não acha que essa ilustre escritora é muito profunda?

— Uma verdadeira cavidade, — retrucou Madame Staël secamente.

SECRETÁRIA

Pearl Buck, já depois de muito célebre, e detentora do Prêmio Nobel de Literatura, recebeu de uma sua criada um pedido. Queria que lhe escrevesse uma carta ao noivo, que se achava mobilizado, numa das frentes da guerra. Com a maior boa vontade, a autora de "Retrato de um Casamento" pôs no papel todas as palavras e os sentimentos de sua criada. Já no fim, perguntou-lhe:

— Tem mais alguma coisa a dizer?

— Sim, senhora. Ponha em baixo assim: "desculpe os erros de gramática, pois você sabe muito bem que eu nunca fui muito forte nessa coisa de escrever"...

DE SEGUNDA MÃO

Elza Maxwell, famosa jornalista norte-americana, tomava parte em uma reunião social, onde se achava presente a célebre Claire Boothe Luce, autora de "Mulheres". Elza possui um espírito muito agudo e tem justa fama de ser espirituosa, pois sua coluna é uma verdadeira delícia. Em dado momento, no meio da conversação, Claire Boothe disse qualquer coisa extremamente engraçada. Elza riu-se com os outros e depois comentou:

— Quem me dera ter dito isso!

— Não se preocupe, — retrucou Claire prontamente. — Mais dia, menos dia, você dirá.

Novo sucesso...

RESULTADO SINISTRO

Vicki Baum, autora de "Grande Hotel", "A árvore que chora" e tantos outros livros de sucesso, foi a um consultório médico. Depois de uma longa e minuciosa consulta, perguntou:

— Escute, doutor, o senhor não acha que estou escrevendo demais, e que o meu sistema nervoso pode se ressentir disso?

— Não, — retrucou o médico.

Ao chegar em casa, anunciou à sua secretária a boa notícia.

— O médico me disse que não me faz mal aos nervos escrever demais...

— Os nervos podem aguentar bem, — retrucou a secretária — Mas a sua reputação é que está ficando ruim...

ÚLTIMO RECURSO

Antes de se tornarem famosos, Dorothy Parker e Robert Benchley alugaram um escritório tão minúsculo num edifício próximo a Times Square, que mal podiam se acomodar ali dentro. O pior, entretanto, não era a exiguidade. Era que ninguém tomava conhecimento da presença dos dois escritores. Robert Benchley saía todos os dias levando a carga literária de ambos de redação em redação, enquanto que Dorothy ficava presa no cubículo, trabalhando sem esperança nenhuma. Certa tarde, já cansado, Robert voltou ao escritório e encontrou um movimento desusado no corredor. Dorothy, para quebrar a monotonia, havia colocado o seguinte cartaz, no lugar onde antes havia o nome de ambos: — "Cavalheiros".

A celebridade veio logo em seguida...

CAMARADAGEM

Maria Oupenskaia, famosa atriz russa, diretora de uma escola dramática em New York, onde diplomou artistas como John Garfield e outros, conta a seguinte história: Certa ocasião, estando em precário estado de saúde, foi aconselhada pelo médico a tomar uma série de banhos de mar. Arrombou suas coisas e se tocou para Ocean Beach, em uma ilha próxima de New York onde se pode gozar de relativo sossego. Certo dia, quando procurava sair-se o melhor possível na sua luta contra o medo da água, percebeu um guri que rondava por ali, com uma cara esquisita.

Pôs-se a conversar com ele e, ao fim de algum tempo, lhe havia captado a confiança.

O guri informou-lhe, então, que tinha apostado com seus amigos como era capaz de fazer a velhota mergulhar.

— Espere aí. Deixe que eu engula um pouco de ar e, depois, pode me afundar a cabeça...

O guri fez o combinado e depois deu-lhe, o que se chama em gíria de praia, um belo "caldo". Terminada a cerimônia, foi ter com seus camaradas e recolheu os cinco centavos da aposta. Maria conta com certo acanhamento que foi esse o único mergulho de sua vida...

ABAFANTE

A bela duquesa de Devonshire, saía certa vez da carruagem, quando viu diante dela um humilde varredor de rua que se preparava para fumar seu cachimbo. Deslumbrado com a beleza daquela mulher que subitamente lhe surgia pela frente, exclamou: "Louvado seja Deus! Se me permitisse, — milady, eu acenderia o cachimbo na chama dos seus olhos!" A duquesa dizia sempre que, depois desse cumprimento, todos os demais lhe pareciam fracos...

As saias continuam na ordem do dia. As elegantes cada vez mais preocupadas em encontrar modelos que satisfizessem as exigências impostas pela moda. E o desfile de excentricidade continua...



As novas saias cheias de fantasia e cheias de personalidade, são o maior atrativo da nova moda. Jean Dessès, para um vestido em "pied-de-poule", criou uma saia "godet", franzida, descendo mais o corpo atrás, num movimento arredondado. Lucien Lelong usa num vestido de lã preta, saia com "godet" lateral, arrematado em cima por uma prega. Frente e costas da saia em ponta; saia de baixo plissada. Christina Dior, a revolucionária, criou estas duas saias em lã, a primeira, dando a impressão de que está enrolada no corpo, caindo, então, negligentemente, para o lado.

A segunda, mais complicada, tem grande babado que abre atrás, voltando para a frente e formando "bas-que".

Saias

Mangas

Aqui estão apresentadas quatro interessantes sugestões que Paris nos envia para as mangas modernas. Serão por certo um pouco audaciosas, nem por isso, entretanto, são menos elegantes. Pelo contrário.



OUTRO detalhe de grande importância na moda atual, está nas mangas. Já não se usam as manguinhas simples, com os ombros quadrados, procurando-se, outrossim, dar-lhes um formato que mais realce a linha natural do corpo. Aqui, Lucile Manguin, num casaco de lã azul marinho, usa mangas "raglan", partindo quase que da cintura. Jeanne Lanvin também dá preferência às mangas "raglan" para os casacos de 1.^a. Diversas costuras são feitas de baixo para cima, afim de aumentar o volume acima do cotovelo. Jacques Griffe apresenta algo de muito original. A manga não tem costura na frente, porém, atrás, é presa em linha reta. Schiaparelli é levada ainda mais longe pela sua imaginação. Nas costas de um casaco de lã escocês, um imenso triângulo forma as mangas "kimono".



JERÔNIMA DE MESQUITA E O S.O.S.



Nasceu para dar. Trouxe do berço a generosa vocação da solidariedade humana. Mocinha, na Europa, entre todos os caminhos brilhantes abertos à sua bela inteligência, entre todas as carreiras que poderiam coroá-la de glórias sociais e mundanas, escolheu o curso austero da Cruz Vermelha de Paris. Estava ainda no primeiro ano quando irrompeu a primeira Grande Guerra.

Poderia regressar ao Brasil. Refugiar-se numa praia tranquila de Portugal. Namorar a paisagem dos lagos suíços. Preferiu inscrever-se como enfermeira num hospital de sangue em Nice. Queria ajudar. Pediram-lhe que dirigisse, embora a mocinha brasileira alegasse honestamente falta de prática.

Mas a vontade de servir sobrepujou a timidez. Aceitou a tarefa. E quando foram chamá-la ao hotel, poucos dias depois, as quatro horas da madrugada, para atender aos primeiros feridos. Jerônima de Mesquita abriu as portas do hospital à dolorida procissão de macas, com a eficiência tranquila de quem tivesse uma longa experiência dos hospitais de campanha.

Depois, foi para a Suíça, onde a Cruz Vermelha mantinha — como manteve na guerra de 39 — um serviço de correspondência e remessa de encomendas para as nações beligerantes; por aquela ilha de paz transitavam as angústias e as ternuras de milhares de seres separados pelos vagalhões da guerra; brancos páes da Normandie, feitos por mãos noivas e de esposas para o "poilu" afundado na lama das trincheiras de Verdun, meias de lã, retratos, cartas... quantas mensagens de amor e de saudade chegaram ao seu destino graças às mãos piedosas de Jerônima de Mesquita?

De volta ao Brasil quis transmitir à mocidade feminina os seus ideais de fraternidade. Iniciou o movimento escoteiro. E quando a Associação Internacional das Bandeirantes quis ter um núcleo no Brasil, ela era a pessoa naturalmente indicada para assumir a chefia da organização. Foi em 1920 que se reuniram em casa de Miss Lynch, no solar que é hoje sede da Embaixada Americana, as pioneiras da idéia. Eram 11. Hoje, há mais de 2.000 bandeirantes espalhadas por esse Brasil afora; e, pelo menos 6.000 mulheres já passaram pelas fileiras do movimento, aprendendo a felicidade de "ser útil" e levando pela vida afora, transmitindo ao seu meio social, a grande lição da solidariedade humana. Assim, a semente germina, carregada pelo vento da vida; e nem ela sabe todo o bem que tem feito, porque ele é como o grão fecundo que guarda o germe da eternidade.

O nome de Jerônima de Mesquita está indissoluvelmente ligado à Pró-Matre que ajudou a fundar com Stela Guerra Duval e de que foi tesoureira durante vinte anos. Mal se instalara essa casa, hoje fundamental no nosso aparelhamento de assistência, sobreveiu a epidemia de gripe. Improvisaram-se enfermarias de emergência em todas as salas; e dia e noite, aquelas mulheres — jovens e frágeis heroínas sem armadura e sem burel — velaram sobre os doentes, fecharam os olhos dos mortos, consolaram os que ficavam.

Agora, Jerônima se dedica ao S.O.S. Duas grandes campanhas a absorvem: a da Criança e da Tuberculose. E fora desses programas que só atraem as grandes almas, encontra sempre tempo e recursos para atender a mil casos individuais, para ouvir, aconselhar, ajudar todos os que a procuram. Não sabe dizer "não".

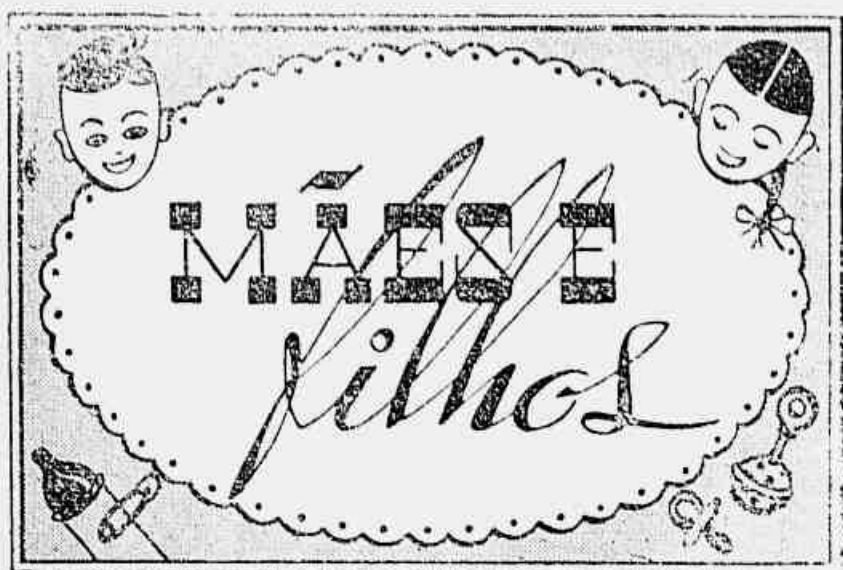
Nessa existência que é um sacerdócio, pouco tempo resta para os gostos pessoais. Mas não se queixa. Guarda a lembrança das mais puras horas de beleza:

— Ouvi todos os artistas famosos; vi Sarah Bernhardt, Réjane, Pawlowa. Vivi na Europa antes de 1914; vi o melhor de uma civilização que antes de morrer, ostentava todos os seus requintes de Arte e de Inteligência.

Na Literatura tem preferência pelas biografias. As de Beethoven e de Ghandi, por Romain Rolland, a do Cardeal Neumann, por Teixeira Leite Penido, são livros que nunca esquecerá.

E é um coração tão simples, uma alma tão humilde que mesmo esta pequena notícia lhe pareceu homenagem imerecida. E não gostará, absolutamente desta frase verdadeira: "Seria um grande livro a história de Jerônima de Mesquita."

SARAH MARQUES



A SOCIALIZAÇÃO DA CRIANÇA

Um dos instrumentos mais eficientes para a socialização da criança é a escola, sendo a melhor delas neste sentido, a pública. Nesta a adaptabilidade social da criança obedece a normas preestabelecidas, e é na realidade um dos poucos objetivos alcançados pelo ensino primário oficial.

A escola pública, dentro da sua simplicidade, mistura todas as camadas sociais, uniformiza operários e burgueses num despretenso traje e não conhece, nem dá privilégios a ninguém.

Em face da crise atual de escolas, muita gente acha que a escola pública deveria ser só para os pobres; mas este ponto de vista me parece errado, porque é justamente o fato de ser acessível a todos, que faz dos nossos educandários municipais um fator preponderante de nivelamento e fraternidade entre os indivíduos. Esta é, pois, a meu ver, a melhor das suas qualidades, e algum dia falarei sobre os seus graves defeitos.

Muito nos falta no sentido de socializar a criança; o pouco que se tem feito parte quase sempre de iniciativas oficiais indesejáveis, porque não obedecem a uma diretriz de humanismo, de simples aperfeiçoamento e democratização da criança, mas a tendências políticas do momento ou a um extremado verde-amarelismo. Seria, portanto, mais interessante, que esta idéia estivesse a cargo de pessoas e grupos, a fim de que, em cada bairro e em cada cidade despontassem associações juvenis com características próprias e se desenvolvessem aos azares das possibilidades de todos os agrupamentos humanos.

Um dos traços que mais admiro no povo da América do Norte é a sua facilidade para se deixar influenciar por idéias novas e se entregar a elas com entusiasmo crescente; haja visto o grande número de agremiações, em que se reúnem, se divertem, se civilizam e progridem os moços dos Estados Unidos; pudessemos nós imitá-los neste ponto e encetarmos experiências neste setor, para que as crianças e adolescentes do Brasil tivessem oportunidade para expandirem seus interesses, seus anseios, sua impetuosidade e tendências variadas. Sim, porque fora do cinema, da praia e de alguns clubes granfinos, nada mais temos para oferecer à geração dos nossos dias.

Se falarmos a qualquer pessoa no sentido de colaborar para a criação de uma obra deste gênero, a primeira observação que surge é a de que dependerá de muito dinheiro e que pouca gente dispõe de um supérfluo para dar; mas é nisto mesmo que se enganam; é verdade que somos um povo pobre, muito pobre mesmo, mas por que não podemos fazer a nossa festa, a nossa vida, com a prata da casa e sem espíar a abundância do vizinho? E nem tudo depende de dinheiro; muita coisa se pode fazer com boa vontade, espírito de colaboração e algumas horas de trabalho disponíveis por dia. Quem não pode dar dinheiro, dá trabalho, dá um objeto, dá um livro, dá seja o que for, mas contribui com um pouco de si mesmo para o bem comum.

E os resultados que adviriam de associações infantis, onde as crianças pudessem estar se divertindo de uma forma produtiva, ou inofensiva, seriam os mais compensadores possíveis; desapareceria o espantinho da rua que transforma bons meninos em moleques, e a maioria das mães, que trabalham hoje em dia, estariam mais sossegadas em seus empregos, sabendo que os filhos não estão tomando trazeira de bondes, ou aprendendo atitudes inconvenientes em más companhias.

Na realidade, que é preciso fazer? Um gesto, um movimento, uma iniciativa, mas que tenha a principal qualidade de ser persistente; um movimento para criar associações infanto-juvenis autônomas em cada bairro poderia ser uma obra de que todos participassem, ricos e pobres, crianças e adultos, solteiros e casados; só deveriam ser despretenso e democráticas, não exigindo joias de admissão, para não enriquecerem improdutivamente, e esbanjarem mais tarde os lucros fáceis em ordenados principescos para os profissionais. As associações deste gênero precisariam ser tão esportivas quanto culturais, oferecendo aos jovens um ambiente de bem estar, harmonia e conforto, para atrair esta mocidade esparsa e sem rumo, que boceja nos cafés e passeia nas calçadas.

Copacabana, a bela, a rica, poderia dar o exemplo, que seria seguido sem mais tardar pela Tijuca, e mais tarde, até pelos subúrbios. E os próprios jovens poderiam tentar sôzinhos a experiência, porque assim, ficaria muito mais bonito e muito mais convincente.

ZOLA DE LAET



Noites Elegantes

Para as noites de gala, para um jantar de cerimônia, para o teatro ou para um baile, eis as mais recentes e maravilhosas criações dos costureiros franceses.

★

JACQUES FATH, lindíssimo modelo em cetim branco, saia em pregas abrindo na altura das cadeiras. Guarnições de pedras multicores no corpete e na saia.



MAGGY ROUFF, de grande efeito é este modelo em tulle branco, corpo e túnica em tafetá verde e branco.

MARTIAL ETARMAND, distinto este modelo em tulle branco, saia bem ampla. Corpete e guarnições da saia em cetim também branco.



ROBERT PIGUET, em cetim cinza chumbo é este modelo. Saia ampla, costas nuas, de grande efeito.

MAGGY ROUFF, notável modelo em cetim azul claro, corpo bem colante, abrindo em drapeados e "godets" abaixo dos joelhos.



LUCIEN LELONG, suntuosa capa em veludo negro, guarnição da gola em raposa prateada.

FRANCES OBRE, em brocado branco e ouro, é este originalíssimo modelo para noite.



A ARTE DE TER INIMIGOS

Há pessoas que se preocupam doentamente com as opiniões alheias, e sofrem muito, por isso, quando têm inimigos. E-lhes insuportável a idéia de que outros seres humanos as têm em má conta, e que publicamente expressem essas opiniões.

No entanto, as pessoas de personalidade desenvolvida, e dotadas de longa experiência humana, sabem considerar a existência de inimigos como fato normal, e, sob certos aspectos, até auspicioso.

Em primeiro lugar, "ninguém atira pedras em árvore sem fruta". Isso já é uma vantagem, para aqueles que têm inimigos: a certeza de que só as pessoas que nada produzem, que nada são, podem não ter inimigos.

Em segundo lugar, isso mostra justamente uma das maiores razões das inimizades que provocamos: a presença de frutas em nossa árvore. Quem produz, provoca nos outros sentimentos inferiores, cobiça, inveja. Diante dessa verificação, não poderemos ter ódio aos inimigos que assim se tornaram por esses motivos; teremos a pena, infinita pena de tamanha mesquinha.

Em terceiro e último lugar, os inimigos nos são utilíssimos, como vigilância e como estímulo.

Como vigilância, eles suprem aquela fiscalização a nosso próprio respeito que, involuntariamente, vamos suavizando através da complacência que sempre temos para com o nosso Eu. A tendência de cada um de nós é a da auto-justificativa, a da tolerância e a do perdão. Os nossos inimigos nos conservam alerta, ajudam-nos, fortalecem-nos, relembrando-nos constantemente os nossos pontos fracos.

E, como estímulo, eles não são menos úteis. E' humano, o desejo de desmentir quem fala mal de nós, mostrando que somos totalmente diferentes, muito melhores, muito superiores...

O que precisamos é desenvolver, também do nosso lado, a consciência que temos do "problema do inimigo". Assim como sabemos os motivos que levam os outros a nos desprezar, devemos estudar os que nos fazem, também odiar os outros. Somos todos do mesmo barro, e temos os mesmos defeitos comuns à humanidade. O importante, assim, é descobrir as raízes impuras de nossas desafeições, procurando afastá-las por completo, repudiando-as com a máxima energia. Lembremo-nos de que, por maiores defeitos que tenham os outros, nós também devemos tê-los em grau idêntico, ou talvez maior, e que não há um único sentimento vil, um único crime, que nós também não sejamos capazes de praticar. Tanto os bens quanto os males da humanidade são patrimônio comum a todos nós. Sejamos, por isso, indulgentes para com os outros, e severos para nós mesmos: não existe melhor caminho para se chegar ao aperfeiçoamento.

CONFIDENTE

CORRESPONDENCIA

Responderemos, na próxima semana, algumas das consultas que nos foram dirigidas.

"STORM"

(Cont. da pág. 29)



PARA a mulher que trabalha fora, o problema se torna dia a dia mais difícil: uma profissão e um lar, são coisas que exigem muito equilíbrio, muita paciência e muita disposição. A mulher que sai pela manhã e volta à noite, entregando tudo o que é seu aos cuidados de uma empregada, quase sempre corre sérios riscos. As cozinheiras, banqueteiam-se e convidam as amigas, levam "emprestados", objetos que nos pertencem; vestem nossas roupas, usam nossos perfumes e, ainda nos fazem engolir "quitutes" que só à sua vista o nosso estômago se rebela. E' por tudo isso que achamos que a mulher deveria estar preparada para o lar. Mesmo trabalhando fora, deveria aprender certas coisas, inclusive cozinhar. Se é organizada, se não tem filhos pequenos, pode até prescindir do "valioso" auxílio da empregada. Chegando em casa antes do marido, poderá fazer uma arrumação na casa, ou poderá fazê-la também pela manhã, antes de sair, e preparar o jantar. Existem pratos saborosos que não exigem, para a sua preparação, muito tempo e preparos complicados, como os que hoje aqui apresentamos.

MACARRÃO COM CREME

Ingredientes: 200 grs. de macarrão, 200 grs. de presunto; 200 grs. de Parmesão ralado, 100 grs. de farinha de rosca, molho de creme.

Preparação: Cozinhase o macarrão em água a ferver com sal; toma-se um prato que possa ir ao forno e arruma-se o seguinte: uma camada do macarrão, uma do presunto cortado em pedacinhos, uma de molho de creme, uma de queijo, e assim se continua, devendo a última camada ser de queijo. Cobre-se com farinha de rosca e leva-se ao forno para corar.

ARROZ COM LINGUIÇA

Ingredientes: 250 grs. de arroz, 100 de banha, 100 de linguiça, 125 de presunto, 126 de toucinho, 1 cebola, 3 tomates, sal, salsa.

Preparação: Escolhe-se o arroz e lava-se. A parte põe-se a banha numa caçarola e leva-se ao fogo. Quando estiver quente, juntam-se-lhe a cebola e a salsa picadinhas, os tomates sem as peles e as sementes, e o sal suficientes para temperar. Em seguida, acrescentam-se o arroz, a linguiça, o toucinho e o presunto cortados em pedacinhos, refogam-se muito bem e adiciona-se a água em quantidade suficiente para cozinhá-los. Tampa-se a caçarola e deixa-se cozinhar em fogo lento até o arroz ficar tenro.

BACALHAU COM CEBOLAS

Ingredientes: 500 grs. de filé de bacalhau; 100 grs. de manteiga; 2 cebolas grandes.

Preparação: Cozinhase o bacalhau em água a ferver, até ficar macio. Depois escorre-se e tiram-se as espinhas. Em seguida corta-se em lascas e arruma-se em um prato untado com manteiga, que possa ir ao forno. A parte, cortam-se as cebolas em rodela finas e depois fritam-se na manteiga bem quente. Despejam-se então sobre o bacalhau e leva-se ligeiramente ao forno para corar. Serve-se com puré de batatas.

AMBRÓSIA

Ingredientes: 1 quilo de açúcar, 8 gemas, 5 claras, 1 garrafa de leite, 5 cravos da Índia.

Preparação: Põe-se o açúcar numa caçarola, dissolve-se em um pouco de água quente e leva-se ao fogo para fazer uma calda em ponto de pasta. Juntam-se-lhe então os ovos bem batidos e misturados depois ao leite. Vai-se mexendo lentamente com uma colher de pau para não desmanchar e acrescentam-se os cravos. Quando começar a aparecer o fundo da caçarola, está no ponto. Retira-se, deixa-se esfriar e despeja-se numa com poteira. Polvilha-se com canela.

Quando a guarda de honra formou no pátio, o príncipe apresentou o capitão com a Cruz de São Jorge, que o Czar lhe conferira em reconhecimento da bravura com que ele se houvera, salvando o forte de um massacre dos indígenas. Em seguida, segurando-o pelo braço, o príncipe conduziu-o para dentro do edifício, onde se recolheram à biblioteca.

Foi algo mais que a curiosidade, o que impeliu Natalie e seguiu-a, embora ela houvesse permanecido em silêncio, na soleira da porta, até o capitão terminar o seu relatório. Concluindo a descrição de uma escaramuça com os índios, na qual poucas vidas se tinham perdido, ele exibiu um envelope, que entregou ao príncipe. — Paramos no Rancho Guadalupe.

— Ah! — exclamou o príncipe, satisfeito, após ler a carta; — o governador convida-nos para a Festa Carcarone que realizará em sua fazenda. De sorte que a nossa encantadora hóspede terá uma oportunidade de ver também a Califórnia Mexicana. — Enfiou a mão no bolso, de onde tirou o passaporte de Natalie. — Chegou um navio, hoje de manhã. Trouxe uma passageira com a cidade.

O jovem capitão não examinou os papéis com o olhar de desinteresse com que os vira o príncipe. Ao contrário, leu-os com uma concentração que fez o coração de Natalie quase saltar-lhe no peito. — Quem é essa Natalie Alanova? — perguntou, após a leitura.

Vendo-a à porta, o príncipe fez as apresentações, e nunca a voz de Natalie fora mais sedutora. — Muito prazer em conhecê-lo, capitão! Gostei de ouvi-lo cantar. A sua voz foi bem educada, não é verdade.

— Muito! respondeu ele, com um sorriso. — No Córpo Batista de Saugatuck e no Glee Club de West Point.

A princesa Tanya entrou para dizer que dois dos seus hóspedes mais importantes estavam de partida, e que o príncipe devia ir despedir-se deles.

— Quando ela me fala desse modo, — murmurou o príncipe, resignado, — o herói que existe dentro de mim desfalece. Desculpem-me, sim?

Só no aposento com Jim Laurence, Natalie dirigiu para ele o seu olhar mais cintilante. Sem dúvida, um jovem que sorria como ele não podia ser temível. Mas agora ele absolutamente não sorria. E era de fato para ser temido. Porque a estava examinando com uma frieza tal que ainda mais tensos ficaram os nervos já não tensos da pobre moça. Com muita graça, porém, ela disse: — O Sr. talvez goste de saber por que eu saí da Rússia, não é verdade?

Apanhando outra vez os documentos dela, ele disse: — Não quer sentar-se?

Enquanto se esgotavam aqueles angustiantes segundos, ele leu os papéis atentamente, só interrompendo a leitura quando Kyril, o criado, entrou com o champanha que a princesa mandara. Quando Kyril se retirou, ele observou secamente. — Não sei por que razão servem champanha neste momento.

Mas encheu duas taças, ofereceu uma a Natalie, com uma cortesia impessoal, e voltou à leitura dos documentos. Depois perguntou, com bastante gentileza: — Os seus documentos foram assinados em agosto de 1837, pelo conde Dimitri Oblimoff, não é?

Ela respondeu imediatamente. — E'. Um homem encantador, o conde!

Ele ergueu a taça de champanha, com uma expressão irônica no olhar, e brindou: — Ao conde Dimitri Oblimoff... que morreu seis meses antes de o seu passaporte ser assinado! — E com uma mesura exagerada retirou-se do salão.

Um calafrio de pavor percorreu-lhe todo o corpo deitado. Ela lutara tanto, para ser derrotada por um jovem e simpático capitão que descobrira a perigosa fraude. Através da porta aberta, Natalie viu seguir em direção à sala de visitas, falar qualquer coisa ligeiramente com o príncipe, e depois retirar-se. O príncipe vinha agora andando na direção da biblioteca.

Ela forçou um sorriso. Mas, inacreditavelmente, o rosto envelhecido mas ainda formoso do príncipe nada revelava, e a sua voz apenas a enfastiou, quando ele disse: — Espero que tenha tido uma agradável impressão do capitão.

— Eu... eu espero que ele tenha encontrado os meus documentos em ordem, — arriscou ela.

O príncipe insistiu, galantemente. — Quem poderia pensar em documentos, estando na sua presença? — Serviu-se do champanha, e brindou: — A sua beleza?

Aquilo queria dizer que Jim Laurence não lhe dissera nada sobre a fraude descoberta. O alívio que ela sentiu foi como um elixir revigorante. Erguendo a taça, por sua vez, Natalie quase cantou, ao dizer: — A Sua Alteza... e ao capitão Laurence.

★

Se Natalie pensou no capitão toda a manhã seguinte, enquanto cavalgou pelo bosque, foi por estar intrigada com o fato de ele não haver denunciado a falsificação do passaporte. Ao chegar a uma clareira, ela esqueceu-o por completo, e interrompeu a marcha do animal com um grito abafado. Porque os sentenciados ali estavam, trabalhando e quando um deles caiu sob o peso

de enorme pedra, o guarda — um homenzarrão de olhos cruéis — azorragou-o impiedosamente.

— Simoneff! — Ela não podia saber que Jim Laurence estava por ali, e se o soube quando, chegando à lareira, a cavalo, ele apeou e gritou pelo guarda. Ouvindo de sobrolhos franzidos a explicação do guarda, de que era uma pedra tão leve que qualquer homem a poderia carregar facilmente. — Eu o preveni que não usasse o chicote!

— O azorrague não dói muito, — respondeu Simoneff, com insolência.

— Levante aquela pedra! — ordenou Jim. E vendo que o guarda não a podia mover, arrou o azorrague nas costas dele. — Simoneff, nunca faça aquilo que você não pode fazer!

Noutra ocasião ela haveria de dizer-lhe que admirava o seu procedimento. Mas o ruído da chicotada trouxe-lhe à lembrança pensamentos tão atormentadores que ela esporeou o cavalo e enveredou floresta a dentro. Vagamente, sabia que fora vista por ele, e que ele a estava chamando; mas galopava agora como num pesadelo. Ele alcançou-a, por fim, e arrebatou-a da sela pouco antes de o cavalo em que ela vinha montada empinar violentamente à beira de medonha precipício. Com o contrapêso do corpo dela, ambos, cavalo e ela, teriam rolado para a morte certa, despedaçando-se nas pedras do abismo. Percebendo a palidez do rosto dela, quando a ajudou a apeiar, Laurence procurou não dar grande importância ao próprio feito. — As nossas estradas, aqui na Califórnia, às vezes terminam abruptamente.

Ela pôs a mão sobre os olhos, num gesto de horror. Mas quando a baixou sorria frouxamente. — Devo-lhe de novo a minha gratidão! Por que... por que não disse nada ao príncipe, sobre o meu passaporte?

— Todos os que vêm para cá, — respondeu ele, — deixam algo para trás... algo que talvez seja melhor esquecer. O dia de ontem passou. Aqui neste novo mundo, há para todos apenas o amanhã.

— Mas o amanhã virá? — quis saber Natalie. E quando fez a pergunta novamente se ouviu o cantar tristonho dos condenados. Com reserva, ela indagou então: — Muitos conseguem fugir?

— Nenhum! Alguns tentam, mas se os índios não os apanham, caem nas garras das feras. E se escapam às feras morrem no mar.

Quando ela observou que apreciava muito o gesto dele na clareira ele respondeu com tristeza. — Não foi uma coisa muito prudente. Porque o carcereiro tem agora um inimigo entre os seus guardas.

— Por que você ocupa o lugar de carcereiro? Você não é russo. Por que não trabalha para o seu próprio povo?

— Talvez seja essa a minha maneira de fazê-lo, — respondeu ele, com voz pausada, — Algum dia o meu povo há de estender-se para leste, para colonizar a Califórnia. E quando isso acontecer eu quero que eles sintam aqui segurança. — O homem que falava agora não era nem o cantor cujos olhos azues haviam sorrido para ela, nem o capitão autoritário da véspera, mas um líder previdente.

— Eu quero estar certo de que os russos levem aqueles infelizes, quando se forem. Por que eles se irão. Um dia despertarão para compreender que a América Russa não passou de um sonho. — Com uma fisionomia completamente transformada, Laurence perguntou então: — O príncipe falou-lhe a respeito da festa de José Guadalupe?

— Sim, falou, mas... que quer dizer Festa Carcarone?

— E' uma grande festa que se realiza na fazenda Guadalupe, onde os convidados quebram ovos nas cabeças dos outros. — E corrigiu logo — Ovos especiais... cheios de confeti.

Mas as palavras dele não a haviam preparado para a beleza sufocante da ocasião. Lanternas que pareciam pirilampos gigantes, pendiam das árvores, num cenário de conto de fadas; risos e a alegre música mexicana enchiam o ar perfumado, enquanto no céu de veludo negro os fogos de artifícios desfaziavam-se em chuvas de jóias multicores. Os criados em trajes regionais distribuíam aos convidados ovos coloridos que traziam em cestas. Cada cavalheiro que se servia de um dos ovos partia-o levemente na cabeleira da dama de sua escolha, derramando sobre ela uma chuva de confetis dourados, e dizia: — Por esta noite, tu es mi querida!

Natalie ria, encantada. — Que quer dizer isso?

— Quer dizer, — explicou Jim, banhando-a de flocos dourados: — Por esta noite, és a minha querida. — Sorrindo, inclinou-se, e beijou-a nos lábios. A sua intenção fora apenas dar-lhe um beijo de leve. Mas os lábios de ambos os traram, e eles estreitaram-se por um momento mágico que pareceu eterno...

★

Sob a magia daquelas lembranças ela esqueceu-se do motivo pelo qual estava na América, e entregou-se aos devaneios. E o rosto queimado de Jim, quando no dia seguinte ele veio à casa do governador, não deixava transparecer que ele próprio iria pouco depois reduzir os sonhos dela a cinzas. — Posso roubá-la por um momento? — perguntou Laurence a Tanya. — Eu queria mostrar uma coisa a ela.

E mesmo quando ele a conduziu, através do jardim, para a estacada sobranceira ao mar, ela nada pôde prever. Até que, apontando para um navio distante, ele

disse, na voz indiferente que ela imaginara nunca mais ouvir dele: — Nós o esperávamos.

Então ela compreendeu. Era o navio com os sentenciados. E o que ela conseguira esquecer por tão pouco tempo de novo a encheu de medo.

— No navio em que você veio trouxeram esta relação, — estava ele dizendo, examinando calmamente uma lista de nomes. — Deixe-me ver, aqui está um ex-capitão da Guarda Imperial: Igor Solviev é o nome dele. Parece que esse Igor Solviev esteve envolvido no assassinio do governador General Sablin. E a sentença de morte dele foi comutada em prisão perpétua, porque ele acusou seis outros conspiradores. — Crisparam-se-lhe os lábios. — Um bom sujeito!

Ela fez um esforço desesperado para mostrar-se indiferente. — E... que me interessa um... condenado?

— Natalie Alanova, — disse ele, calmamente, — você é honesta demais para ser esperta, e jovem demais para ter o coração despedaçado. Igor Solviev talvez lhe interesse como uma lembrança. Uma lembrança, Natalie. Por que é isso o que ele será, quando puser os pés na Califórnia. E, se no passado ele lhe deu motivo para lembranças gratas, volte com elas para a Rússia. Para ele não há salvação. Mas você pode fugir.

Ela estava demasiado enterrada no medo e na inteligência para compreender que também ele talvez estivesse experimentando o amargor de sonhos desfeitos. Ela sabia apenas que agora estavam tão distantes como um pólo do outro. — Eu não vim até aqui para aceitar a sugestão de um inimigo, e fugir, — respondeu ela, com desdém.

— Você acredita realmente que eu seja seu inimigo? — perguntou ele. — Se eu fosse, você seria mandada para a Rússia agora mesmo. — A voz dele perdeu um pouco da naturalidade. — Eu não quero magoar o seu coração.

Quando ela observou, friamente, que o coração era dela, ele replicou: — e o meu?

Natalie disse então, distintamente. — A vista daqui é muito bonita. Vamos voltar?

Laurence fez uma mesura, tão fria como tinham sido as suas palavras. Até mesmo uma superficial simulação de amizade era agora impossível, para eles.

Natalie não soube que no dia seguinte ele se dirigiu à única pessoa em quem podia confiar — a princesa Tanya. — Vou mandar Natalie Alanova de volta para a Rússia, no primeiro navio que partir, — disse. — Não, ela não fez nada, até agora. Mas eu temo que venha a fazer.

Quando Tanya, assombrada com a novidade, declarou acreditar que ele estivesse apaixonado por Natalie, Laurence limitou-se a dizer: — Eu vou mandá-la voltar porque na verdade a amo. Aqui ela só poderá sofrer.

E contou então que Natalie viera por causa de um sentenciado chamado Igor Solviev, um assassino que poupara a própria vida denunciando os amigos. Só restava acreditar que ela tivesse vindo para estar perto dele e auxiliá-lo a fugir. — Ele deve significar alguma coisa para ela... alguma coisa que se tornou impossível... — murmurou, andando de um lado para outro.

— Por que você não os deixa aproximarem-se um do outro? — sugeriu Tanya. — Você poderia ouvi-los...

Diante do protesto dele de que não poderia fazer aquilo, ela insistiu: — Deixe-os então juntos, e não ouça o que tiverem a dizer um ao outro. Mas não a mande embora sem ao menos vê-lo, pois do contrário ela nunca resolverá o que eles devem ter a resolver em comum. Dê-lhe uma oportunidade. Jim. E' o mínimo que você pode fazer, se gosta dela. Se não fizer isso, você perderá tudo, e nada ganhará...

O sino da igreja badalou vivamente, e o som das badaladas ainda não havia morrido, quando um cavaleiro ferido apeou no pátio, para dizer, arquejante, que os índios estavam atacando, ao norte.

Natalie não compreendeu o que significava aquela coluna de homens armados reunidos no pátio, quando da, a pouco se dirigiu contente para lá. Tanya disse-lhe que Jim queria falar com ela. Mas ele afastou-se um pouco dos outros, e disse: — Estão lutando ao norte. — E acrescentou, incredulamente. — Esta é a nossa despedida, Natalie. Alanova. Quando eu voltar, você estará a caminho da Rússia.

Os lábios dela tremeram. — Eu não o compreendo. A princesa Tanya disse que você me queria ver.

— E' verdade, — respondeu ele. — Há uma visita no meu escritório.

Ela pôs-se então a gritar frenética — Jim... eu preciso explicar...

— Eu não lhe pedi nada, — recordou ele. Seus olhos pousaram momentaneamente nos dela, como se ele quisesse gravar para sempre na memória a visão daquela formosa louca que nunca mais tornaria a ver. Depois disse, bruscamente. — Adeus. E que Deus a proteja.

As lágrimas que ela não podia derramar sufocavam-na, quando ele partiu, a galope. Com toda a aparência de tranquilidade, ela afastou-se, então, para ir à entrevista que tinha desde quando se ausentara da Rússia...

Igor Solviev levantou-se, quando ela entrou no escritório, um tipo arrogante, de ar sombrio e olhos perversos, que brilhavam de triunfo quando a viram. — Há muito que eu ansiava por tornar a vê-la.

Com frieza, ela replicou. — Quem promoveu esta entrevista foi o capitão Laurence. — E tendo ele sugerido que talvez os estivessem ouvindo ela bradou: — Jim não faria uma coisa dessas!

— Jim? — repetiu ele, significativamente, sorrindo ao ouvi-la dizer que a fuga era impossível.

— E o comandante do forte?

— O capitão Laurence, — respondeu ela, — não se deixaria subornar. — Não, respondeu à pergunta seguinte, ele não estava apaixonado por ela.

— Então é você a única pessoa que não sabe disso, — respondeu Igor, desdenhosamente. — Os condenados não comentam outra coisa. E assim é melhor. — Em seguida, perguntou: — Ele sabe que você é minha mulher?

Ela tinha as mãos crispadas. — Não, — respondeu, desviando os olhos.

— Muito bem, — murmurou Solviev. — Ele pode ser decente. — A exclamação dela, que se chocara com estas palavras, divertiu-o por um instante. Depois ele assumiu um ar severo, e ditou o seu ultimatum: — O general Alanoff, seu pai, está passando bem, agora. Compete a nós fazer com que ele continue gozando saúde.

Os outros seis homens envolvidos na morte do general Sablin estavam mortos, disse ele, desnecessariamente. E ele não hesitaria em acusar o general Alanoff. E' muito fácil. A menos que eu recupere a minha liberdade, eu o denunciarei ao príncipe Nikolai Ballinin, que se verá na obrigação de informar o Czar. Você casou-se comigo para salvar a cabeça do seu pai. Agora me liberte. Ele ainda pode perdê-la.

Torcendo as mãos, Natalie respondeu. — Eu não posso fazer isso... não posso fazer isso com Jim Laurence... porque eu o amo.

A violência teria sido mais suportável do que aquelas palavras, que exprimiam a convicção do domínio que ele exercia sobre ela: — Não me obrigue a executar o seu pai.

Natalie viu-se derrotada, e compreendeu que o seu amor — até mesmo a honra de Jim — poderia contribuir para a morte ignominiosa de seu pai. Num susurro de angústia, disse então: — Você terá a sua liberdade. Mas será preciso esperar a volta do capitão Laurence.

Ela não podia conceber como cumpriria com aquela promessa, até que Tanya, encontrando-a a chorar perdidamente, disse com ternura. — Quando a gente divide a carga, "aguenta só a metade do peso.

Diante da promessa de Tanya, de que nada contaria ao príncipe, Natalie contou a história do seu casamento com Igor Solviev, a quem detestava como a ninguém mais, para comprar-lhe o silêncio e salvar o pai, que estivera também implicado na morte do general Sablin. E contou também por que razão ele agora exigia dela que lhe facilitasse a fuga: se ela se recusasse, ele denunciaria o velho general.

— Ajude-o então a fugir, — aconselhou Tanya. — E esqueça-o. Com o auxílio de Jim Laurence você o poderia esconder num navio que partisse...

— Jim não faria uma coisa dessas.

— Então, — aconselhou Tanya, — liberte-o sem que ele saiba! — E diante do ar de espanto que a jovem assumiu, observou, com impaciência: — Por que é que as pessoas gostam de proceder escrupulosamente em negócios inescrupulosos? Engane-o, estou dizendo. Livre-se desse Solviev!

— Jim nunca me perdoaria, — balbuciou Natalie. Mas no mesmo instante convenceu a si mesma de que ele perdoaria... quando compreendesse.

★

O levante indígena cessou muito mais cedo do que eles haviam esperado, e Jim regressou pouco antes da missa solene da meia-noite, pois era a Páscoa, embora Natalie só o tivesse visto quando ele se levantou, no côro da igreja, para entoar com os outros cantores os hinos religiosos. E como ela só tinha olhos para vê-lo não percebeu que Igor Solviev e Simoneff, o ardiloso guarda dos sentenciados, estavam sentados juntos, num dos bancos da igreja — apesar da proibição terminante de conversas entre guardas e presos.

Ela não poderia mentir a Jim. Devia haver uma outra solução. Olga apareceu então, apreensiva, para entregar-lhe um bilhete de Igor, que dizia: Laurence voltou. Será preciso que eu lhe fale a respeito de seu pai? Espere até amanhã.

Para a festa de gala que se seguiu à celebração da missa ela vestiu o mais atraente vestido de todo o seu guarda-roupa, mas no jardim enluarado não lhe foi preciso fingir-se apaixonada, quando disse. — A Páscoa para mim seria vazia, sem você.

— Feche os olhos, — ordenou ele, carinhosamente. Ela sentiu que ele lhe passava um cordão ao redor do pescoço, e imaginou encontrar um berloque comum pendurado nele. Mas, quando baixou os olhos, o riso fulgurante morreu-lhe nos lábios, e ela murmurou, numa voz que traduzia o seu espanto: — A sua Cruz de São Jorge!

— Eu imaginei que você gostasse de tê-la, — disse ele. E tomando-lhe a mão levou-a aos lábios, beijou-a, e em seguida fechou-lhe os dedos sobre a palma. — Isso é para que você tenha sorte e seja feliz.

Ela tentou afastar-se dele. — Deixe-me, Jim! Eu não sou digna...

Mas ele estreitava-a, murmurando junto aos seus cabelos: — A propósito. Eu tinha-me esquecido de dizer que a amo. — Se ele a amava...

(Cont. na pág. 56)



O Comitê Coordenador do Ar dos Estados Unidos fez uma recomendação no sentido de não ser permitido à Alemanha e ao Japão restabelecerem seus sistemas de transporte aéreo domésticos. Alegou o Comitê que isto seria uma salvaguarda contra o renascimento de uma força aérea militar, e disse que fossem necessários serviços aéreos na Alemanha e no Japão estes poderiam ser executados pelas forças de ocupação ou linhas aéreas internacionais dos Estados Unidos e de outras nações. O presidente Truman enviou a recomendação do Comitê ao Congresso.

O primeiro cinema de terminal de linha aérea do mundo foi inaugurado recentemente no aeroporto Willow Run, em Detroit, Estados Unidos.

O Air Weather Service (Serviço Aéreo de Tempo) dos Estados Unidos inaugurou um novo sistema de comunicações rádio-telefônicas que permite conversação direta entre os previsores e os pilotos. O sistema está sendo instalado para fazer face aos problemas criados pelo rápido consumo de combustível e a alta velocidade dos aviões a jato.

O prejuízo global das três corporações aeroviárias pertencentes ao governo britânico para o ano terminado a 31 de março de 1948 foi de 42.900.000 de dólares ligeiramente mais alto do que o referente ao exercício terminado a 31 de março de 1947, no total de 41.163.524 dólares. O prejuízo da British Overseas Airways em 17.000.000, contra 3.636.486 dólares em oito meses, até 31 de março de 1947, e o da British South American Airways em 800.000 dólares, contra um lucro de 82.643 dólares em oito meses, até 31 de março de 1937.

W. Stuart Smyington, secretário da Força Aérea dos Estados Unidos, informou ao Comitê das Forças Armadas que a Rússia está construindo 12 vezes mais aviões do que estão sendo construídos correntemente naquele país. "Os russos parecem querer chegar a uma decisão com este país e querem alcançá-la no ar. Os soviets estão construindo a maior força aérea do mundo", declarou ele.

A Braniff Airways acaba de inaugurar seus serviços para a América Latina, com três voos redondos semanais entre os Estados Unidos e Cuba, Panamá, Equador e Peru. A companhia oferecerá aos viajantes três tipos diferentes de serviços: os "DC-6" regulares e dormitórios, que partem de Houston para o sul às segundas e sextas-feiras, às 6 horas da tarde, sendo que os das sextas-feiras fazem o voo de Balboa a Lima sem escala, e o serviço especial de turismo, feito por um "DC-4", conversível em poucos minutos de um cargueiro num confortável "liner" de passageiros, ou em ambos, simultaneamente, o qual parte de Houston às quartas-feiras, às 8 horas da tarde. De acordo com as novas tarifas, da Braniff, o serviço especial de turismo gozará de 25 por cento de desconto, os leitos superiores dos "DC-6" dormitórios terão um preço reduzido de 25 dólares e as viagens de ida e volta também gozarão de um desconto.

Entraram em vigor as novas tarifas postais temporárias aprovadas pelo Conselho de Aeronáutica Civil dos Estados Unidos para a área de operações da Chicago and Southern Air Lines nas Caraíbas. O preço fixado — 1 dólar e 25 cents por milha para uma base diária de 3.367 milhas — faz prever a abertura de serviço semelhante no segmento da rota Havas-Caracas e cobrirá as operações internacionais da Chicago & Southern de Houston a Caracas, via Nova Orleans e Havana.

A Pan American Airways está oferecendo aos viajantes que desejarem fazer a volta ao mundo, um total de 65 rotas diferentes, todas ao preço básico de 1.700 dólares. Há cinco itinerários a escolher através da Europa e do Médio Oriente, entre Nova York e Calcutá, e 13 outros através do Extremo Oriente e do Pacífico, entre Calcutá e a Califórnia. Qualquer um dos primeiros cinco pode ser usado em combinação com qualquer dos outros 13. As combinações podem ser feitas por meio de entendimentos com o Panair do Brasil, a China National Aviation Corp., e a Syrian Airways Corp.

A última análise oficial do tráfego transatlântico de passageiros de e para a cidade de Nova York, executado por empresas de transporte aéreo regulares dos Estados Unidos e estrangeiras, mostra que as linhas dos Estados Unidos têm mantido sua posição preeminente em face da crescente competição das empresas estrangeiras. A resenha da análise demonstra que dos 114.178 passageiros que viajaram através do Atlântico durante o período julho-dezembro do ano passado, 81.305 foram transportados pelas empresas norte-americanas American Overseas Airways, Trans World Airline e Pan American Airways. Enquanto que os outros 32.873 o foram pelas cinco companhias competidoras de bandeira estrangeira: Air France, ROAC, KLM, SABENA e SAS. Só a Pan American transportou 34.578 passageiros, mais, portanto do que todas as cinco empresas estrangeiras reunidas.

(Noticiário compilado por E. de OLIVEIRA, especialmente para REVISTA DA SEMANA)

"INGLÊS BÁSICO E PRÁTICO"

Vocabulário Completo de Inglês Básico. Terminologia Especializada, Científica, Comercial e Militar. Regras Gramaticais Essenciais. Frases Práticas Frequentemente Usadas.



Pedidos pelo Reembolso Postal para
VICTOR JOSÉ LIMA — Rua Caruso, 4 -- Apto. 3 --
TIJUCA -- RIO DE JANEIRO
PREÇO: Cr\$ 20,00

A RESPONSÁVEL
por petiscos saborosos e saudáveis!

• Sopas, pudins e demais pratos ficam saborosos e nutritivos si preparados com "Maizena Duryea" — alimento ideal para todas as idades.

AMIDO DE MILHO
MAIZENA DURYEA
MARCAS REGISTRADAS

Verifique o nome MAIZENA em cada pacote

À "MAIZENA DURYEA" 51- 3 7
Caixa Postal, 6-B - São Paulo
Peço enviar-me, GRATIS, o livro
"OS MAGOS DA CULINÁRIA"

NOME _____
RUA _____
CIDADE _____ ESTADO _____

Maior

• DURABILIDADE
• ECONOMIA
• CONFÔRTO

Lâminas GILLETTE AZUL

BANCO NACIONAL DE DESCONTOS

Sociedade Anônima

Depósitos -- Descontos -- Cauções

ALFANDEGA n.º 50 - Rio

LOUISE

(Cont. da pág. 55)

que não seja capaz de enterrar mais dots...
— Acha isso muito engraçado? — perguntou-me, no tom mais ofensivo que pôde.
— Suponho que nunca lhe tenha parecido estranho que você sempre possa fazer aquilo que quer e que o coração só a impeça de fazer as coisas que lhe desagradam, hein?

— Oh, eu sei! Sei muito bem o que você sempre pensou de mim. Você nunca acreditou que os meus males sejam reais, não é?

— Olhei-a de frente, bem dentro dos olhos.
— Nunca. Acho que você encenou durante vinte e cinco anos uma tremenda farsa. Acho que você é a mulher mais goista e monstruosa que já encontrei. Você arruinou as vidas daqueles desgraçados com quem se casou e agora pretende arruinar a vida da sua própria filha.

Eu não teria ficado surpreso se Louise tivesse tido um ataque naquele instante. Tinha certeza absoluta de que ela se ia ensolarizar. Mas apenas sorriu, docemente.
— Olha, meu caro, qualquer dia desses você vai ficar terrivelmente arrependido do que acaba de me dizer.

— Você está mesmo resolvida a não deixar Iris casar com o rapaz?

— Já implorei a ela para que se case com ele. Sei que isso me liquidará, mas não faz mal. Ninguém liga para mim. Sou nada mais que um peso para todo mundo.

— Disse a ela que vai morrer?

— Ela me obrigou.

— Como se alguém a tivesse algum dia forçado a fazer qualquer coisa que você não estivesse firmemente disposta a fazer...

— Ela pode casar com o rapaz amanhã mesmo, se o desejar. Se me matar, matou...

— Muito bem. Então vamos arriscar, não vamos?

— Será que você não tem dó de mim?

— Não se pode ter dó de alguém que nos divirta tanto como você me diverte — foi a minha resposta.

Um leve manchar róseo apareceu nas bochechas pálidas de Louise, e embora ela sorrisse seu olhar era duro e irritado.

— Iris se casará dentro de um mês, — terminou ela, — e se algo me acontecer, espero que você e ela sejam capazes de se perdoarem.

Louise foi perfeita. A data foi marcada, comprou-se um enxoval riquíssimo, os convites foram expedidos. Iris e o bom rapaz estavam radiantes. No dia do casamento, às dez horas da manhã, Louise, aquela mulher diabólica, teve um dos seus ataques cardíacos... e morreu. Morreu docemente, perdoando Iris por tê-la matado...

Escola de cantaria

(Cont. da pág. 14)

ção que se arrasta interminável, pelos anos da fora, nem a beleza dos ornamentos e o arrôjo das colunas, nem o rendilhado dos enfeitos, porém a feição típica que tomaram os trabalhos.

Sem dúvida é bela toda aquela imensa obra de arte. Motivos ornamentais ameríndios, nos capitéis das colunas, marcam em definitivo a feição da igreja. Folhas de café, trepadeiras, frutas nobres — sapoti, cabeça de negro, cragoatá — animais, como o brasileiro tatu, como a coruja e o papagaio, este numa estilização em pedra magnífica, melhor que o Zé Carioca de Walt Disney, tornam o templo familiar e nosso.

Tudo isso é lindo, mas nada tem de singular.

O que é notável é que se desenvolveu uma escola de cantaria ao abrigo da igreja. Uma escola de verdade, nos moldes dos velhos tempos, daqueles tempos inefáveis em que o aprendiz ia menino para a prática do artesanato. Saía de casa, carregando o velho surrão de couro, com a merenda e a roupa, e ia morar em casa, ou junto à oficina do mestre. Saía de lá homem feito, dono de sua arte. E casos havia em que jamais saía, continuando na oficina a tradição.

Nasce um novo...

(Cont. da pág. 33)

agrêlora e cantava os compassos como foram interpretados e como desejava ouvi-los. Muitas vezes parou e sempre estava

certo. Seguiu a atuação de cada um e a peça não era nada fácil: era a quinta sinfonia de Beethoven. Fiquei muitas vezes distraída vendo o menino de calças curtas, muito delicado com todos, desculpando-se junto aos músicos, cada vez que os interrompia. Mas quando eu fechava os olhos, ouvia o ensaio da quinta tal qual já o ouvira, quando dirigido por maestros famosos. Era senhor absoluto do teatro. O professor não estava sentado ao seu lado como esperava. Quando acabou o ensaio, Pierino deu alguns conselhos de interpretação ainda e concluiu: acabou por hoje. Todos os músicos o ovacionaram, visivelmente comovidos. Uma harpista chorava. O primeiro violinista enxugava os olhos. Um trombonista, que muito rira durante o começo do ensaio, fitava o menino como apavorado. Pierino saiu correndo do palco.

OS PAIS DE PIERINO

O maestro Arduini me apresentou, nessa mesma noite, aos pais de Pierino. A mãe, verdadeira mãe italiana, amável, sorridente, boa, compreensiva, muito me falou do menino. Sua ternura me comprovou que ninguém obrigava a criança a levar uma vida de adulto. Uma das fotografias mostra a senhora Gamba, cuidando de uma refeição do filho, no quarto do hotel: prepara o "spaghetti" do qual o filho tanto gosta!

— Eu mesma não compreendo o que nos aconteceu, disse-me.

— Uma noite, antes de dormir, disse repentinamente à minha mulher que Pierino seria dirigente, explica o pai de Pierino. Ela pensou que eu tinha enloucido. Quis verificar se me fazia ilusões ou se meu filho era mesmo um caso excepcional. Todos me deram razão. Não sei como fiz esta descoberta. Foi como uma inspiração de Deus que me veio repentinamente. Aliás ninguém poderia explicar o caso de Pierino. Tocou com as maiores orquestras da Europa. Agora já está sendo convidado a tocar à frente da orquestra do Albert Hall, em Londres. E sempre, por toda parte, o mesmo respeito e a mesma admiração o cercam.

— Tenciono ir ao Brasil?

— Certamente, mas não já. Acredito que deve, primeiro, percorrer a Europa, para que o seu nome esteja bem conhecido quando chegar à América. Se a senhora escrever algo sobre ele, peço-lhe insistir sobre o fato de que nunca atravessou o oceano, pois me parece que existe um pequeno regente americano, também. Este dirige muito bem para uma criança, sem nada, e viaja com a própria orquestra, enquanto que Pierino dirige qualquer orquestra. Viu esta tarde... E foi a mesma coisa com a orquestra Lamoureux em Paris e por toda parte.

COM PIERINO

Pierino chegou. Entabolei conversa com ele. O menino parecia desconfiado. Respondia muito amavelmente às minhas perguntas mas sem me ajudar. Era fácil dar-se conta de que desejaria fugir o mais depressa possível. De repente, por acaso, deixei de falar em estudos, música, teatro, para me referir ao Brasil. Imediatamente acordou e pediu-me alguns pormenores sobre este país longínquo. Quando soube que eu chegara à Europa de avião, seu entusiasmo não conheceu mais limites. "Como são estes grandes aviões? Têm camas? É possível passear? Onde está a cozinha? Têm mesas para as refeições?..."

OS MAGOS DA CULINÁRIA

Oferta das "Refinações de Milho, Brasil S. A.", recebemos o interessante livro "Os Magos da Culinária" contendo diversas receitas sobre o preparo de sopas, peixes, legumes, carnes, frangos, ovos, molhos, cremes, sobre-mesas diversas; tortas, biscoitos, sorvetes, etc. Toda a matéria se encontra bem ilustrada com gravuras interessantes. Agradecemos

Como? Nem mesas têm... Espere um minuto".

E foi correndo para o quarto. Voltou imediatamente com um monte de prospectos e mostrou-me diversos tipos de avião. "Vê este: pode-se até dançar nele. E' bonito, não é? Conta mais sobre o avião".

Os pais me disseram que os presentes que mais o agradam são objetos muito complicados que possa estudar até compreender o mecanismo. Estava mesmo me entretendo com uma criança e divertia-me muito. O pai pediu que lhe assinasse alguns cartões postais. Fez uma careta.

— Você não gosta muito disso, não é, Pierino? perguntei.

— Muito, não!

— E eu que ia pedir a você algumas palavras para a minha revista...

— Farei depressa. Qual é o nome?

Escrevi o nome, copiei-o com rapidez e entregou-me a fotografia. Depois voltou a estudar com muita seriedade uma construção de ferro que fizera com o seu "mecano".

O CONCERTO

Conseguiram um lugar para mim. O teatro estava cheio. Quando a cortina se abriu e surgiu o menino, muito bem vestido num terno de veludo preto com rendas, o público exprimiu, pelas suas reações, uma mistura de ternura, incredulidade, ironia, desconfiança, curiosidade. Começou a sinfonia de Schubert. Com uma graça e uma elegância extraordinárias, uma força, uma emoção, uma compreensão indescritíveis, o maestro vivia a música e a fazia viver. O silêncio no teatro era absoluto. Os músicos não sorriam mais. As notas subiam, cantantes. E quando a sinfonia acabou, vi estes sucos sisudos, calmos, frios, razoáveis, levantarem-se como uma só pessoa para gritar seu entusiasmo e sua gratidão. Havia lágrimas em todos os olhos, as mãos batiam até doer, gritava-se palavras que eu não entendia. O artista voltara a ser um menino. Foi dar a mão a todos os músicos, um por um, agradecendo-lhes. As flores choviam no palco. A sala estava delirante.

Quando o concerto acabou, ninguém se levantou durante mais de vinte minutos, e Pierino Gamba recebeu uma homenagem louca.

Fui cumprimentá-lo nos bastidores. Olhou para mim e disse-me simplesmente:

— Como vai? Muito gostei da nossa conversa. Espero também poder ir algum dia ao Brasil... de avião!

Trechos de minha vida

(Cont. da pag. 12)

A manhã passou depressa, pois as aulas quase consistiram em conversações. Queria conhecer a personalidade de meus alunos e dei-lhes corda para que falassem. — Maria Alice deseja crescer e ser uma moça "chic", de sapato de salto alto e baton. — Dêcio e Pedro querem ser fazendeiros, sendo que Dêcio deseja ser doutor, "como o primo Eduardo", e Pedro um simples vaqueiro. — Carlos não tem ambições. Conservou completo alheamento durante todo o tempo, mal respondendo ao que lhe perguntava. Achei que ele não é burro. Preciso procurar um meio de compreendê-lo. — Ditei-lhes em comum um trecho do livro de leituras, pedindo para mim interpretar, oralmente, depois. Sómente Dêcio fez uma interpretação satisfatória, sem precisar que eu lhe arrancasse palavras. — O trecho ditado estava cheio de incorreções em todos os cadernos. Maria Alice tem uma letra bonita e caprichada, mas a dos meninos é horrível. A do Dêcio, mesmo feia, já revela traços de firmeza. Não consegui ler nada do que Carlos escreveu. Passei-lhes contas, de acordo com o adiantamento de cada um, para me trazerem na terça-feira.

Foi-me muito fácil lidar com Eugênia e Glorinha. Ambos são muito vivas para a sua idade. Achei que Eugênia tem muito mais vivacidade que sua irmã mais velha. Deseja ser uma professora quando crescer. — Glorinha é um encanto. Deu-me prazer ver o interesse que brilhou em seus olhinhos durante a aula. Ficou deslumbrada quando lhe mostrei frases inteiras em letras de imprensa, escritas em tiras de papel cartolina. Segui fielmente os processos que aprendi nas aulas de práticas. Lembra-me bem da pro-

fessora de metodologia dizendo: "E' preciso dar 1.º a noção de conjunto, depois a de letras separadas". Tenho que desenvolver de uma vez todos os processos didáticos que aprendi, pois sou, simultaneamente, professora de 1.º, 2.º, 3.º e 4.º ano. Oxalá obtenha resultado.

★

Sábado — A semana transcorreu sem grandes novidades. Já estou me habituando ao ritmo da vida de fazenda. Tive alguns dias de desânimo com meus alunos. E' bem pesada a minha tarefa, estou com medo de não dar conta do recado. Vou escrever, à Las, pedindo-lhe para ver se consegue uma assinatura da Revista do Ensino, para mim. — D. Odila tem sido muito compreensiva e boa, ajudando-me na medida de suas forças. Não toma parte muito ativa no governo da casa, porque sofre do coração.

★

Junho, 30 — Levei uma vida tão cheia durante estes meses, que não tive tempo para divagações.

Armando e Antonio, os filhos de D. Odila que estudam em Belo Horizonte, passaram as férias em casa. São bonitos e educados e foram muitíssimo atenciosos comigo. Passamos umas férias agradabilíssimas, cheias de pique-niques, excursões e passeios a cavalo. Fiquei conhecendo a fazenda em toda a sua extensão. Achei que os Fernandes são muito ricos. — Dançamos algumas vezes, jogamos baralho, improvisamos concertos. Armando tem uma bela voz de tenor. Não ficamos sem programa uma só noite.

Agora a casa já readquiriu seu costume sossego.

O primeiro semestre correu mais ou menos bem quanto ao progresso de meus alunos. Só Carlos não se adiantou. Continua estudando de má vontade, briga com os primos e prefere sempre andar na companhia dos molequinhos da fazenda. Maria da Glória já sabe ler sem dificuldade e escreve seu nome muito bem. Todos os dias me oferece uma flor para enfeitar o cabelo.

Creio que encostarei meu diário novamente, porque já vamos entrar no semestre e ainda temos que ver uma grande parte do programa.

★

Setembro, 3 — A chuva atrapalhou meu plano de aula para hoje. Pretendíamos fazer uma excursão para uma lição de botânica, ao ar livre. Fracassou o nosso projeto, porque não parou de chover um só minuto. Foi um dia perdido. Não consegui nem ao menos a atenção das crianças, porque olharam para fora durante todo o tempo de aula, nas esperanças de ver a chuva parar. Ficaram decepcionadas.

Dr. Eduardo está ficando muito amigo. Adquiriu o hábito de me ouvir ao piano todas as noites. Depois fica conversando comigo muito tempo. Achei maravilhosos os momentos que passamos juntos.

★

Setembro, 20 — Reína profunda tristeza em toda a casa, porque Carlos morreu.

Foi horrível quando o trouxeram nos braços, todo machucado. Montou um cavalo bravo sem licença do encarregado da estabulação e o resultado foi aquele. Ainda estava vivo, mas percebi que não escaparia. Vomitava sangue sem parar e tinha as feições inteiramente transformadas. Reconheceu-me antes de morrer. Apertou meu braço com sua mãozinha febril e maltratada e me pediu perdão. Só neste dia horroroso é que pude avaliar quanto Dr. Eduardo ama sua família. Os irmãos da cidade não chegaram a tempo de acompanhar o enterro.

D. Odila não quer resignar-se. Está como louca.

★

Novembro, 30 — Fizemos ontem as últimas provas.

Graças a Deus, pude passar todos os meus alunos, que prestaram exames no Grupo Escolar do povoado. Dêcio saiu com distinção. A nota menor foi a de Maria Alice, que, ainda assim, foi bem boa.

(Cont. na pag. 52)

Mais um herdeiro para enriquecer o seu lar.

PORÉM, O FUTURO SÊR, PRECISA DE PROTEÇÃO QUANTO ANTES...

Aqui estamos, preparados com instalações e aparelhagem moderníssimas, para serviços especiais de partos e alta cirurgia de senhoras. Tratamento dos processos inflamatórios da mulher, sem operação.

AR CONDICIONADO
SUPER-CONFORTO
PREÇOS RAZOÁVEIS



DIREÇÃO TÉCNICA DO DR. CUSTAVO REGO

CASA DE SAÚDE E MATERNIDADE

N. S. DE FÁTIMA

Rua Haddock Lobo, n.º 370

28-0875





Seu futuro depende do presente - da sua capacidade para dedicar-se aos estudos. Depende das energias que o Tônico Infantil fornece ao organismo da criança. Contendo em sua fórmula fósforo, cálcio, arsênico, iodo, tanino e vitaminas - os elementos de que as crianças mais necessitam na idade escolar - Tônico Infantil permitirá a seu filho ser, hoje, um colégio exemplar... amanhã, homem da verdade.



TÔNICO INFANTIL

POMADA MINANCORA

Um verdadeiro tesouro!



PARA FERIDAS, ECZEMAS, INFLAMAÇÕES, COCEIRAS, FRIEIRAS, ESPINHAS, ETC. NUNCA EXISTIU IGUAL

MARIDOS...

(Cont. da pág. 56)

ela possa achá-la?"... Eu certamente teria feito isso por ele. Teria escrito uma carta que faria a senhora chorar contra o travesseiro pelo menos durante duas semanas. Uma vez escrevi dez assim para um eminente dramaturgo. Porém ele não teve sorte. A mulher era tão distinta que lhe devolveu todas elas sem ler.

JOVEM DE AR GRAVE — Como a senhora é inteligente! Como é bondosa!

ATRIZ FAMOSA — Não sou melhor nem pior do que qualquer outra "girl" do teatro. Mesmo assim, vocês nos consideram verdadeiros monstros.

JOVEM DE AR GRAVE (contritamente) — Eu fui uma perfeita louca.

ATRIZ FAMOSA — Bem, a senhora tem o ar um tanto bobo, com essas lágrimas nos olhos e o rosto corado de felicidade, porque descobriu que afinal de contas um homenzinho louro a ama. Olhe, minha cara, nenhum homem merece ser adorado desse modo. Mas isso é lá com a senhora, não é mesmo?

JOVEM DE AR GRAVE — Sim.

ATRIZ FAMOSA — Todavia quero dar-lhe um conselho em despedida. Não o deixe fazê-la perder a cabeça desse modo, outra vez.

JOVEM DE AR GRAVE — Não o deixarei. Não tenha medo!

ATRIZ FAMOSA — Não se importe com o que possa achar nos bolsos dele — cartas, lenços, meu retrato... Quaisquer que sejam as flores que ele possa mandar, ou as cartas que ele escreva, ou os encontros que ele marque... não se deixe apanhar segunda vez.

JOVEM DE AR GRAVE — Pode estar sossegada. E a senhora não lhe dirá nada a respeito de eu ter vindo aqui, não é mesmo?

ATRIZ FAMOSA — Nem uma palavra. Estou muito zangada com ele por não ter me pedido francamente permissão para usar meu nome como o fez.

JOVEM DE AR GRAVE — A senhora é um amor, não sei como lhe possa agradecer.

ATRIZ FAMOSA — Agora não vá começar de novo a chorar.

JOVEM DE AR GRAVE — A senhora me fez tão feliz! (Beija a Atriz Famosa, com impetuosidade, molhando-lhe as faces de lágrimas, depois sai correndo. A porta se fecha atrás dela. Há uma pausa.)

ATRIZ FAMOSA (vai até a porta do "boudoir" e fala) — Tudo bem, Alfredo. Agora pode vir. Ela foi embora.

A VIDA DE ZOROASTRO

(Continuação da pág. 23)

tura insulada, que possa viver à parte, longe dos seus semelhantes. E' um irmão entre os irmãos da família única, que é a raça humana. "Deus está sempre à tua porta, na pessoa dos teus irmãos de todo o mundo".

E isso nos leva dos Bons Pensamentos e Boas Palavras ao terceiro princípio de Zoroastro — as Boas Ações. Quando tivermos aprendido a pensar e a falar com justiça, estaremos preparados para obrar com justiça. E é essa a meta final do homem justo. Todo adepto de Zoroastro se considera um soldado na perenal cruzada da equidade. "Enquanto dispuser de força e poder, hei de fazer bem aos meus semelhantes". Está, a todo momento, pronto para "reprimir a violência" e "resistir à crueldade". E' inimigo jurado de todos os "espoliadores dos homens". A maior felicidade do indivíduo — é esse um pensamento que Zoroastro repete muitas e muitas vezes — está em vexar o opressor e socorrer o oprimido. "Esforça-te, ó homem, por vexar o Maligno, e fazer fluir prosperidade e alegria de ti para os outros, e cuidar que de ti não provenha dano ou aflição para eles". O bem-fazer, para Zoroastro, não é uma obrigação, mas uma alegria; pois leva ao bem-estar. "Quando os homens se amam e se ajudam mutuamente o mais que podem, tiram o seu maior prazer do amor ao próximo". Zoroastro crê que a bondade gera a boa-vontade. "Não tomes alimento sem teres dado de comer ao indigente. Pois poderá chegar o dia em que lhe tenhas de pedir que te dê de comer". Por outro lado, "se negares pão ao faminto, esse pão se converterá num carvão aceso sobre a tua cabeça". O maior inimigo do homem é a sua cobiça. "Pois a cobiça engendra o ódio; o ódio gera a violência; e a violência traz a morte".

Tal é a doutrina de Zoroastro sobre as relações entre o homem e seus semelhantes. Numa das passagens sublimes do *Avesta*, resume essas relações, como Confúcio, Hillel e Jesus as resumiram, na linguagem universal da Regra de Ouro: "Não faças aos outros o que não é bom para ti mesmo". Esse, declara o profeta persa, é o caminho da justiça; e este é o objetivo último da vida humana.

Pois a vida, afirma Zoroastro, não termina com a morte, mas continua além do túmulo. Quando morre um justo, suas boas ações aparecem à sua frente sob a forma de uma linda donzela "cuja fragrância é como o perfume combinado de todas as flores da terra". E quando um perverso morre, seus atos maus lhe surgem à frente sob o aspecto de uma feia megera "cujo mau cheiro é como a combinação das exalações fétidas de todos os monturos da terra". E as almas desses mortos são conduzidas, cada

uma pelo seu guia apropriado, à Ponte da Joeira. "E aquele que é do número dos justos, passa por essa ponte ascendente e vai para o céu, morada da luz e vivenda do canto... Mas aquele que pertence ao número dos perversos, tomba do extremo da ponte e despenha-se de cabeça para baixo no Inferno, abismo de terror, trevas, tormentos e lágrimas". E os agentes da sua punição no inferno são os demônios nascidos de seus pecados — seus maus pensamentos, más palavras e más ações.

E assim, observa Zoroastro, a virtude acarreta a sua própria vitória; e o vício, a sua derrota.

Mas, no fim, o próprio vício será derrotado. E não mais haverá enfermidades, sofrimentos e morte. Porque, depois de se cumprirem as recompensas e castigos, "os mortos se levantarão, a vida voltará aos corpos, e eles tornarão a respirar". E o Reino dos Céus será estabelecido na terra. "O mundo se converterá numa planície sem elevações e sem geleiras" — os persas temiam, as montanhas, porque delas vinham os saltadores que lhes roubavam o gado, e os ventos que lhes roubavam a saúde — "e a vida será justa, sem dores e sem morte, livre do medo e da maldade", isenta de injustiças, discórdias, falsidades, loucuras e lutas. "E a criação há de tornar-se imortal, e o Senhor da Luz reinará sobre todas as coisas!".

IV

Absorvido nessa visão de um mundo melhor, Zoroastro encontrou por fim um refúgio às suas peregrinações. O rei Vishtaspa acolheu-lhe as doutrinas e recebeu-o no palácio. Milagre dos milagres, um profeta alcançando honrarias na sua terra! Casou três vezes, criou uma família bastante numerosa, e ganhou reputação como "fazedor de magia". Seus contemporâneos mostravam mais interesse pelos sinais exteriores, que pela inspiração interior da sua missão. Desdenhavam o salvador e reverenciavam o mabarista. Relatavam como esse "mago divino" tinha voado pelo ar, caminhado sobre as águas, penetrado numa casa através de sólidas paredes, chamado o auxílio dos ventos para confundir seus inimigos, e restituído os mortos à vida. Mas não tinham olhos para ver o único milagre verdadeiro da sua grandeza — o poder de abrandar o coração endurecido.

O próprio rei, conta-se, recusou adotar os preceitos de Zoroastro, até que Ahura Mazda enviou três arcanjos ao palácio real, num carro de fogo. "Se aceitares este profeta", anunciou o primeiro dos arcanjos, "serás abençoado com uma vida longa e um reinado de cento e cinquenta anos. Mas se o repeliros, serás consumido pelo fogo do Senhor".

(Cont. na pág. 55)



NÃO seja vítima da PIORRÉIA...

De cada 5 pessoas -
4 estão ameaçadas

Se as gengivas lhe causam incômodo... se estão sensíveis e sangram facilmente — tome cuidado! — pode ser Piorréia, a grande praga moderna que mina as gengivas e faz perder os dentes.

Comece a proteger-se logo com o método experimentado Forhan. Escove os dentes duas vezes ao dia (fazendo, ao mesmo tempo, massagem nas gengivas) com Forhan's para as Gengivas — o único dentífrico que contém o adstringente especial do Dr. Forhan para evitar a Piorréia. Exames clínicos recentes demonstraram que, com este tratamento simples, 95% dos casos ameaçados de Piorréia apresentaram notável melhora no decorrer de um mês.

Procure seu dentista e siga os conselhos dele. E para conservar o encanto natural de seus dentes e a saúde e o vigor de suas gengivas — comece a usar hoje mesmo o famoso dentífrico Forhan's.

Escove os dentes com
Forhan's



A BELEZA É OBRIGAÇÃO

A mulher tem obrigação de ser bonita. Hoje em dia só é feia quem quer. Essa é a verdade. Os cremes protetores para a pele se aperfeiçoam dia a dia.

Agora já temos o creme de alface "Brilhante" ultra-concentrado que se caracteriza por sua ação rápida para embranquecer, afinar e refrescar a cutis.

Depois de aplicar este creme observe como a sua cutis ganha um ar de naturalidade encantador à vista.

A pele que não respira resseca e torna-se horrivelmente escura. O creme de Alface "Brilhante" permite a pele respirar ao mesmo tempo que evita os pontos, as manchas e asperezas e a tendência para pigmentação.

O viço, o brilho de uma pele viva e sadia volta a imperar com o uso do Creme de Alface "Brilhante". Experimente-o.

É um produto dos Laboratórios Alface & Brilhante.

Trechos de minha vida

(Cont. da pág. 51)

Como me orgulhei de meus queridos garotinhos neste dia... Vai longe, o tempo em que detestava ser professora, com medo de ficar solteirona. Agora já sei quanto se pode ser feliz na minha profissão.

Dezembro — D. Odila me pediu para sair de férias só depois do Natal, caso tivesse feito planos. As meninas, que esqueceram depressa a sua dor, esperam com ansiedade a chegada deste dia, mas ela está sem coragem para comemorá-lo como nos anos anteriores. Desde a morte de Carlos que não sai quase de seu quarto. Muitas vezes a encontro com os olhos vermelhos de chorar.

Dr. Eduardo colocou sua biblioteca à minha disposição, já que tenho todas as minhas horas livres. Cada dia que passa descubro-lhe uma nova qualidade. É muito culto e modesto. Fala pouco sobre a sua pessoa e é muito reservado em suas expansões. Sei que sofreu perdendo o irmão, mas não gosta de conversar sobre a sua morte. Confiou-me uma noite que teme haver sido muito severo com o menino.

Pedro e Délcio já foram para a sua casa. Armando e Antonio chegarão depois do dia 10.

Dia 25 — Tivemos uma esplêndida véspera de Natal. Fomos ao povoado assistir a Missa do Galo. — Dr. Eduardo esteve ao meu lado durante todo o tempo. Acho que os irmãos estão pensando que há alguma coisa entre nós, porque se mantiveram mais ou menos afastados, entretendo Maria Alice toda vez que tentava aproximar-se.

As duas outras meninas ficaram em casa com D. Odila. — Ambas ainda acreditam em Papai Noel. — Maria da Glória me perguntou se ele iria ao céu levar brinquedos para o Carlinhos. Não consegui responder-lhe.

Ganhei presentes de todas as pessoas da casa e chorei de alegria pelo carinho com que me trataram. Foi o meu primeiro Natal feliz depois da morte de meus pais.

Recebi telegramas de Lais e Carmen e uma cartinha do Délcio. Vai para a cidade no ano que vem para fazer o curso ginásial.

Quando voltamos da missa fomos comer castanhas cozidas e nozes. Não pude dormir depois. O dia chegou e eu ainda estava acordada, pensando cada vez mais em Eduardo. Pediu-me para chamá-lo assim...

Como este mês custou a passar, meu Deus. Estou em casa de Carmen desde o dia 27 de Dezembro e temos passeado a valer. Fomos diversas vezes ao cinema e assistimos filmes muito bons. Fizemos "footing" depois da "matinée", tomamos sorvete no Bazar Americano, chá com torradas na Elite e dançamos no Acaia com os rapazes da nossa turma. Esta vida de agitação, que eu tanto amava, agora me parece vazia e ridícula. É claro que gostei de rever minhas amigas e minha terra, mas não me senti contente porque meu coração não estava comigo. Ficou lá em Coqueiros, em poder de Eduardo... Tive sempre presente a nossa despedida na estação do povoado, onde me levou de automóvel para tomar o trem. Reteve minhas mãos entre as suas durante muito tempo, segurando-as com força...

— Quando você voltar, disse-me, nunca mais a deixarei sair de meu lado. Será para ficar por toda a vida...

Agora vou voltar para você, querido... Sinto-me feliz, antecipando o momento de o rever. Parece-me já estar enxergando o seu vulto, agitando no ar a mão forte e morena, da plataforma da estação. Estou vendo o seu sorriso, que o torna tão belo, o seu porte de atleta o seu cabelo preto, de que tanto gosto. Ele tem uma onda rebelde que se levanta um pouco na testa bronzeada e larga. Comprei presentes para todas as pessoas da casa. Não me esqueci nem das empregadas, porque amo a todos e a tudo de lá.

Já fechei minhas malas e quero encerrar meu diário. Vou ao encontro da felicidade, e a felicidade não necessita confidências.

Bilhar, clube dos pobres

(Cont. da pág. 10)

direita, enfim, põe em movimento todos os músculos, dos pés ao pescoço. Na sinuca — dizem os seus inimigos — não existe a ginástica, porque é permitido o uso do "fancho" (cavelete que auxilia a sustentação do taco). Além da ginástica, o jogador de bilhar torna-se, sem o saber, um grande andarilho. Em cada partida de duzentos pontos, a pessoa caminha cinco quilômetros. A caminhada é feita sem que o jogador sinta o menor cansaço, pois enquanto caminha distrai-se com as suas jogadas ou com as do parceiro. Os que jogam bilhar há cinquenta ou sessenta anos — e nós encontramos alguns desses na Sociedade Sul-Riograndense — já devem ter caminhado ao redor da mesa de bilhar o equivalente a uma viagem em torno da terra. Talvez seja por isto que o bilhar começa a ser jogado no Rio, principalmente em Copacabana, por moças e senhoras. É um ótimo regime para emagrecer e conservar a elegância das linhas.

O BILHAR FRANCÊS PODERÁ REERGUER-SE?

Os comerciantes que possuem em seus estabelecimentos mesas de sinuca e uma ou duas de bilhar não acreditam na ressurreição da carambola.

— "Muitas vezes — disse-nos um — todas as mesas de sinuca estão ocupadas e os dois bilhares ficam vazios."

Muitos pensam em substituir os últimos bilhares por outras mesas de sinuca. De outro lado, os amadores do jogo de carambola juram o contrário. Acreditam que o cavalheiresco bilhar francês ainda expulsará seu rival. Na Sociedade Sul-Riograndense as duas mesas de sinuca ficam às moscas, enquanto os bilhares estão sempre ocupados. É a única exceção da cidade. Os jogadores de sinuca — estudantes, operários, comerciantes, soldados e marinheiros — acham que "esse negócio de bilhar é uma chateação". E o número desses últimos jogadores cresce dia a dia. Parece-nos que o esporte da carambola não se levantará do nocaute em que o pôs a sinuca. Mesmo porque ele já está velho. Tem mais de quinhentos anos de vida. Está no fim da carreira.

UMA NOVIDADE DE 225 ANOS

(Continuação da pág. 16)

facilitou o caminho para as idéias revolucionárias.

De todos os autores foi talvez longe neste sentido, quando diz dos aristocratas que apenas tiveram um trabalho na vida; o de nascer: "Vous vous êtes donné la peine de naître".

Julien Bertheau resolveu, de modo muito feliz, o difícil problema duma encenação a meio caminho entre a comédia e o bailado. Os movimentos dos artistas, como obedecendo à música de uma invisível e inaudível orquestra, desenvolveu-se segundo um ritmo acelerado e harmonioso. Os artistas não deram a impressão de andar, mas sim de bailar. E isso sem nada perder nem da nitidez da dicção nem da expressão plástica do texto.

O excelente artista Henri Rollan no papel do príncipe, não foi bem o "prince charmant" que seduz a inconstante Silvia, mas um príncipe cheio de dignidade e de boas maneiras, muito carinhoso com a sua jovem namorada. Esta, Hélène Bellanger, com o seu rosto fresco e rosado e olhos grandes, foi sem dúvida a verdadeira Silvia, camponesa ingênua e meiga.

Julien Bertheau, cheio de fogo, de ardor, impulsivo e fugaz, desenvolveu o papel de Arlequim com verdadeiro brilho e audácia. De todos os atores foi talvez ele quem mais de perto alcançou e soube traduzir para o público o encanto efervescente desta comédia, que figura entre as melhores de Marivaux. Flaminia, a conselheira do príncipe, foi interpretada por Claude Rasquier, e Jean-Paul Coquelin, neto do grande Coquelin, que foi condecorado no Rio, em pleno palco, por ordem do Imperador Pedro II, fez o papel de Trivelin, completando o excelente conjunto.

Discuti o "caso" Marivaux com diversos amigos.

Qual é o valor para nós desta peça encantadora ou das outras peças de Marivaux? Cheguei à conclusão de que, uma

(Continua na pág. 55)

COLCHÃO DE MOLAS

"BRASIL"



GARANTIDO POR 10 ANOS COM CERTIFICADO

VENDAS A PRAZO EM 10 PRESTAÇÕES

Exposição e informações com o Representante exclusivo

A. BLUM SOBRINHO

RUA DO CARMO, 6-10.º ANDAR
Salas 1.009/10 — Fone: 42-2455

CABELOS BRANCOS?

LOCÃO Brilhante

MALES DO FÍGADO?

FIGACOL

TRATAMENTO

RÁPIDO - SEGURO - EFICAZ

NÃO SOFRA DO FÍGADO!
TOME

FIGACOL

UMA ESPECIALIDADE COM A GARANTIA DOS PRODUTORES DA FAMOSA

EMAGRINA

ADQUIRA NAS FARMACIAS E DROGARIAS OU PELO SERVIÇO DE REEMBOLSO

CAIXA POSTAL, 2335 — RIO

Senhoras!
Se a
Natureza Falha

MENAGOL

REGULA!



O grande restaurador dos organismos DEBILITADOS, CLORÓTICOS, ANÊMICOS, DESNUTRIDOS. Regenerador do sangue.

HEMOGLOBINA

GRANADO

Preparado com hemoglobina pura retirada do SANGUE DE BOVINOS.

VINHO E XAROPÉ





Fame! Mantenha porém, seus dentes livres das anti-estéticas Manchas de Nicotina!

O Creme Dental Nicotan (fórmula original americana) é recomendado especialmente para fumantes. Remove completamente as manchas de nicotina acumulada nos intervalos dos dentes e causadas pelo uso contínuo do cigarro. Nicotan dá aos dentes um brilho deslumbrante e às gengivas uma coloração natural e sã. Não ataca o esmalte. Não contém pedras póres nem substâncias ácidas ou corrosivas. Tem sabor de cerejas.

NICOTAN

CREME DENTAL ESPECIAL PARA FUMANTES



Dr. José de Albuquerque

Membro efetivo da Sociedade de Sexologia de Paris
DOENÇAS SEXUAIS DO HOMEM
R. Rosario, 98 — Rio de Janeiro

MÚSICA AINDA A OSB

UM ALMIRANTE PARA SALVAR A OSB DO NAUFRÁGIO ★ A OSB E OS ESTUDANTES ★ MIGNONE, VILLA-LOBOS E OUTROS

De ROBERTO LYRA FILHO

(Especial para REVISTA DA SEMANA)

DESDE que a Orquestra Sinfônica Brasileira reiniciou suas atividades, depois de uma longa crise interna, temos assinalado, aqui, os esforços de seus membros, para reconduzi-la à posição e ao prestígio que, antes, desfrutava. Os concertos se realizam com regularidade e nota-se, na composição dos programas, o desejo de atrair os sócios esquivos mediante a inclusão de novas atrações. Assistimos a mais de uma primeira audição ultimamente. Ensaios cuidadosos, interpretações sempre bastante seguras recomendam esta nova fase da Orquestra Sinfônica como um período de trabalho intenso e dedicação à orquestra numa tentativa de impedir que ela naufrague num mar de dívidas. Para isso, a OSB tem a vantagem de ser comandada por um almirante... o almirante Lara, seu novo presidente.

A OSB E OS ESTUDANTES

A OSB havia inaugurado, sob a direção passada, um tipo especial de sócio-estudante, com redução especial nos preços. Essa iniciativa foi, agora, ampliada, com a distribuição de grande número de ingressos à União Nacional dos Estudantes que, através dos diretórios acadêmicos, facilita aos universitários, desta forma, o acesso aos concertos da OSB.

Para quem conhece a luta que representa o curso superior sustentado pelo

pequeno rendimento do trabalho — pois a maioria dos estudantes trabalha — esse gesto adquire um relevo especial. Entre a soma de sacrifícios exigidos está, justamente, a renúncia à música, proporcionada, em nosso Teatro Municipal, a preços tão elevados que se tornam praticamente proibitivos.

A crônica dos bastidores do nosso velho teatro fala dos moços que, levados pelo seu amor à música, procuram a direção e oferecem seus serviços, para, atuando como figurantes nos espetáculos líricos, conseguirem o posto de espectadores... de dentro do palco.

A propósito, lembro-me de um que, nervosíssimo, pois era a primeira vez que conseguia o favor de tão especial entrada gratuita, foi encarregado de segurar uma imensa tocha chamejante, numa cena da ópera Thais. Ouvindo e contemplando, absorto, o soprano, que dominava a cena com voz e porte, o moço imprudentemente procurou apoio numa das colunas que sustentavam o cenário representando a velha Alexandria. As chamas subiram e, lambendo a brancura da construção, punham todos em perigo, pois era imminente o incêndio. E por pouco não se consumiu a catástrofe. Felizmente, o "regisseur", não contendo mais a sua ansiedade, penetrou no palco, à vista do público, com seus anacrônicos trajes do século XX, e arrebatou das mãos trêmulas do estudante, a tocha que, por pouco, não destruiu cenário e artistas.

MIGNONE, VILLA LOBOS E OUTROS

Desde a sua fundação, a Orquestra Sinfônica Brasileira tem se preocupado com a divulgação das obras dos compositores brasileiros, não somente dos consagrados, como dos que se iniciam. A atenção devotada à nossa música corresponde a uma necessidade imperiosa que têm os compositores de ouvir sua produção, não somente porque isso lhes traz o estímulo de que tanto necessitam, mas também pelas lições práticas que só a audição confere. De conjunto da OSB saiu, para Paris, o violonista Cláudio Santoro, que foi conquistar os franceses com o seu talento moço. E a batuta de Eleazar de Carvalho que, guiada pela orientação de Koussevitski, obteve, nos Estados Unidos, um sucesso reconfortante.

Recentemente, a OSB executou Villa Lobos. Já em sua apresentação mais recente, trazia seis prelúdios de Mignone que, embora pertencentes a uma etapa superada na evolução artística do artista brasileiro, não são destituídos de interesse. De hábil orquestração, um pouco superficiais em seus efeitos, mas agradáveis, alguns de grande suavidade, outros lépidos, de ritmo e colorido vivos.

CÉSAR FRANCK

Além dos prelúdios de Mignone, a OSB ofereceu, ainda, uma versão discreta da Primeira Sinfonia de Brahms, a Psyché, de César Franck e o "Galo de Ouro", de Rimsky Korsakov.

De César Franck, poderia ter sido escolhida outra página mais representativa. Contudo, "Psyche et Eros" tiveram execução cuidadosa e expressiva.

Para que consiga reconquistar a posição que quase perdeu basta que a OSB prossiga, dando sempre essa impressão de trabalho e dedicação.

"All My Sons"

(Conclusão do núm. ant.)

qualquer coisa viveria. Mas constituiria família. Portanto... E à objeção da mulher, de que o fim não justificava a falta, bradou: Mas tem de justificar! Ele é meu filho. Não há nada que ele faça que eu não seja capaz de perdoar. E, desesperado, acrescentou: Fôra tudo por ela e por Chris. Ele vivera sempre, exclusivamente, para os seus...

Kate tocou-lhe de leve a mão, num gesto de carinho e de compreensão. Joe inclinou a cabeça, e beijou a mão da esposa, humilde e agradecido pelo consolo.

★

Ann, que saíra à procura de Chris, encontrou-o no alto do morro. Ao vê-la, ele teve uma expressão fugaz de alegria. Tomou-a nos braços. Mas logo, com tristeza, confessou o que o afligia. Estava convencido da culpa do pai. Ann contemplou-o longamente, e por fim, mostrando a carta de Larry, mandou-o entregá-la a Joe.

Chris leu a carta, e exclamou: Pobre Larry! Em seguida, quis consolar Ann, por saber o quanto ela devia ter sofrido. Mas ela disse apenas: — Vá para casa, Chris. Vá para casa.

★

Joe, ainda sem poder conciliar o sono, desceu novamente a escada, quando Chris entrou, dizendo que queria falar-lhe. Ele também queria falar com o filho, declarou, Joe, com a sua costumeira arrogância, mas escondendo, no íntimo, o alívio que lhe dava o regresso de Chris. Qual seria, afinal, a causa do desgosto de Chris? Consideraria grande demais a fortuna?

Não, o que desgostava a Chris era o modo pelo qual ela fora adquirida. Mas Joe replicou que, se Chris a julgava suja, que a pusesse fora. Ele era um velho. O que tinha, na realidade, não lhe pertencia. Pertencia a Chris.

Chris mostrou-lhe então a carta de Larry. Joe que a leu, e em seguida disse-lhe francamente o que devia fazer.

Subitamente assustado, Joe relutou em receber a carta. Nesse momento Kate aparece, e exclama, horrorizada: — Não, Chris! — tentando arrebatá-la a carta. Chris, porém, impede-lhe o gesto e, dizendo a Joe que a carta era de Larry, deu-lhe a seguinte:

"Querida Ann: É impossível dizer o que sinto, mas tentarei dizer-lhe. Ontem chegaram jornais, e eu li o que houve com o meu e seu pai. Nem me posso exprimir. Tenho vergonha de olhar para as outras pessoas. Não posso mais viver. Como pôde o meu pai fazer aquilo? Daqui a alguns minutos partirei numa missão e farei tudo para não regressar. Perdoe-me, Ann, mas é o único modo de resgatar esse crime".

Chris cessou a leitura, e perguntou ao pai se ele sabia o que queria dizer a carta. Joe parecia ter envelhecido vinte anos. Sim, compreendia, disse, alquebrado pelo desgosto. O homem também pode ter defeitos... como um cilindro, e, quando sujeito a uma grande pressão... partir-se... Disse, e caminhou para a escada, com passos arrastados.

Kate, receando que o marido, quisesse entregar-se a polícia, saiu atrás dele, em desespero, exortando-o a que não se rendesse. Larry, que era filho dele, por certo não o mandaria fazer aquilo.

Joe deteve-se um instante, para dizer que, de fato, era o que Larry lhe mandara fazer. Não só Larry era filho dele. Todos os outros o eram.

Kate voltou-se então para o filho. Teria ele enlouquecido? Que lucraria, se o pai fosse condenado? Os mortos ressuscitariam? E, em lágrimas, dirigiu-se também para a escada, seguindo o marido.

Chris obrigou-a a deter-se, a poder de palavras. Ela podia ser melhor. Todos viviam na humanidade. Eram responsáveis perante ela. E, por que tinha noção dessa verdade, Larry morrera.

Seguiu-se um silêncio pesado, repentinamente interrompido por um tiro, no pavimento superior. Ouvindo-o, Chris galgou as escadas a correr, para encontrar o pai estendido no chão, debruçado, tendo um revólver na mão.

Chris tentou impedir que a mãe contemplasse tal cena, mas ela insistiu em entrar, dizendo que, assim como cuidara sempre dele, em vida, cuidaria agora, que ele era morto. E fechou-se no quarto, com o cadáver daquele que, bem ou mal, fora o seu companheiro devotado de longos anos, e sem o qual os dias de vida que lhe restavam seriam irremediavelmente vazios. Dora-vante as lembranças felizes seriam sempre enegrecidas pela tragédia da morte de Joe.

Após o enterro, Kate disse ao filho, contra quem não tinha ressentimentos, que esquecesse o passado, e criasse o seu próprio mundo. Suas últimas palavras foram: Larry está morto. Joe está morto... portanto, viva, Chris! Viva!

F. M.

O museu de pintura mais frequentado do mundo

(Cont. da pág. 25)

AS CONFERENCIAS

Em dado momento, ao querer entrar numa das salas da "National Gallery", percebi algo que me deixou curioso; os presentes ali passavam na ponta dos pés, enquanto outros entraram, davam largas e cautelosas passadas, como se estivessem transpondo valados. Aproximei-me, também, na ponta dos pés. Entrei. Vi, então, um homem alto, diante de uma mesinha repleta de papéis e pequenos quadros a óleo, reproduções em miniatura dos grandes quadros expostos na galeria. Em seu redor, homens e mulheres de todas as idades, sentados ou de pé, ouviam atentamente o que esse homem falava. Exemplar demonstração da ordem, da disciplina e da educação britânicas; durante todo o tempo em que ele falava, nenhum dos ouvintes se mexeu sequer do seu lugar. Nenhum cochicho. Ninguém se levantou para sair, ninguém se deu ao luxo de bocejar... Eram ouvintes que enguliam cada palavra do orador, sem pestanejar sequer.

O orador era provavelmente um professor de um Instituto de ensino, falando sobre arte. As conferências, ali realizadas, são quase diárias e que todos aqueles que entendem de belas-arts vão ali dizer aos outros o que pensam sobre este ou aquele quadro, e, ainda, ensinar e explicar certas coisas que os admiradores da pintura desejam saber.

A "NATIONAL PORTRAIT GALLERY"

A "National Gallery" não é o único museu de pintura de Londres. Outros existem, espalhados pela grande cidade, encerrando, também, notáveis coleções de quadros de célebres artistas. A segunda galeria de arte da capital britânica é a "National Portrait Gallery", que se encontra pouco adiante da "National Gallery". Ela possui cerca de 2.000 retratos a óleo de homens célebres da Inglaterra: reis, rainhas, lordes, cientistas, heróis, estadistas, belas damas desde o século XV até os nossos dias.

Enlace Claudina do Amparo Lopes-Antônio de Almeida Santos

Constituiu acontecimento de grande relevo social o enlace matrimonial da srta. Claudina do Amparo Lopes, filha do alto comerciante desta praça, sr. Francisco dos Santos Lopes, chefe da importante firma F. S. Lopes, e de sua exma. esposa d. Maria da Conceição Araújo Lopes, com o sr. Antônio de Almeida Santos, também figura muito conhecida no alto comércio. Serviram de padrinhos, além dos pais da noiva, o sr. Waldemar Ribeiro, representante da Metalúrgica Paulista S. A., e sua exma. esposa d. Ita Pires Ribeiro.

Após a cerimônia religiosa, realizada na Matriz de São José com rara pompa, o sr. Francisco dos Santos Lopes ofereceu uma brilhante recepção no salão de honra da Casa do Minho, à qual compareceram personalidades do maior destaque nos meios comerciais e na sociedade carioca.

Na "corbeille" dos noivos viam-se numerosos e artísticos presentes.

Nestas fotos vêem-se um aspecto da cerimônia religiosa e em cima um flagrante da noiva, cuja peregrina beleza era realçada pelo vestido nupcial, de maravilhosa confecção, todo em renda d'Alençon, "point de rose".



BODAS DE OURO



Em comemoração de seu 50.º aniversário de casamento, o Sr. EDUARDO PASTOR e sua Exma. senhora D. ELVIRA ACCIOLY PASTOR, mandaram celebrar missa na Igreja de São José, dia 23 de Junho, a que estiveram presentes os parentes e amigos do distinto casal, como mostra a foto acima.

Uma novidade de 225..

(Cont. da pág. 53)

vez feita a abstração da futilidade do enredo, o valor como espetáculo é absoluto. A precisão da estrutura, a nitidez dos movimentos cênicos, que não cansam e divertem sempre, as surpresas das réplicas e a intensidade do dinamismo leve mas ininterrupto, desses três atos, fazem de Marivaux um verdadeiro mestre da arte do teatro.

Isso, aliás, é conhecido pela crítica. Quando Antoine, o grande renovador e historiador do teatro francês, fala de Courteline, o maior elogio é que este tem peças que se aproximam das de Marivaux. Numa outra ocasião, falando de Robert de Flers e Caillavet, chama-os de "Marivaux modernos". Este nome tornou-se sinônimo de uma arte perfeita de estilo e de palco. Que importa que se trate de uma arte "clássica"? Uma verdadeira obra de arte nunca perde a sua vitalidade. E não vamos diminuir a nossa estima para com Marivaux porque ele se exprime em linguagem de um outro século.

A VIDA DE ZOROASTRO

(Continuação da pág. 52)

Assim, foi "no temor da cólera divina" que o rei Vishtaspa recebeu o Credo. Então os arcanjos "lhe fizeram beber da fonte da vida" e o cobriram com o "manto da vitória" sobre seus inimigos.

Vishtaspa bem precisava do manto da vitória. Pois as "hordas de incréus" das nações circunvizinhas haviam-se coligado sob o estandarte do Demônio, numa "cruzada ímpia contra a Fé". Oito magníficos exércitos avançaram contra o reino, e oito bandos inglórios voltaram desbaratados às suas pátrias.

Nessas "Guerras da Religião" o rei persa ganhou a vitória mas perdeu o seu profeta. Zoroastro, em companhia de oito sacerdotes, cumpria as suas devoções no Templo do Fogo Sagrado quando o exército invasor entrou impetuosamente na cidade "e o mundo se escureceu com o saque e a matança... Os soldados, embriagados pelo (temporário) triunfo, queimaram o Avesta, destruíram o Templo, trucidaram o profeta e seus sacerdotes, pondo fim às suas vidas de devoção... E o sangue desses homens moribundos apagou o Fogo Sagrado de Zoroastro"...

Mas, no mesmo instante em que Zoroastro exalou o último alento, o arco-íris rompeu no céu, acima do Templo. "Que é o arco-íris?" Perguntara Zoroastro certa vez, a Ahura Mazda. E este respondera: "O arco-íris é o sorriso de encorajamento das almas do céu às almas aflitas na terra".

(Do livro "Vidas de grandes capitães da fé".)

LOUISE

(Continuação da pág. 21)

Mas um dia fris começou a amar. Um jovem amigo meu, muito bom rapaz, pediu-a em casamento e ela acedeu. Eu gostava da moça e fiquei contente em saber que ela afinal teria uma oportunidade de viver uma vida própria. Ela que nunca imaginara esta possibilidade... Mas lá um belo dia o rapaz veio me procurar, todo tristonho, dizendo-me que o casamento estava adiado indefinidamente. Fris achava que não devia abandonar a mãe. E' claro que a coisa não era da minha conta, mas aproveitei a ocasião para fazer uma visita a Louise. Ela sempre gostara de receber os amigos na hora do chá, e agora que estava mais velha cultivava a amizade de pintores e escritores.

— Hein, Louise, ouvi dizer que fris não vai mais se casar? — disse eu no momento apropriado.

— Não sei disso, não. Sei apenas que não se casará tão cedo como seria da minha vontade. Já lhe pedi de joelhos que se esqueça de mim, mas a criança se recusa terminantemente a me deixar.

— Você não acha que isso é muito duro para ela?

— Terrivelmente. E' claro que será apenas por alguns meses, mas odeio a idéia de qualquer pessoa se sacrificando por mim.

— Ora, Louise... Você já enterrou dois maridos... e não vejo o menor sinal de

(Cont. na pág. 50)

RICARDO brilhava EM 1927...



...e continua

brilhando EM 1948

QUAL O SEU SEGREDO?

LOÇÃO BRILHANTE! Ricardo sabe, por experiência própria, que a Loção Brilhante conserva a beleza e a juventude dos cabelos, limpa o couro cabeludo, diminui a seborréia e evita a caspa. Si V. tem cabelos brancos, a Loção Brilhante — que não é tintura — devolve aos seus cabelos a sua cor primitiva. Brilhe agora e continue sempre brilhando no futuro, sem temer os anos! Use, como Ricardo, a Loção Brilhante contra os cabelos brancos e a caspa, para a eterna mocidade de seus cabelos!



POR QUE CAEM OS CABELOS?

Os cabelos, como as plantas, necessitam de muito cuidado e alimentação. A planta morre por falta de ar. O mesmo acontece com os cabelos. A seborréia e o excesso de células mortas (caspa), causam a obstrução dos poros, asfixiam as raízes do cabelo e o debilitam. Por isso caem os cabelos. Não deixe que isto lhe aconteça! Use a Loção Brilhante, cuja ação higienizadora elimina a obstrução dos poros, penetra nos bulbos capilares e dá nova vida ao cabelo.



Loção Brilhante

PARA A ETERNA MOCIDADE DE SEUS CABELOS

Publicidade para a
REVISTA DA SEMANA

em São Paulo:

Tratar com

JARBAS DE FREITAS
GALVÃO

Rua Brigadeiro Tobias, 613

2.º And. Sala 217

Fone: 8-6718



Sangrenta tragi-comédia

pormenor, privando assim os expectadores precisamente daquilo que eles consideravam o melhor da festa: em vez de, primeiro, esgarçar a vítima, começou por deparar-lhe a cabeça. Decepcionado, o público protestou aos berros e imprecacões contra o carrasco. Para satisfazer a massa e evitar que a decepção chegasse a explodir em violências, as autoridades militares ordenaram então ao verdugo que, em compensação, os principais comparsas do rebelde, presos juntamente com o caudilho, fossem submetidos a torturas tanto mais atrozes.

Assim se fez justiça, não só à lei, como também à expectativa do público. E a segunda, como se vê, não era tão fácil de contentar.

"STORM"

(Cont. da pág. 49)

Era quase madrugada, quando ela partiu, às escondidas, para os alojamentos dos sentenciados, levando embrulhadas num lenço todas as suas jóias. A única que ela guardara fora a Cruz de São Jorge, o presente de Jim, que escondera no próprio corpete. Entregou então o embrulho de jóias a Igor. — E' este o único meio que eu tenho de ajudá-lo. Suborne os guardas.

Quando despertou, pela manhã, sentia um temor que a gelava. A oferta das jóias a Igor parecera-lhe a única solução. Ela não imaginara que Jim investigaria a fuga. E que já mais a perdoaria. Estava determinada agora a contar-lhe a verdade.

Porém quando o viu não teve oportunidade de dizer-lhe nada. Ele entrava na casa do governador com os lábios apertados. Igor e o guarda haviam fugido.

— Subornaram os guardas com isto, — disse, atirando para cima da mesa um monte de jóias de Natalie. Mais da metade desaparecera. — Aquelas tinham sido encontradas no local onde o cavalo de Simoneff caíra.

O príncipe começou a balbuciar perguntas, mas Tanya afastou-o da sala com um rispido: — Deixe-os resolverem isso!

Porém não havia nada a resolver. Porque ele estava encarando com um olhar estranho. — Talvez lhe agrade saber que o conde Solviev e Simoneff ainda estão em liberdade, — disse, dirigindo-se a Natalie. — Mas eles não escaparão. Mademoiselle. E você partirá ao pôr do sol. Não será uma travessia elegante.

Tirou então algo do bolso, que jogou em cima da

mesa. — Como o guarda deve ter achado graça, ao ver a minha Cruz de São Jorge!

Retirou-se antes que ela pudesse explicar que nunca se separara da que ele lhe dera.

Mas do aposento contíguo veio a voz de Jim, que se despedia de Tanya e do príncipe, dizendo: — Estou pedindo a minha demissão. E' um pedido irrevogável. Depois não o ouviu mais...

★

O junco chinês para o qual Olga e Natalie foram escoltadas, ao anoitecer, era uma embarcação feita e que não parecia feita para alto mar. O seu comandante, um homem de olhos oblíquos, não lhes demonstrou grande respeito.

Como podia ela imaginar que o destino fôsse conduzir Igor e Simoneff ao mesmo barco? Caminhando adiante de Olga, Natalie aproximou-se deles, mas Igor recebeu-a com as palavras: — Eu não gritaria.

Quando, um segundo depois, Olga se aproximou, intrigada com a atitude de Kyril, que ao passar por um vigia assumira um ar estranho e imediatamente se retirara do barco, Igor conduziu-as para uma das cabines que ele e Simoneff ocupavam, e, apontando para a face de Simoneff, disse: — Se qualquer uma de vocês, encantadoras Sras., gritarem por socorro, Simoneff lhe cortará a garganta.

A maior parte do que aconteceu em seguida ela só viria a saber depois. Porque Kyril corra a presença do príncipe com a novidade de ter visto Igor. Diante do que o príncipe, sob os protestos da assustada Tanya, tomara uma deliberação e pedira o seu cavalo. Mas ao chegar ao junco o capitão negara conhecer os passageiros que ele descreveu... até que o príncipe declarou que a embarcação não aguentaria um só tiro dos canhões que estavam apontando para ela, naquele momento, do alto dos penhascos.

Era um puro lóbro, mas o capitão não podia imaginar que fôsse, e por isso o conduziu à cabine onde Igor se encontrava sozinho. — Você é meu prisioneiro, como o sabe, — anunciou o príncipe.

Da cabine contígua, onde estavam sob a guarda de Simoneff, Olga e Natalie ouviram a resposta desafiadora de Igor, e o ruído da luta que em seguida travaram. Ouviram também o tropel de uma carruagem que se aproximava do cais — a carruagem que trazia Tanya e Jim.

Dispararam dois tiros no camarote adjacente, e seguiu-se a agonia da dúvida. Depois Jim, arrombando a porta do camarote onde elas estavam, derrubou Simoneff com um sóco. — Você está bem? — perguntou a Natalie.

— Estou, — balbuciou ela. — Mas o príncipe...

O príncipe em pessoa, aparecendo à porta, abraçado com a mulher, deu a resposta. Falou primeiro com Jim. — Console a viúva. — Em seguida, voltou-se para um dos soldados que agora invadiam a embarcação, e apontou para o corpo de Simoneff, que jazia no chão, sem sentidos. — Ponham-no a ferros.

Apontando para o cavalo de Jim, quando chegaram ao cais, ele ordenou: — Monte no seu cavalo, capitão! — E a um gesto seu, dois soldados colocaram Natalie na mesma sela que Jim ocupava.

Durante alguns segundos eles cavalgaram em silêncio, e os olhos dele conservavam-se distantes. Depois ela enfiou a mão no corpete e tirou de dentro dele o cordão de ouro com a Cruz de São Jorge. — A outra, — disse, — pertence ao Conde Solviev.

Foi como se o sol dissipasse as sombras de mágoa que lhe escureciam o olhar, fazendo-os voltarem a exprimir a antiga ternura. Lourence beijou-a, como se nunca mais quisesse separar-se dela, e Natalie fechou os olhos. Mas no seu coração ela via as cores refulgentes do arco-íris do futuro...

FIM.

MARIDOS...

(Cont. da pág. 19)

ATRIZ FAMOSA — Se a senhora não fosse uma jovem tão estonteada eu me zangaria com a senhora. Quem lhe meteu na cabeça que eu lhe tomei seu marido?

JOVEM DE AR GRAVE — Ele lhe manda flores... a toda hora.

ATRIZ FAMOSA — Isto não é verdade.

JOVEM DE AR GRAVE — É, sim.

ATRIZ FAMOSA — Não é. Ele nunca me mandou uma flor, em toda a existência. Ele lhe disse que tinha mandado?

JOVEM DE AR GRAVE — Não! Eu soube na florista. As flores são mandadas para o seu camarim três vezes por semana e debitadas a ele.

ATRIZ FAMOSA — E' mentira!

JOVEM DE AR GRAVE — A senhora quer dizer que eu estou mentindo?

ATRIZ FAMOSA — Quero dizer que alguém lhe mentiu. JOVEM DE AR GRAVE (remexe na bolsa procurando uma carta) — E que tal esta carta?

ATRIZ FAMOSA — Carta?

JOVEM DE AR GRAVE — Ele a escreveu à senhora. E dizia...

ATRIZ FAMOSA — Ele a escreveu para mim? Deixe-me ver...

JOVEM DE AR GRAVE — Não. Vou ler para a senhora. (Abre a carta e lê lugubrememente.) "Minha querida, não

poderei vê-la no teatro hoje à noite. Negócio urgente. Mil desculpas. Dez mil beijos. — Alfredo".

ATRIZ FAMOSA — Oh!

JOVEM DE AR GRAVE — Achei isto na secretária dele esta manhã. Provavelmente ele pretendia mandá-la à noite ao teatro por um portador. Mas se esqueceu. E eu a abri. (Chora.)

ATRIZ FAMOSA — A senhora não deve chorar.

JOVEM DE AR GRAVE (soluçando) — Não devo chorar? A senhora rouba meu marido e eu não devo chorar? Oh! eu sei o pouco que isto significa para a senhora! E como isto é fácil para a senhora! Uma noite a senhora se veste como uma princesa real, e na noite seguinte se despe como uma deusa grega. A senhora enegrece as sobrancelhas e avermelha os lábios e passa cera nos cílios e pinta as faces... tem cosméticos e luzes brilhantes para fazê-la parecer linda... a prosa dum escritor para fazê-la espirituosa e culta... Não admira que um pobre advogado de espírito simples se apaixone pela senhora. Que vantagens posso ter eu contra a senhora, no meu vestido barato, com meus lábios e sobrancelhas ao natural, com meus modos sem estudo? Eu não sei me cobrir de artifícios, fazer póse e seduzir um homem. Não tenho o sr. Shakespeare para escrever bonitas frases para mim... Na realidade a senhora pode ser mais estúpida do que eu, porém admito que quando se trata de seduzir os homens eu não posso competir com a senhora.

ATRIZ FAMOSA — Este é um caso muito interessante.

JOVEM DE AR GRAVE — Qual?

ATRIZ FAMOSA — O seu.

JOVEM DE AR GRAVE — O meu? Que é que a senhora quer dizer?

ATRIZ FAMOSA — Quero dizer que nunca recebi uma flor ou uma carta ou o que quer que seja de seu marido. Diga-me uma coisa: a senhora e seu marido ultimamente não têm tido sérias desavenças?

JOVEM DE AR GRAVE — E' certo.

ATRIZ FAMOSA — E antes costumavam ser muito afetuosos um para o outro?

JOVEM DE AR GRAVE — Sim.

ATRIZ FAMOSA — E ultimamente têm andado muito frios?

JOVEM DE AR GRAVE — Sim.

ATRIZ FAMOSA — Justamente! Um caso típico... Minha cara, se a senhora soubesse quantas vezes nós, atrizes, nos defrontamos com uma situação destas! E' perfeitamente claro que seu marido tem estado representando essa pequena comédia para torná-la ciumenta, para reavivar seu interesse por ele.

JOVEM DE AR GRAVE (muda de espanto, boquiaberta) — A senhora de fato acredita nisto? Quer dizer que uma coisa destas já lhe aconteceu antes?

ATRIZ FAMOSA — Uma infinidade de vezes. Acontece a toda atriz que seja moderadamente bonita e de razoável sucesso. E' um dos expedientes mais antigos do mundo, e nós, atrizes, somos um alvo natável para isto! Raro é o homem ligado ao teatro que não o utilize uma vez por outra — autores, advogados, compositores, desenhistas de cenários, regentes de orquestra, até mesmo os empresários. A única coisa de que eles precisam para recuperar o afeto de uma esposa ou de uma noiva é inventarem um caso de amor com uma de nós. A mulher está sempre tão pronta a acreditar nisto! Habitualmente nós não sabemos nada a respeito, mas mesmo quando chega ao nosso conhecimento, não nos importamos muito. Afinal, temos o consolo de saber que servimos de meio para fazer felizes muitos casamentos, que doutro modo teriam terminado nos tribunais de divórcio.

JOVEM DE AR GRAVE — Mas, como... como poderia eu saber?...

ATRIZ FAMOSA (com uma graciosa risada) — Bem, minha cara, não tem por que pedir desculpas. Naturalmente a senhora não poderia saber. E' uma coisa bem plausível. A senhora imagina que seu marido vive numa atmosfera de permanente tentação... num mundo de bastidores cheio de lindas sereias sem escrúpulos nem moral. Uma atriz, a senhora pensa, é mais perigosa do que cem mulheres comuns. A senhora nos odeia e nos teme... e ninguém compreende isto melhor do que seu marido, que é evidentemente um advogado muito esperto. E portanto ele joga com o receio e com o ciúme da senhora, para recuperar o amor que a senhora lhe nega. Escreva-me uma carta e a deixa em cima da secretária. Creia que um advogado nunca faz isso sem intenção. Encomenda flores para mim de manhã e provavelmente cancela a ordem no momento em que chega ao escritório. A propósito, ele não tem um cacho dos meus cabelos?

JOVEM DE AR GRAVE — Sim. Na gaveta da secretária. Eu o trouxe comigo.

ATRIZ FAMOSA — Eu não disse? Eles subornam meu cabeleireiro para roubá-los. E' admirável que eu ainda conserve um fio de cabelo.

JOVEM DE AR GRAVE (com ar de felicidade) — Foi assim que ele conseguiu estes?

ATRIZ FAMOSA — Não vejo como pudesse ser de outro modo. Diga-me uma coisa: ele não deixou nenhuma carta de amor jogada atoa?

JOVEM DE AR GRAVE (alarmada) — Não.

ATRIZ FAMOSA — Ora, não fique alarmada. Não lhe escrevi nenhuma.

JOVEM DE AR GRAVE — Mas que foi que fez a senhora...?

ATRIZ FAMOSA — Bem, eu poderia ter escrito se ele chegasse e me dissesse francamente: "Sara, poderia fazer-me um favor? Minha mulher e eu não estamos em muito boas relações. A senhora poderia escrever-me uma carta apaixonada para que eu a deixe esquecida em casa, onde

(Cont. na pág. 52)

NINGUEM ESCAPA

Um folhetim-sintético-ilustrado de REVISTA DA SEMANA — Direitos adquiridos ao King Feature Syndicate.

História de FAITH BALDWIN — Desenhos de J. SCHABELITZ



Linda chegou durante a noite...



Cynthia a recebeu carinhosamente.



Cabeças apareciam nas portas...



... me embriagaria!

Levando avante o seu plano de abandonar Benfield, Linda Wheaton embarcou para Nova York em fins de fevereiro. Arranjou para morar numa pensão de moças comerciais, dirigida pela irmã de uma sua antiga colega. A caminho, Linda pensou que pelo menos Cynthia Warren não devia saber do caso de Rix. Chegou à grande cidade em plena névoa de uma noite de inverno. O frio era úmido e atravessava as roupas penetrando até os ossos; não era como o frio seco e saudável de Benfield. Num taxi, partiu para a pensão, que ficava na parte oeste de Nova York, o "West Side". A pensão ficava num grande prédio de fachada vermelha e branca e Cynthia

era mulher de uns trinta anos, esguia e bem vestida, de rosto claro e alegre. Recebeu Linda com todo o carinho. — Vamos primeiro ver o seu quarto, — disse ela. — Depois veremos a cozinha. Arranjei um quarto de esquina para você. Foi muita sorte, pois se trata de um ótimo aposento. A moça que o ocupava, acho que perdeu a cabeça, desapareceu.

Pelo corredor, cabeças louras, ruivas e negras se projetavam das portas e saudavam Cynthia. — Uma grande família feliz, — explicou Cynthia. — Amizades que brotam! E os ódios... e as brigas. E' maravilhoso! — O quarto era bom mesmo. Tinha duas janelas, ornamen-

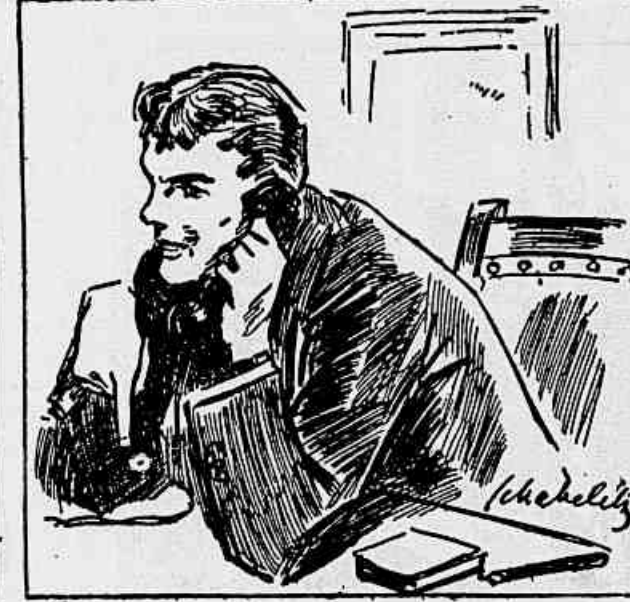
tado em chitão. Cynthia sentou-se para conversar. "Era bom que ela saísse", pensava Linda. — Você já arranjou emprego? — Cynthia queria saber. — Não, mas espero não encontrar dificuldades, — foi a resposta confiante, se bem que não sincera. Pouco depois, Cynthia saiu. Linda sentou-se na beira da cama e olhou em torno. Via apenas seu próprio quarto, lá em casa, com o retrato de Rix a lhe sorrir da parede. Ouviu os passos fortes do pai, a voz da mãe. Até o cheiro de casa ela sentiu. Apertou na garganta, ardor nos olhos... E de repente, surpreendeu-se com a própria voz: — Se fôsse um homem eu sairia daqui agora mesmo e me embriagaria...



Muitas moças pararam na sua mesa, bonitas e feias...



Linda chamou Tony. — Quero emprego!



— Dê um pulo até cá. — disse ele.

Linda despertou na manhã seguinte e ficou quietinha no leito, ajustando-se ao novo lar, aos ruídos estranhos além da porta, vozes e os risos de moças que passavam para o café. Levantou-se e olhou para o regulamento da casa. Precisava correr para não perder a hora. Um banho de chuveiro, o costume com que viajara, a blusa de seda e os sapatos abotinados. Passou a escova nos cabelos e pintou os lábios. Fora, no corredor, as moças se apresentavam: — E' nova aqui, não é? Está gostando? — Lá em baixo Cynthia já a esperava. — Aqui tem sua bandeja. Isso aqui é uma espécie de "império do avanço", sabe? Mas salvei uma mesa para você. Terá tempo de sobra para saber todos os nomes, ambições e fracassos de to-

das elas. — Mas várias moças pararam na mesa, e vieram as necessárias apresentações. Pequenas bonitas e feias e outras não tão jovens, moças que tinham empregos e outras desempregadas, moças que trabalhavam de dia e estudavam de noite.

— Por que não aproveita a folga de hoje para se arrumar? — propôs Cynthia. — Estou livre esta tarde e posso ajudá-la. — Linda sorriu. — Seria ótimo, mas antes disso preciso encontrar uma pessoa.

— As cabines telefônicas ficam no vestibulo. Quando resolver é só me avisar.

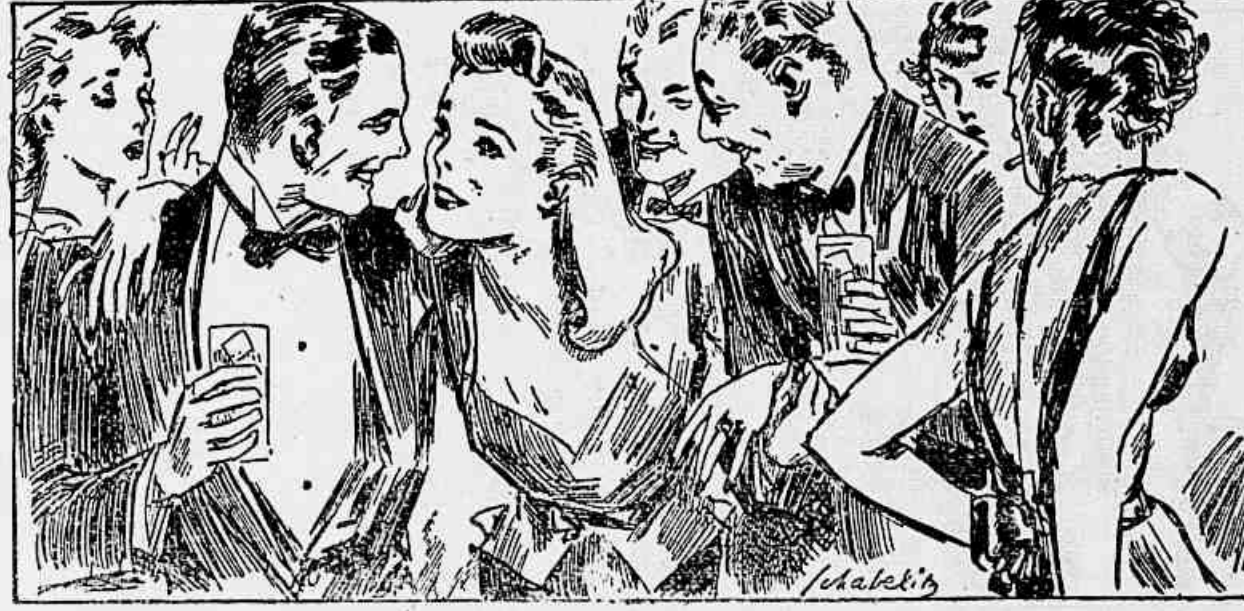
Pouco mais tarde Linda encontrou o número da firma de Anthony Dennison e discou. Assim que ele atendeu ela sentiu-se alegre. — Linda Wheaton, — disse ele, — que está fazendo aqui na cidade? — Ela respondeu: — Se quer mesmo saber, estou procurando emprego. Sei que não tenho o direito de me agarrar com você, mas... — E ele: — Dê um pulinho até cá... um minutinho... que tal às doze e trinta, heim? Assim conversaremos, almoçando... Gostarei imenso de vê-la novamente. — Desligando o aparelho Linda voltou para Cynthia. — Você parece contente, filha. Conseguiu alguma coisa? — Mais ou menos. Tenho um encontro. — Cynthia pôs a sua mão protetora sobre o ombro dela. — Boa sorte...



— Sinto o que aconteceu.



Tony encontrara Rix e Peg numa festa.



Na festa de Tony, Nelda Heron imperava...

Tony Dennison estava exatamente como Linda o recordava. — Você está magnífica, — saudou ele, para logo acrescentar, mais sério: — Sentí muito quando tive notícia do rompimento do seu noivado. — Era o que ele pensava. Maravilhoso encontrar alguém que pensasse dessa maneira. Linda respondeu: — Está tudo em ordem. Foi o melhor que me podia acontecer.

Durante o almoço Tony afirmou que ela arranjaria emprego na sua firma. Prometeu apresentá-la à encarregada do pessoal. Pouco depois ele disse, ao acaso: — Encontrei Rix Anderson no outro dia mesmo... Numa festa em casa de uma amiga... Ele e...

— E Peg, — completou Linda em voz baixa. — Exato,

— disse Tony, com evidente alívio. — Ela... eles estavam muito bem. — E Linda percebeu que ele devia saber. Continuou a comer. Tony teve pena dela. E se ela se agarrasse com ele? Não que Nelda Neron já lhe pertencesse... mas ele se apaixonara há tão pouco tempo. — Não se deixe perturbar por isso, — consolou. — Não me deixo, não, Tony. Você vai ver. Arranje-me o emprego e fique observando. E' só o que eu quero. E se ousar sentir dó de mim...

Ele disse gentilmente: — Eu tenho pena é de Anderson, que não sabe o que perdeu...

O mês de Maio encontrou Linda já bem firme no seu

novo emprego. Era secretária de Thomas Yorke, um dos sócios da firma, rapaz simpático e provido, nas horas vagas, de todos os instintos do gavião civilizado. Pouco depois tanto ela como Tony foram promovidos, quase ao mesmo tempo. Ela, a secretária de Andrew Powell, um dos chefões, e ele foi admitido como sócio da firma. O acontecimento pedia celebração, de modo que Tony ofereceu um jantar... ao qual Linda compareceu. A anfitriã era a velha mãe de Tony, frágil e encantadora, e entre os convidados havia grande número de moças bonitas, entre elas Nelda Heron. Nelda, Linda notou, loura e bela, era a dona do terreno. E Linda também notou que Tony estava quase que totalmente "caído".

NINGUEM ESCAPA

Tradução de **JORGE A. FORTES**,
especialmente para
REVISTA DA SEMANA

Este folhetim continuará
no próximo número, nestas
mesmas páginas



— Que tal um fim de semana?



Cruzavam verdes matas...



— E' lindo, — disse Linda.



Nelda veio recebê-los.

Foi cerca de quinze dias depois da festa que Tony irrompeu na sala de Linda. — Que tal um fim de semana no campo? — A resposta foi fria: — Está me convidando? — Tony olhou para ela e pensou, com certa tristeza, que Linda Wheaton não daria uma resposta assim alguns meses antes. Observou-a. Estava ficando estandardizada; nas palavras, nos trajés, nas reações. Em Benfield ela o entusiasmara com a sua vitalidade, com a sua viveza... Nelda lhe explicará tudo, — disse ele. — Pelo telefone. Ela quer que você e eu compareçamos; Thomas Yorke também. Os Heron têm uma casa de campo em Connecticut... — Linda ficou pensando nas

fotografias que já vira da enorme mansão dos pais de Nelda, gente de dinheiro. Suspirou: — Vou pensar no assunto. Seria excelente...

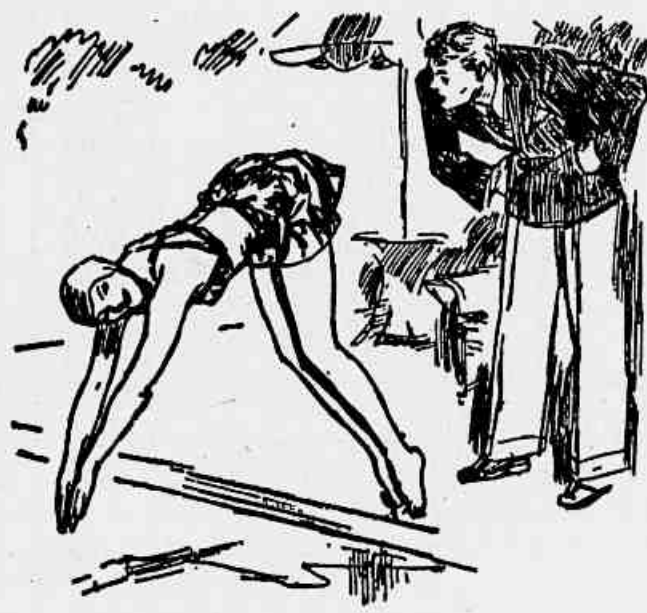
Na tarde de sábado, Tony foi buscá-la numa baratinha. Sairam da cidade, cruzando verdes campos e pararam para jantar num restaurante muito bom. Entre os aperitivos e a boia os dois saíram para uma sacada, cercada de árvores, dando sobre um riacho. As estrelas reluziam já na penumbra. — E' lindo, — disse ela. — E que serenidade... — Tony então narrou como o sr. Heron o trouxera uma noite até ali, quando ele conhecera Nelda. Linda pensou: "Ele sempre se lembrará daqui

como o lugar em que a conheceu". E ficou procurando imaginar quando teria ele se apaixonado por Nelda...

Depois do jantar continuaram a correr pelas estradas marginadas de árvores, que cheiravam a primavera. Tomaram depois por uma estradinha secundária, muito estreita e inclinada, que os levou aos imponentes portões abertos de "Heroncrest", a mansão sobre a colina. A casa era enorme, de granito. Os faróis do carro deram uma ideiazinha de jardins que desabrochavam. — A piscina fica lá adiante, — Tony explicou, — atrás daquela elevação. A casa estava iluminada e logo que saltaram do carro Nelda saiu para recebê-los...



Tom York estava super-gentil...



Nelda mergulhou, em meio da conversa.



Lá estava Rix, ao lado de Peg. — Não posso entrar!

Aquela primeira noite em casa dos Heron passou caledoscopicamente. Vieram muitos vizinhos, houve "ping-pong" na sala de jogos, "bridge" no sobrado, e o rádio berrando o tempo todo. Na manhã de domingo Linda acordou tarde e ficou deitada um momento, contemplando o maravilhoso quarto. Puxou o cordão da sineta, como Nelda dissera que fizesse, e saboreou na cama o seu café. Mais tarde perambulou pelos extensos gramados com Tom Yorke; depois chegaram Tony e Nelda de um passeio a cavalo e foram todos para a piscina. Na borda oposta da piscina Linda viu Tony e Nelda conversando. Tony parecia estar protestando, talvez até de-

mais, quando Nelda mergulhou, e saiu nadando sem esperar que ele terminasse. "E' assim o verdadeiro amor", pensou ela. O almoço foi servido na varanda e depois, como Nelda e Tony desaparecessem e Tom Yorke não se mostrasse um tanto impertinente, Linda se desculpou e foi para o quarto. Recostou-se na cama e acabou dormindo. Quando acordou, pelas luzes acêdas, viu que dormira demais. Já estava escurecendo, bem, ninguém viera despertá-la, de modo que não devia estar fazendo falta.

Levantou-se, ainda surpreendida por tanto sono, devido, talvez, a estar respirando ar puro uma vez mais...

e foi mexer na mala, ainda quase intacta. Naquela noite o jantar não seria a rigor. Depois, lembrando-se de que Nelda falara em convidados para um "cock-tail", vestiu uma suéter, o costume, e desceu.

Guiada pelas vozes, foi para a sala do nascente. Lá estava Rix Anderson, encostado à enorme lareira de pedra, de copo em punho. Ao lado dele, Peg, morena e suntuosa num vestido vermelho, conversava com Nelda. Nenhum dos três a vira. Linda ficou onde estava. Pensou que ia morrer com aquilo. "Não vou entrar... não posso... não devo!"



— Não é assim que se faz, — disse Tony.



— Alô, Peg. Como vai, Rix?



Peg olhou para o marido. — Por que não me avisou, Linda?

Num esforço supremo, virou-se para ir embora. Voltaria para o quarto, sem barulho, onde permaneceria até que eles tivessem saído. Já começava a fugir, quando alguém a segurou pelo braço, fazendo-a voltar-se. Era Tony. — Não, Linda, não é assim que se faz, — disse ele, baixinho. Depois, mais alto, para que todos ouvissem: — Onde é que andou metida até agora, criatura?

Linda sentiu que o sangue voltava a circular nas suas veias. E entrou na sala, ainda segura pelo braço. Nelda logo se aproximou; Rix arregalou os olhos, incrédulo, Peg empalideceu. Nelda preparou-se para as apresentações mas Linda falou primeiro, firme: — Já nos conhecemos.

Alô, Peg! Como vai, Rix? Muito prazer em vê-los! — E é isso mesmo; só com hipocrisia. Os olhos de Peg suavizaram-se. Rix apertou-lhe a mão, com muita pressa. Peg disse: — Sempre tive vontade de visitá-la, mas uma coisa e outra...

Alguém então chamou Peg e Rix sorriu para Linda. — Venha cá, — disse ele, — Tenho mil coisas para perguntar-lhe. — Puxou-a para um canto e sentaram-se ambos. — Linda, não podemos continuar assim! Precisamos nos explicar direito! — Ela o encarou em cheio e os olhos dele fugiram, acovardados. Ela disse: — Nem sempre você se conduziu desta maneira. — Ele procurou

se desculpar. — Não, Rix; não pense que eu me preocupo com você. Já estou plenamente refeita. — E Linda ansiava para que não fosse mentira... — Será que não podemos ser amigos? — implorou Rix. — Não vejo vantagens nisso, — ela respondeu. Aqui Peg voltou. Linda viu o olhar enfiado que ela atirou em Nelda; viu os lábios de Rix se apertarem. Era incrível! "Não estão casados nem há seis meses!" pensou.

— Rix! — chamou Nelda, — chegue até aqui. — Peg sentou-se ao lado de Linda e ficou olhando o esposo e Nelda que se afastavam, de braço dado. Então voltou-se para Linda: — Por que não me avisou, Linda?



Ambiente moderno

— Aqui vê-se apenas a penteadeira com seu espelho nũ e, por detrás dela, o pensamento de um tecido florido (Schintz) de tom rosado, a condizer com a forração do piso, executada com passadeira de luxo. Os móveis, de madeira lisa, de tom claro, harmonizam com o "brilhante" dos fer-forgé e dão um ar raffiné ao conjunto.

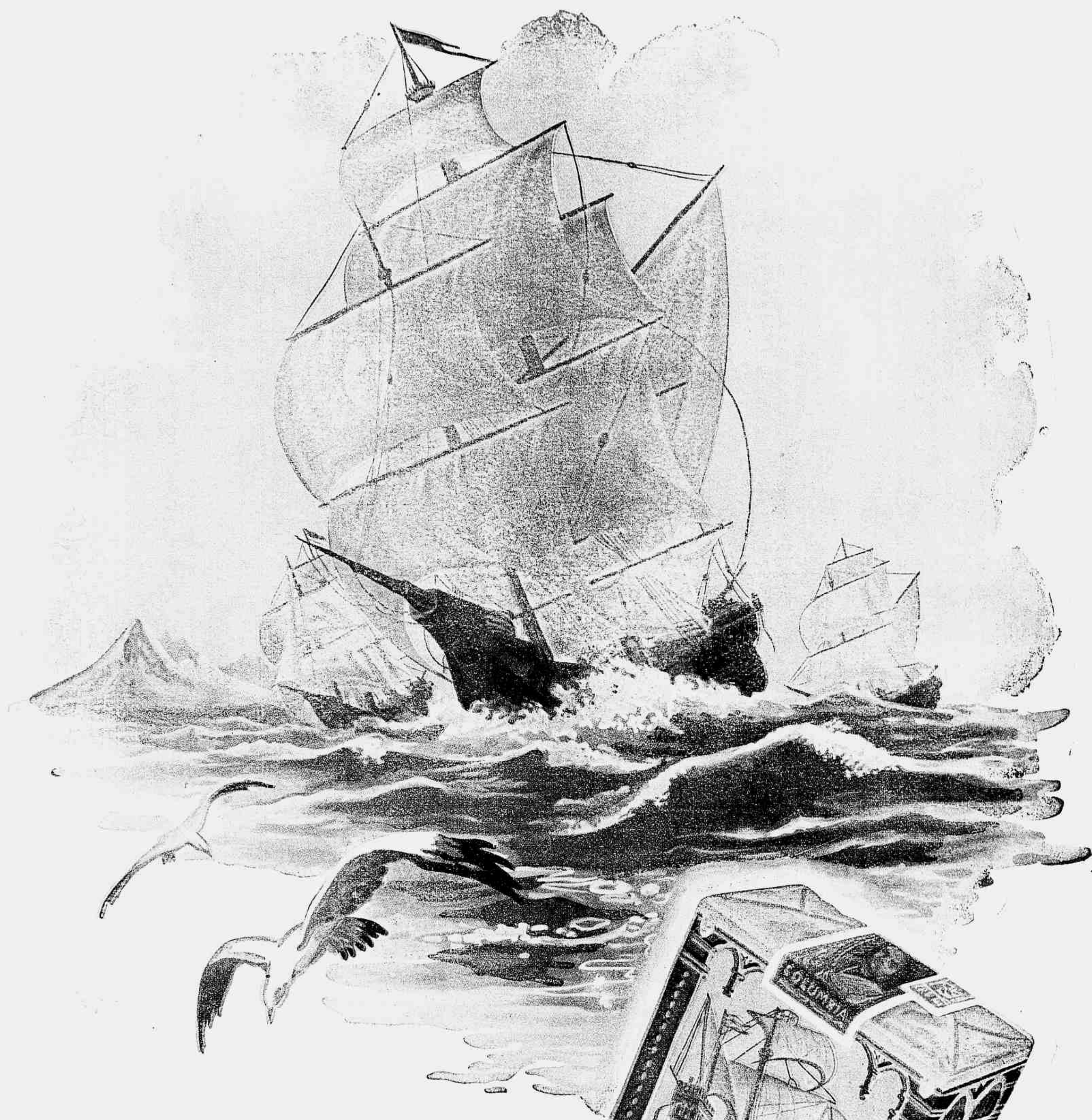
MOBILIARIOS — TAPEÇARIAS — DECORAÇÕES

ORÇAMENTOS - GRATIS



Fundada em 1912

65 - RUA DA CARIOCA 67 - RIO



CIA. DE CIGARROS

Souza Cruz



WELSON